

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
Instituto de Filosofia, Sociologia e Política
Programa de Pós-graduação em Ciência Política -
Mestrado



Dissertação

**A propaganda eleitoral na perspectiva da Teoria do Discurso de
Ernesto Laclau**

Sandra Regina Barbosa Parzianello

Pelotas, 2015

SANDRA REGINA BARBOSA PARZIANELLO

**A PROPAGANDA ELEITORAL NA PERSPECTIVA DA TEORIA DO DISCURSO
DE ERNESTO LACLAU**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência Política do Instituto de Filosofia, Sociologia e Política da Universidade Federal de Pelotas, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ciência Política.

Orientador: Prof. Dr. Daniel de Mendonça

Pelotas, 2015

Banca examinadora:

Prof. Dr. Daniel de Mendonça - UFPel
Prof.^a Dr.^a Bianca de Freitas Linhares - UFPel
Prof. Dr. Hemerson Luiz Pase - UFPel
Prof. Dr. Nadir Lara Junior - UNISINOS

A Geder,
*“Talvez o amor seja como uma janela, talvez uma porta aberta
(...)
E se eu vivesse para sempre, e todos os meus sonhos fossem realizados
Minhas lembranças de amor seriam de você.”*

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, pela oportunidade que me concedeu por duas vezes, ao nascer e renascer. Considero-me uma pessoa de sorte, as conquistas vieram ao seu tempo e os projetos ainda são muitos, tantos quanto a certeza de uma vida longa.

A meu companheiro, namorado, marido há 21 anos, Geder Luis Parzianello, que incansavelmente me compreende, conforta, apoia, que me ensinou o valor da vida, o poder da luta, o justo, um eterno e obstinado educador que sempre me incentiva nas horas que mais preciso. Obrigada por estar comigo até o fim desta etapa, torcendo, acreditando e compreendendo as faltas e a “clausura”.

A nosso único filho, Lucas Barbosa Parzianello, que mesmo morando nos Estados Unidos está sempre presente de alguma maneira, nosso maior orgulho, um acadêmico que já é exemplo pelas conquistas tão prematuras, aliás, para os pais sempre serão. Tão obstinado quanto o pai. Obrigada de coração, com lágrimas nos olhos, aos dois homens da minha vida pelo incentivo nesta caminhada.

Com todo o carinho e enorme admiração, agradeço ao meu orientador Professor Dr. Daniel de Mendonça, pela paciência, incentivo, pelas críticas, pelo grande educador, empenho e ajuda que deu mesmo a distância. Por ter acreditado neste trabalho, desde o primeiro contato, pelos encaminhamentos que juntos fizemos, e pelo excepcional professor, sem dúvida um exemplo de dedicação e comprometimento. Obrigada pela amizade nestes breves anos e, que seja eterna!

A minha turma 2014 do PPGCPol pela oportunidade, pelas amizades e pelas trocas de tantos textos e informações. A Rosana Gomes pelos risos, pela companhia, por ter (com)partilhado momentos tensos, pela receptividade ainda no processo de seleção no final de 2013.

Aos professores do PPGCPol, nomeando as professoras e coordenadoras, Dr.^a Rosangela Marione Schulz e Dr.^a Bianca de Freitas Linhares, homenageio a todos e a todas, obrigada pelo exemplo e amizade.

Às amigas, do Centro de Formação Teresa Verzeri de São Borja/RS, que de alguma maneira sempre estiveram me incentivando, torcendo e orando pela minha realização e por este projeto de vida.

A todos vocês, obrigada!

“O discurso constitui posições políticas sempre relacionais. Uma determinada identidade é ela própria construída a partir da sua diferença com as demais, mas principalmente, sua formação se dá politicamente a partir de seu corte antagônico: um discurso incommensurável, ou seja, que não tem medida comum possível com o discurso com o qual ele se antagoniza. O corte antagônico é, portanto, a ameaça da existência identitária, é a medida da impossibilidade de sua constituição plena, a sua negação in totum.”
(MENDONÇA, 2014, p. 85).

RESUMO

PARZIANELLO, Sandra Regina Barbosa. **A propaganda eleitoral na perspectiva da Teoria do Discurso de Ernesto Laclau**. 2015. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Ciência Política. Universidade Federal de Pelotas, Pelotas-RS.

O objetivo desta pesquisa é demonstrar a construção retórica discursiva utilizada pelos candidatos, Dilma Rousseff (PT) e Aécio Neves (PSDB), no segundo turno da campanha eleitoral à Presidência da República em 2014, a fim de significar os discursos em especial no que se refere aos temas: corrupção, economia e desenvolvimento social. Para o trabalho de análise foram utilizados aspectos teóricos e metodológicos da Teoria do Discurso de Ernesto Laclau e Chantal Mouffe. A partir das principais categorias de análise: o antagonismo e a formação hegemônica discursiva nós abordamos as diferenças em que os candidatos se constroem e também desconstroem o seu opositor na lógica e na dimensão social da luta política. O material empírico que embasa a pesquisa parte das falas dos candidatos veiculadas no Horário Gratuito de Propaganda Eleitoral (HGPE) em que tratam sobre os temas elencados. A pesquisa destaca a estratégia discursiva, bem como as categorias centrais de análise extraídas da obra *Hegemonia e Estratégia Socialista*, em consonância com os estudos teóricos, do pós-estruturalismo, em que Laclau constrói os conceitos fundantes da teoria, como forma de desvelar os aspectos complexos da política. Sobre tudo, a hipótese que guia esta dissertação consiste na afirmação de que a campanha eleitoral de 2014 apontou para uma diferenciação ideológica marcante, sobretudo econômica, entre os candidatos do PT e do PSDB. Enquanto a situação defendeu discursivamente a eficiência das medidas governamentais em defesa e promoção do desenvolvimento social para a geração de renda e riquezas, a oposição colocou em dúvida a gestão e a eficiência governamental vigente e como técnica, assim a coligação liderada pelo PSDB defendia um discurso com propostas geradoras de desenvolvimento econômico para a projeção de mecanismos em defesa do social.

Palavras-chave: Teoria do Discurso, Campanha Eleitoral, Corrupção, Economia, Desenvolvimento Social.

ABSTRACT

PARZIANELLO, Sandra Regina Barbosa. **The Electoral Propaganda in the Perspective of Laclau's Discourse Theory**. 2015. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Ciência Política. Universidade Federal de Pelotas, Pelotas-RS.

This research aims to demonstrate the discursive construction used by candidates Dilma Rousseff (PT) and Aécio Neves (PSDB), in the second round of the election campaign for President of the Brazilian Republic in the year 2014. His speeches are analyzed under themes such as corruption, economics and or social development. The analytical work was done under theoretical and methodological aspects of the authors Ernesto Laclau and Chantal Mouffe. The main categories of analysis like antagonism and hegemonic discursive formation are taken to stablish discursive differences between the two candidates in logic and social dimension of political struggle. The empirical data of this research are the speeches of candidates since they were aired on the Free Time of Electoral Propaganda (HGPE in Portuguese) where they treat on those issues. The research highlights the discursive strategy, as well as central categories of discourse analysis extracted from Hegemony and Socialist Strategy work, in line with the theoretical studies and the post-structuralism. The hypothesis guiding this thesis is the claim that the election campaign of 2014 pointed to marked ideological differences, especially on economics, between the candidates of the PT and the PSDB. While the situation discursively defended the effectiveness of government measures in defense and promotion of social development for the generation of income and wealth, the opposition questioned the management and the current government efficiency, since the coalition led by the PSDB defended a speech with generating proposals for development in order to reach the projection of mechanisms in defense of the social dimension.

Keywords: Discourse Theory, Election Campaign, Corruption, Economics, Social Development.

LISTA DE FIGURAS

Figura 01. Campo discursivo em torno da corrupção no discurso da candidata Dilma Rousseff	59
Figura 02. Campo discursivo em torno da corrupção no discurso do candidato Aécio Neves	64
Figura 03. Articulação do discurso político e formação dos campos discursivos, em torno da corrupção, marcados pelo corte antagônico	66
Figura 04. Campo discursivo em torno da economia no discurso da candidata Dilma Rousseff	81
Figura 05. Campo discursivo em torno da economia no discurso do candidato Aécio Neves	90
Figura 06. Articulação do discurso político e formação dos campos discursivos, em torno da economia, marcados pelo corte antagônico	93
Figura 07. Campo discursivo em torno do desenvolvimento social no discurso da candidata Dilma Rousseff	108
Figura 08. Campo discursivo em torno do desenvolvimento social no discurso do candidato Aécio Neves	121
Figura 09. Articulação do discurso político e formação dos campos discursivos, em torno do desenvolvimento social, marcados pelo corte antagônico	124

LISTA DE IMAGENS

Imagem 01. HGPE segundo turno 2014 - Dilma 10/10/2014 (Noite)	54
Imagem 02. Programa da campanha de Dilma Rousseff - 12/10/2014 (Tarde)	55
Imagem 03. Programa da campanha de Dilma Rousseff - 12/10/2014 (Tarde)	56
Imagem 04. HGPE segundo turno 2014 – Dilma 12/10/2014 (Tarde)	104
Imagem 05. HGPE segundo turno 2014 – Dilma 12/10/2014 (Tarde)	104
Imagem 06. Propaganda eleitoral de Aécio Neves - 15/10/2014 (Noite)	113
Imagem 07. Programa Eleitoral – Aécio Neves – 16/10/2014 (Tarde)	114
Imagem 08. Programa Eleitoral - Aécio Neves - 17/10/2014 (Noite)	115
Imagem 09. HGPE segundo turno - Aécio Neves em 18/10/2014 (Noite)	116
Imagem 10. HGPE segundo turno – Aécio Neves 19/10/2014 (Noite)	117
Imagem 11. HGPE Segundo turno – Aécio Neves 19/10/2014 (Noite)	118

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CsF	Ciência sem Fronteiras
DEM	Democratas
FIES	Fundo de Financiamento Estudantil
FHC	Fernando Henrique Cardoso
HGPE	Horário Gratuito de Propaganda Eleitoral
LULA	Luiz Inácio Lula da Silva
Lulopetismo	Governo comandando por Luiz Inácio Lula da Silva, do PT
PAC	Plano de Aceleração do Crescimento
PCdoB	Partido Comunista do Brasil
PDS	Partido Democrático Social
PDT	Partido Democrático Trabalhista
PEN	Partido Ecológico Nacional
PIB	Produto Interno Bruto
PMDB	Partido do Movimento Democrático Brasileiro
PMN	Partido da Mobilização Nacional
PP	Partido Progressista
PR	Partido da República
PRB	Partido Republicano Brasileiro
PRN	Partido da Reconstrução Nacional
Pronatec	Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego
PROS	Partido Republicano da Ordem Social
PROUNI	Programa Universidade para Todos
PSB	Partido Socialista Brasileiro
PSD	Partido Social Democrático
PSDB	Partido da Social Democracia Brasileira
PT	Partido dos Trabalhadores
PTB	Partido Trabalhista Brasileiro
PTC	Partido Trabalhista Cristão
PTdoB	Partido Trabalhista do Brasil
PTN	Partido Trabalhista Nacional
SD	Solidariedade (partido político)

SUMÁRIO

Resumo	07
Abstract	08
Lista de figuras	09
Lista de imagens	10
Lista de abreviaturas e siglas	11
INTRODUÇÃO	14
 CAPÍTULO 1 – MATRIZ TEÓRICA, CONTEXTUALIZAÇÃO SOBRE A TEORIA DO DISCURSO E PRODUÇÃO DISCURSIVA PRELIMINAR	24
1.1 Introdução	24
1.2 A Teoria do Discurso de Ernesto Laclau: origem e influências	26
1.3 O Discurso enquanto categoria: articulação e momento	29
1.4 Antagonismo	33
1.5 Hegemonia: a constituição dos significantes	34
1.6 Lógica da diferença e lógica da equivalência	37
1.7 Considerações	40
 CAPÍTULO 2 – A CAMPANHA ELEITORAL À PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA EM 2014	41
2.1 Introdução	41
2.2 Panorama pré-campanha eleitoral	42
2.3 Tragédia e morte de Eduardo Campos	44
2.4 A novidade: o fenômeno Marina Silva	46
2.5 Segundo turno: Dilma (PT) e Aécio (PSDB)	47
2.6 Considerações	48
 CAPÍTULO 3 - O DISCURSO POLÍTICO ELEITORAL DE DILMA E AÉCIO EM TORNO DO TEMA CORRUPÇÃO	50
3.1 Introdução	50
3.2 A construção retórica discursiva da candidata Dilma Rousseff contra a	

corrupção	52
3.3 A construção retórica discursiva do candidato Aécio Neves contra a corrupção	59
3.4 A formação do discurso político em torno da corrupção por Dilma Rousseff e Aécio Neves marcadas pelo corte antagônico	65
3.5 Considerações	68

CAPÍTULO 4 - O DISCURSO POLÍTICO ELEITORAL DE DILMA E AÉCIO EM TORNO DO TEMA ECONOMIA70

4.1 Introdução	70
4.2 A construção retórica discursiva da candidata Dilma Rousseff sobre economia	71
4.3 A construção retórica discursiva do candidato Aécio Neves sobre economia	81
4.4 A formação do discurso político em torno da economia por Dilma Rousseff e Aécio Neves marcadas pelo corte antagônico	91
4.5 Considerações	95

CAPÍTULO 5 - O DISCURSO POLÍTICO ELEITORAL DE DILMA E AÉCIO EM TORNO DO TEMA DESENVOLVIMENTO SOCIAL97

5.1 Introdução	97
5.2 A construção retórica discursiva da candidata Dilma Rousseff (PT) sobre o desenvolvimento social	98
5.3 A construção retórica discursiva do candidato Aécio Neves (PSDB) sobre o desenvolvimento social	109
5.4 A formação do discurso político em torno do desenvolvimento social por Dilma Rousseff (PT) e Aécio Neves (PSDB) marcadas pelo corte antagônico	121
5.5 Considerações	125

CONSIDERAÇÕES FINAIS127

REFERÊNCIAS133

INTRODUÇÃO

Os avanços políticos que ocorreram no Brasil em especial com a Constituição Federal em 1988, a “Constituição Cidadã”, representam uma gama de valores incontestáveis aos cidadãos. A partir daquela década, a tradição autoritária no país fora vencida, em meio a um lento processo e de muitas lutas travadas pelos setores democráticos da sociedade brasileira. Ainda nas eleições de 1985 quando a oposição venceu Paulo Maluf (PDS) sem a imposição do regime militar, Tancredo Neves (PMDB) ou o “Senhor Nova República”, representava o real significado de mudança e sentido para a abertura democrática.

Doente e hospitalizado, Tancredo Neves não toma posse. João Baptista de Oliveira Figueiredo, o último presidente do regime militar, se recusa a transferir formalmente o cargo para José Sarney, que acabou assumindo definitivamente a Presidência da República, com a morte de Tancredo, ocorrida em 21 de abril de 1985. Depois de um Brasil sem vice-presidente, outros fatos marcantes fizeram obviamente parte da história política eleitoral do país.

Em 1989, 22 candidatos concorreram ao cargo máximo do executivo, a grande maioria sem expressão nacional. Luiz Inácio Lula da Silva, o metalúrgico Lula, do Partido dos Trabalhadores (PT) já era um entre aqueles e quem perdeu a eleição para Fernando Collor de Mello, do Partido da Reconstrução Nacional (PRN), que seria deposto por corrupção em 1992. Lula ainda foi derrotado nos pleitos de 1994 e 1998, pelo sociólogo Fernando Henrique Cardoso (FHC) do Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB), eleito nos dois pleitos em primeiro turno.

O Lulopetismo desponta em 2002 com a primeira vitória de Lula e com a reeleição em 2006 ambas em segundo turno e vencendo os candidatos do PSDB. No final de seu primeiro mandato, ocorrem os primeiros escândalos de corrupção envolvendo petistas, contextualizados pelos efeitos do mensalão. O capital político conquistado pelo PT e seu maior líder, Lula, não deixou o poder transitar para a oposição. No ano de 2010, Lula “elege” sua sucessora, Dilma Rousseff.

O Brasil de hoje traz marcas das políticas de muitas virtudes, mas também da convivência, da corrupção e do desperdício. Já não é mais o mesmo país desde as manifestações de Junho de 2013. Governo, oposição e sociedade sentiram os reflexos sobre algo que não ia bem e a insatisfação difundiu uma realidade antagônica daquela que, desde 2002, proclamava um país emergente, com políticas de distribuição de renda e de oportunidades para todos.

O ano de 2014 marcou mais um passo na democracia em que pelo menos 11 candidatos concorreram à vigésima nona eleição para à Presidência da República, a sétima eleição direta em regime democrático. Mais uma vez, a dinâmica política protagonizada pelos candidatos do Partido dos Trabalhadores (PT)¹ e Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB)², desperta a busca pelos sentidos e significações dos discursos manifestos, centrados por sua vez em temas específicos como da corrupção, da economia e do desenvolvimento social.

A análise pretendida com este trabalho buscou evidenciar se as diferenças de discurso acentuam-se ou atenuam-se no desenrolar da campanha eleitoral e como esses discursos, representados pelos candidatos de maior capital político, significaram suas diferenças em torno dos temas elencados.

Os discursos políticos proferidos durante o segundo turno da campanha eleitoral de 2014, pelos candidatos Dilma Rousseff (PT) e Aécio Neves (PSDB), atravessaram uma transformação que pode ser sentida pelo analista do discurso. Os candidatos, tão somente oponentes, entram no segundo turno para um debate em torno da centralidade de temas como o da corrupção, e isto gera a hipótese central desta pesquisa de que a campanha eleitoral de 2014 apontou para uma diferenciação ideológica marcante, sobretudo em torno da questão da economia como tema, entre os candidatos do PT e do PSDB.

Enquanto a situação defendeu discursivamente a eficiência das medidas governamentais em defesa e promoção do desenvolvimento social para a geração de renda e riquezas, a oposição colocou em dúvida a gestão e a eficiência governamental vigente e como técnica, assim a coligação liderada pelo PSDB

¹ Partido líder da coligação “Com a Força do Povo” da candidata Dilma Rousseff reúne os partidos políticos PT, PMDB, PCdoB, PDT, PP, PR, PRB PROS e PSD.

² Partido líder da coligação “Muda Brasil” do candidato Aécio Neves reúne os partidos políticos PSDB, DEM, PEN, PMN, PTB, PTC, PTdoB, PTN e SD.

defendia um discurso com propostas geradoras de desenvolvimento econômico para a projeção de mecanismos em defesa do social.

A forma antagônica com que os candidatos ocuparam lugares opostos fez com que cada um assumisse um espaço discursivo e fixo nessa estrutura. O posicionamento dos partidos políticos colaborou no sentido de caracterizar o momento de disputa política e sentidos entre os candidatos do PT e do PSDB, o que acarretou numa produção contingente durante o Horário Gratuito de Propaganda Eleitoral (HGPE)³, construída discursivamente e associada à posição ocupada por cada um dos partidos.

Nesse sentido, o pleito eleitoral em questão manteve a polarização PT e PSDB, portanto, com uma diferença ideológica particular, evidenciada nos dois projetos políticos distintos: o da candidata à reeleição, Dilma Rousseff (PT) e o do candidato de oposição, Aécio Neves (PSDB). O que o HGPE permite evidenciar são formações discursivas entre duas linhas de pensamento para um embate expressivo entre eles, com propostas divergentes e em busca de diferenças antagônicas entre situação e oposição.

O discurso político como objeto desse estudo enquadra-se na área da Ciência Política. Esta pesquisa toma, assim, para análise, a disputa discursiva entre os dois candidatos concorrentes ao segundo turno da eleição de 2014, a candidata petista e o candidato tucano, naquele embate eleitoral, enquanto adversários políticos. Desse modo, o tema da presente pesquisa é formalmente entendido como o estudo sobre o embate eleitoral entre os candidatos à Presidência da República, Aécio Neves (PSDB) e Dilma Rousseff (PT) nas eleições de 2014. Mais especificamente, investigam-se como os candidatos construíram seus discursos e a imagem do adversário político durante o segundo turno da campanha, no HGPE.

PSDB e PT são tradicionais adversários políticos e sustentam as principais candidaturas há pelo menos duas décadas. Em 1994, Fernando Henrique Cardoso – FHC (PSDB) foi eleito Presidente da República e reeleito em 1998, ganhando os dois pleitos do então candidato Luiz Inácio Lula da Silva - Lula (PT). Ao longo do mandato, FHC manteve com sucesso o Plano Real que havia implantado enquanto Ministro da Fazenda no governo Itamar Franco, quando deu fim à hiperinflação, que

³ Para esta análise considera-se o segundo turno da campanha eleitoral no HGPE, no período de 11 a 24 de outubro de 2014.

em 1993 chegara ao patamar de 2.400%. FHC criou, ainda, programas sociais inéditos como Bolsa-Escola, Auxílio-Gás, Bolsa-Alimentação e do Cadastro Único do Governo Federal.

No pleito presidencial de 2002, o candidato José Serra (PSDB) perdeu as eleições para Lula (PT) que já concorria pela quarta vez ao cargo. O governo petista, então, readequou e expandiu os programas sociais já implantados, juntando todos em um só, batizado como Bolsa-Família⁴. Em 2006, o PSDB novamente perdeu a disputa com o candidato a presidente Geraldo Alckmin e Lula (PT) eleito novamente Presidente do Brasil, tendo como principal projeto o Plano de Aceleração do Crescimento (PAC). Na eleição presidencial de 2010, José Serra (PSDB) voltou a ser candidato, mas a sucessora de Lula, Ministra-chefe da Casa Civil, Dilma Rousseff (PT) foi eleita como a primeira mulher Presidenta do Brasil.

Com este trabalho que visa a pesquisar sobre o universo das campanhas eleitorais com a proposta de análise do discurso entre ‘diferentes’, cabe problematizar formalmente a partir da seguinte questão: como os discursos dos candidatos à Presidência da República em 2014, Aécio Neves e Dilma Rousseff, significaram suas diferenças durante o segundo turno no HGPE, em especial sobre os temas corrupção, economia e desenvolvimento social?

Para analisar os discursos dessa experiência democrática com as eleições presidenciais de 2014 e os processos políticos contemporâneos, sob o olhar da teoria política, esta pesquisa se apoiará nos estudos de Ernesto Laclau, quem considera como categorias centrais de análise, a “representação” e a “democracia”. (2013: 231). Desta perspectiva, elencam-se alguns temas relevantes na análise do discurso político, conforme elencados acima, destacados para a pesquisa e extraídos de enunciados praticados no segundo turno do HGPE, enquanto táticas eleitorais discursivas mais discutidas e defendidas pelos candidatos Aécio e Dilma.

A relevância desta caminhada histórica e a amplitude da experiência do processo político eleitoral instigam a presente pesquisa acadêmica a perceber e a analisar a influência de determinados sujeitos nos processos políticos, desde as suas construções retóricas e discursivas. Logo, o objetivo da presente pesquisa está em demonstrar a construção retórica discursiva utilizada pelos candidatos, Dilma

⁴ Lei nº 10.836 de 09 de janeiro de 2004. Cria o Programa Bolsa Família e dá outras providências.

Rousseff e Aécio Neves, no segundo turno da campanha eleitoral de 2014 a fim de significar os discursos em especial no que se refere aos temas: corrupção, economia e desenvolvimento social.

A viabilidade deste estudo e a originalidade da proposta estão na expansão dos estudos em análise do discurso de proeminentes teóricos políticos do século XX como Ernesto Laclau e Chantal Mouffe entre outros, que colaboram para a reflexão acerca de elementos ontológicos da política, na busca de fundamentar as experiências democráticas e os processos políticos contemporâneos, sob o olhar da teoria política.

Para tanto, cumprimos alguns pontos ao longo deste processo como: a) Contextualizamos o caminho entre a obviedade, representada na polarização PT e PSDB, e a novidade, fenômeno Marina Silva, que retratou o primeiro turno da campanha eleitoral; b) Conhecemos as identidades em disputa nas estruturas discursivas dos candidatos e sua operacionalização em relação aos temas elencados; c) Identificamos os pontos em comum entre os discursos políticos antagônicos dos candidatos Dilma e Aécio; d) Analisamos as diferenças antagônicas construídas nos discursos dos candidatos Dilma e Aécio e finalmente destacamos a estratégia retórica dos discursos em que os candidatos se constroem e quando desconstroem o seu opositor.

As demandas que se articularam em torno de temas como economia e desenvolvimento social agora surgem com o agravante da corrupção e a singularidade de que ela fere tanto a imagem das instituições quanto da própria política brasileira. A emergência de um discurso capaz de refletir sobre os princípios básicos para o ordenamento do Estado e a ascensão da imagem política no Brasil, serão determinantes para fortalecer o atual processo democrático, bem como para favorecer o efetivo crescimento econômico, político e social.

Esta guerra de posições políticas, chamada campanha eleitoral, está submetida a um jogo político em que há uma disputa pela sociedade e alguém será reconhecido como vencedor. Nesta pesquisa, tais posições políticas são apresentadas sobre uma análise qualitativa, que toma como base a Teoria do Discurso, sob o referencial de Ernesto Laclau e Chantal Mouffe, da Escola de Essex e seus seguidores.

A partir dos conceitos de representação e de democracia a pesquisa assume relevância enquanto categorias centrais para a teoria política laclauniana a partir do que se pretende estudar, os discursos em torno dos programas de governo que articulam na história viva da campanha. A base teórica permite a convicção de que este trabalho é uma forma de contribuir para o debate sobre a política contemporânea no Brasil, bem como colaborar com outros aprofundamentos das reflexões nas áreas das Ciências Sociais e, em especial, na Ciência Política.

A complexidade das relações sociais e de poder estabelece uma conduta crítica que favorece a repensar sobre as concepções evolutivas do presente. A partir das estratégias e produções discursivas, se buscará interpretar e compreender as particularidades enunciativas em torno do cenário político. As imagens da propaganda eleitoral, os debates e os recortes discursivos que se analisará no decorrer do trabalho favorecem a repensar sobre o processo político contemporâneo.

É sob a esteira da herança teórica de Laclau, que esta pesquisa reconhece a relevância de uma análise hermenêutica do contexto político, pelo qual se pretenderá contextualizar as práticas discursivas ao ambiente de tensão política, aos reflexos da crise econômica mundial e a historicidade dos fatos.

A pesquisa foi operacionalizada a partir de um trabalho lento e pela busca do 'diferente', inerente aos discursos. As fases de exploração e de conhecimento foram instrumentalizadas pelos recursos via internet e sobre pesquisas bibliográficas referentes aos processos eleitorais passados que envolvessem, ou não necessariamente, a análise do discurso. "Ou seja, a escolha de uma abordagem define a forma do pesquisador "olhar" a realidade e se posicionar em relação a ela no trabalho de investigação." (PINTO, 2008, p. 64).

Com a delimitação do problema, dos objetivos e com a afirmação de uma hipótese houve uma opção pela teoria e método da análise do discurso, não essencialista. "A elaboração das hipóteses tem como ponto de partida o conhecimento, ainda que por óbvio, limitado do tema e do ambiente empírico, no qual se deseja fazer a investigação." (PINTO, 2008, p. 66). O caráter pós-estruturalista considera os desejos políticos e as articulações como resultado de processos complexos, construídos mediante a emergência de demandas contingentes e a precariedade da estrutura institucional, em que diferentes

identidades que disputam a construção de um pensamento hegemônico buscam cada vez mais espaço em sociedade.

Para compreender sobre as influências e a produção discursiva na linha do “nós e eles”, que nascem da psicanálise francesa e da influência pós-estruturalista, foi fundamental a leitura e o fichamento de algumas obras e artigos de autores como, por exemplo, Jacques Derrida, Michel Foucault, Slavoj Žižek, Dominique Maingueneau, entre outros.

A aproximação com a análise política do discurso foi gradual e crescente, de modo muito especial com os aspectos teóricos e metodológicos de Ernesto Laclau e Chantal Mouffe. Paralelo à curiosidade, houve um esforço em formar um acervo bibliográfico particular, com obras dos principais autores e artigos referentes ao assunto, prevendo leituras e um trabalho de longo prazo.

Como parte da rotina, as principais notícias da editoria “política” foram acompanhadas em jornais e telejornais, a fim de manter a pesquisadora informada sobre os principais acontecimentos. Os sites dos principais partidos políticos, PT, PSDB e PSB foram visitados periodicamente a partir do mês de junho de 2014, quando foram anunciados oficialmente, com a realização das convenções partidárias, o nome dos candidatos que entraram na disputa ao cargo de Presidente do Brasil.

A fase metodológica determinante foi cumprida a partir de 19 de agosto de 2014 com as gravações das duas inserções/dia do HGPE, em definição HD/TV, do primeiro turno da campanha eleitoral à Presidência da República que se encerrou em 02 de outubro. Já, com a decisão para o segundo turno, focamos na sequência das gravações, no período compreendido entre os dias 09 e 24 de outubro de 2014, a partir de então com uma atenção maior aos protagonistas do discurso para esta pesquisa. O mesmo empenho e atenção foram dedicados aos debates eleitorais organizados pelos principais canais de TV aberta como Band, Rede Record e Rede Globo, material que, ainda que não compusesse o corpus discursivo do presente estudo, também foi usado para auxiliar na descrição e explicação de elementos específicos de cada uma das formações discursivas antagônicas.

Todos os arquivos das gravações estão salvos em computador com a finalidade específica desta pesquisa, das quais foram realizadas as transcrições de cada inserção do HGPE para o trabalho dissertativo, mais especificamente com

interesses voltados ao segundo turno da campanha.

As gravações foram selecionadas e reduzidas a um menor volume à medida que os temas de interesse foram definidos pelos próprios candidatos, pela repetição e importância na abordagem. Estas transcrições revelaram as formações discursivas, as construções das estratégias e a arqueologia dos discursos políticos, que resultaram na digitação do material e a soma de 90 páginas.

A definição dos temas (corrupção, economia e desenvolvimento social) foi fundamental para se pensar o processo de análise, pois precisamos partir de alguma regularidade discursiva para notar onde residem os pontos antagônicos e hegemônicos, bem como clarificar sobre os conceitos necessários e o propósito desta pesquisa.

Segundo Lakatos (1990, p. 107) “a investigação deve examinar o tema escolhido, observando todos os fatores que o influenciaram e analisando-o em todos os seus aspectos.” Desta forma além da revisão bibliográfica este trabalho se desenvolve sob análise prioritária dos programas do HGPE de cada candidato a ser estudado. A intenção é alcançar um esforço teórico capaz de revelar o caminho para a construção discursiva utilizada pelos candidatos, Dilma Rousseff e Aécio Neves a fim de significar os discursos e mostrar em determinada lógica diferente daquela do imaginário do eleitor, entre uma e outra forma de articulação.

Esta opção pela análise dos discursos dos candidatos e os aspectos teóricos e metodológicos da Teoria do Discurso de Ernesto Laclau se deve a uma escolha com vistas à possibilidade de penetração em uma variedade de direções, sobre as lógicas sociais, através de ferramentas de compreensão dos discursos, conceitos e categorias como: hegemonia, antagonismo e articulação, de modo a construir um corpus discursivo. Neste contexto, a Teoria do Discurso assume uma referência fundamental para se trabalhar com análise do discurso⁵.

Este estudo qualitativo levou à operacionalização e à transcrição dos discursos dos candidatos a partir do HGPE, que permitiu captar detalhes dos discursos tanto da candidata Dilma, quanto do candidato Aécio no período que compreendeu a campanha em segundo turno, que foram ao ar pela televisão no mês de outubro de 2014, das 13h às 13h20m e das 20h30 às 20h50m. Cada

5 Discurso entendido aqui não como simples atos de fala, mas sim, um conjunto de ações que só poderão ser percebidas dentro de seu contexto (LACLAU e MOUFFE, 2004)

candidato poderia ocupar dez minutos deste espaço.

Nota-se que estamos relacionando os principais aspectos e as propostas de cada candidato ao atual contexto da política social e econômica do Brasil. Esta tarefa fez perceber como as regularidades discursivas, ou as formações falaram por si mesmas. A análise tornou o trabalho desafiador, no sentido de ouvir os discursos de ambos os candidatos na intenção de recortar e coletar amostras, demonstrando propostas e argumentos convincentes para uma campanha, permitindo significá-los.

Para tanto, consideramos discurso não só a fala, mas os gestos, as imagens e até mesmo a construção de realidades (deslocamentos discursivos), de ambos os candidatos, mais especificamente sobre os temas selecionados, identificando o passo a passo dos argumentos para significar os seus discursos. À medida que teorizamos também materializamos a análise através dos próprios discursos.

Para a execução deste trabalho dissertativo cumprimos algumas etapas conforme acompanhamos na descrição dos capítulos.

O primeiro capítulo refere-se à matriz teórica utilizada para as análises sobre as produções discursivas dos candidatos Dilma Rousseff e Aécio Neves, durante o HGPE. Trata-se de uma breve contextualização sobre o surgimento da Teoria do Discurso de Ernesto Laclau e Chantal Mouffe e os principais conceitos teóricos como hegemonia, antagonismo, significantes flutuantes, entre outros. As próprias referências de Laclau e Mouffe, bem como os trabalhos de pesquisadores brasileiros demonstram que os conceitos assumem um papel fundamental para a sustentação da teoria e a compreensão da sociedade política contemporânea.

No segundo capítulo, procuramos recortar e construir uma revisão da literatura jornalística e das Ciências Sociais sobre os fatos em torno dos principais acontecimentos, desde o início oficial da campanha à Presidência da República em 2014. Esta contextualização trata da obviedade das eleições em início de campanha, devido ao favoritismo dos dois principais partidos, PT e PSDB, da expressão e do sentimento da tragédia com a morte inesperada do candidato Eduardo Campos (PSB) e a explosão do fenômeno Marina Silva. Os fatos revelam o sentimento de obviedade da campanha, com a confirmação do segundo turno, configurada a polarização entre PT e PSDB, como ocorre desde 1994. Esta formação dominada pelos mesmos partidos, líderes dos últimos pleitos, estabelece aos candidatos uma

estrutura discursiva de aposta no embate ideológico, ainda que diferenciado pelo jogo das estratégias discursivas que transformam em retórica a articulação em torno da economia social brasileira, rompendo a ideia de uma “mesmice” durante a campanha.

Os três capítulos seguintes tiveram seus formatos semelhantes, a fim de permitir a análise propriamente dita. São três momentos baseados nos discursos durante o segundo turno do HGPE, quando Dilma e Aécio retornam ao debate político e eleitoral com temas instigantes dos quais recortamos: (i) “corrupção” – e indícios de envolvimento de membros dos partidos PT e PSDB; (ii) “economia” – e políticas para indústria e agricultura, comércio exterior e desenvolvimento regional e (iii) “desenvolvimento social” – envolvendo saúde, educação e assistência social.

Os recortes permitiram a demonstração das construções discursivas, a aplicabilidade dos conceitos teóricos e a estratégia retórica em que ambos os candidatos se constroem e quando desconstroem o seu opositor, conforme o método da análise do discurso. A preocupação esteve na composição das seções que explicam os principais conceitos como o de “discurso”, enquanto aporte teórico para os objetivos a que se propõe esta dissertação.

Nas considerações, empreendemos ênfase à discussão, o contexto político eleitoral, sem a pretensão de fechar ou encerrar o debate que é amplo e infinito, no que diz respeito a cada tema e seu significado. Compreendemos que nosso trabalho não cumpre um parecer em resposta fechada, pelo contrário, esperamos retomar a importância desses caminhos do discurso e o processo do trabalho, o que permitirá contextualizar e relacionar teoria e a dinâmica na contemporaneidade social observando os objetivos almejados, a relevância do problema de pesquisa e por fim, a confirmação (ou não) da hipótese de pesquisa. Consideramos esta pesquisa uma contribuição pessoal para a sociedade, ainda que modesta, para os estudos da Ciência Política nacional, neste momento tão conturbado da política brasileira em que a credibilidade dos políticos e das instituições está em pauta cotidianamente.

CAPÍTULO 1

MATRIZ TEÓRICA, CONTEXTUALIZAÇÃO SOBRE A TEORIA DO DISCURSO E PRODUÇÃO DISCURSIVA PRELIMINAR

1.1 Introdução

Neste capítulo, reunimos os pressupostos teóricos da Teoria do Discurso e apresentamos as categorias centrais do pensamento de Ernesto Laclau. A base teórica que será utilizada para a análise dos discursos a serem selecionados, inspira-se na obra “Hegemonia y estrategia socialista: hacia una radicalización de la democracia” dos teóricos políticos, o argentino Ernesto Laclau e a belga Chantal Mouffe.

Para a análise das diferenças dos discursos dos candidatos à Presidência da República, Dilma e Aécio, no segundo turno da propaganda eleitoral, serão citados outros trabalhos de Laclau, bem como de diversos autores e pesquisadores que colaboram no sentido de desenvolver um caminho para a compreensão dos conceitos tratados. O trabalho teórico será apresentado em cinco seções contendo citações de textos e fontes que sustentam epistemologicamente a compreensão dos conceitos referentes ao estudo.

A primeira seção, “Teoria do Discurso: origem e influências” compreenderá um apanhado geral do que é a Teoria do Discurso de Laclau e de Mouffe, numa breve apresentação do seu surgimento, sua postura pós-estruturalista e a articulação com outros pensadores como Jacques Derrida e Jacques Lacan. Nesta perspectiva, se destacará como determinados conceitos assumiram um papel fundamental para que a teoria se tornasse um “monumento”, em busca da compreensão do mundo social.

Na segunda seção, assim como nas que a seguem, serão apresentadas as categorias principais, consideradas relevantes para esta análise, apresentadas separadamente. Na unidade “O Discurso enquanto categoria: articulação e momento”, os conceitos de articulação e de discurso, sua formação e características serão apresentados, considerando-se as noções de momento e elemento. Assim, eles serão apresentados um a um, cada conceito, os quais servirão de aporte teórico no objetivo a que se propõe este projeto.

Na terceira seção, o conceito de “Antagonismo”, será trazido por assumir relevante espaço no interesse de análise, uma vez que, em se tratando do campo político, sempre haverá um inimigo declarado. Particularmente, neste trabalho, é a partir da identificação da relação antagônica que se fará a separação entre os discursos da candidata do PT e do candidato do PSDB.

Na seção seguinte, “Hegemonia: a constituição dos significantes” serão apresentados os conceitos de “Significante Vazio” - que complementa o conceito de antagonismo e de hegemonia - e de “Significante Flutuante” – que se resume na ideia de ser um significante que flutua entre duas formações discursivas e, ao mesmo tempo, antagônicas. A partir desta noção será possível construir uma compreensão em torno do discurso e sua sedimentação na realidade social contemporânea.

Na quinta e última seção, “Lógica da diferença e lógica da equivalência”, serão apresentados os conceitos que ajudam na compreensão sobre como o discurso se forma dentro do campo que chamamos de discursividade. Com esta divisão, traça-se o caminho teórico, contendo os elementos essenciais para análise do discurso pretendida e no compromisso de proporcionar ao leitor uma interpretação precisa sobre o potencial heurístico da teoria lacaniana.

1.2 A Teoria do Discurso de Ernesto Laclau: origem e influências

A teoria do discurso e a noção de discurso⁶ são fundadas e desenvolvidas no campo da linguística. Na perspectiva deste trabalho toma-se como matriz central a Teoria do Discurso de Ernesto Laclau e de Chantal Mouffe.

Dado que é pelo discurso que se constroem sentidos e que deles se valem da política, como sustentam estes autores, há que se considerar a força estratégica com que tais discursos atuam em um dado momento histórico e social e que, ao final, os determinam e acabam por fortalecer as estruturas de poder.

A obra referencial de Laclau e Mouffe, “Hegemonia e Estratégia Socialista” publicada pela primeira vez, em 1985, promove a independência intelectual necessária enquanto marco referencial à teoria política no século XX. O quadro investigativo formado por Laclau e Mouffe se baseia na teoria pós-estruturalista⁷ que destaca a importância de desencadear uma democratização radical e um antagonismo pluralista no qual se possam expressar os conflitos sociais. Sob a luz do pensamento e das obras de Jacques Lacan, Michel Foucault e Jacques Derrida exploraram as interpretações e a influência da psicanálise, a partir das quais articularam novas ideias e análises dos fenômenos políticos para então refletir sobre as noções de discurso e identidade política.

O pensamento laclauniano advém de um projeto socialista de esquerda, elaborado com Mouffe, enquanto resultado das observações dos movimentos sociais, organizados nos anos de 1960, que permitiram avanços e releituras do marxismo, a ponto de desconstruí-lo. O desenvolvimento da teoria da hegemonia, bem como outras noções que serão abordadas ao longo deste trabalho como os próprios conceitos de discurso, articulação, antagonismo, significantes vazios e flutuantes, lógicas da equivalência e da diferença entre outros, colaboram para a compreensão das relações sociais e de poder.

6 (...) a partir de trabalhos como os de Ferdinand de Saussure, linguista suíço que escreveu uma das obras fundamentais no campo da linguística (...). Uma primeira tentativa de formulação para dar conta de um sistema de relações entre objetos, entre elementos, que constitui uma unidade significativa, um conjunto de regras de produção de sentido. (BURITY, 2014, p. 61).

7 O Pós-estruturalismo desenvolve-se por volta da metade da década de 1960 e ganha força, principalmente com os escritos de Jacques Derrida, contaminando as ciências sociais como um todo, em um projeto de desconstrução e de desfundamentação: o chamado Pós-fundacionalismo. (MENDONÇA e RODRIGUES, 2014, p. 28).

Esta forma de refletir sobre os discursos abre espaço ao rigor crítico com que é pensada a relação dos novos discursos, com o discurso estruturalista e com os conceitos herdados como de hegemonia, ideologia e sobredeterminação. Críticas opostas provocaram rupturas às certezas fixas e ao princípio essencialista, o que era impensável até então. “Trata-se do início do pensamento Pós-estruturalista de matriz pós-fundacional, cujo principal expoente foi inegavelmente Jacques Derrida.” (MENDONÇA e RODRIGUES, 2014, p. 38). Anterior a esta postura e ao caminho de independência intelectual, Laclau e Mouffe, mantinham um diálogo com a tradição marxista⁸, inspirados pelas obras de intelectuais como Antônio Gramsci⁹ e Louis Althusser¹⁰.

Com a adição do “pós”, não é a estrutura em si que é posta em xeque, mas a forma essencialista como a mesma tinha sido até então tratada. (...) Se o desejo de Lévi-Strauss era o de descobrir formas invariantes, sincrônicas e transistóricas que governavam estruturas (essências, portanto), Derrida efetiva a desconstrução desse fundamento tão seguro que julgavam os estruturalistas existir nas estruturas por eles fundadas. (MENDONÇA e RODRIGUES, 2014, p. 39).

Graças a este movimento intelectual é superada uma etapa de um formalismo existente transformando-se na busca por um pensamento que conseguisse se situar além do solo comum do estruturalismo. À medida que, o que estava posto era deslocado e o acontecimento passava a representar alguma coisa além, retratando outras possibilidades no jogo discursivo, o elemento filosófico pós-fundacional foi também absorvido pela teoria política.

A inquietude do desconstrucionista Derrida conduziu a ideia de uma determinada falta¹¹, enquanto um problema que se renova constantemente e que gera outras faltas, num sentido eterno de ser. Por isso, esta “falta” nunca é preenchida, apenas se completa no sentido contingente e precário, de forma parcial, resumindo-se em uma tarefa infinita. Desta maneira, podemos dizer que os

8 Incapaz de dar conta da compreensão das relações sociais.

9 (...) Laclau utilizou-se das noções gramscianas de hegemonia, bloco histórico, vontade coletiva, reforma moral-intelectual e ideologia nacional popular. (SALES JR., 2014, p. 171).

10 Que influencia Laclau, tendo como elo os conceitos (com certa ligação a psicanálise lacaniana) de ideologia e sobredeterminação, como também à questão da “contingência” presença central na tese laclauiana.

11 (...) inexistência de um fundamento final. (MENDONÇA e RODRIGUES, 2014, p. 42).

elementos identitários se constituem de forma incompleta, pois o sentido de falta não se esgota. “É com base na ideia de falta que Derrida incorpora a “hipótese pós-clássica” ¹² ao debate do Pós-fundacionalismo.” (MENDONÇA e RODRIGUES, 2014, p. 42-43).

Ernesto Laclau, interessado em analisar o social e os processos políticos, marca o pensamento filosófico e político contemporâneo no rompimento com o essencialismo, porém, mantém o diálogo com o marxismo no sentido e perspectiva dos discursos libertários.

Nesse processo de condensação precisamos, entretanto, diferenciar dois aspectos: o papel ontológico ao se constituir discursivamente a divisão social e o conteúdo ôntico que, em certas circunstâncias, desempenha esse papel. O importante é que, em algum estágio o conteúdo ôntico pode exaurir sua capacidade de desempenhar o papel, embora permaneça a necessidade desse desempenho; e que, dada a indeterminação da relação entre o conteúdo ôntico e a função ontológica, essa função pode ser desempenhada por significantes de um signo político inteiramente oposto. (LACLAU, 2013, p. 142).

Esta ideia de condensação é empregada por Laclau a partir do conceito de Althusser, que considerava dar um nome a algo no sentido de condensar, como um processo sobre algo que se limitaria a uma unidade. Assim, condensar resumia-se a uma elaboração discursiva sobre como se chegou a algo e suas causas e, o mais importante: sem que fosse considerado um termo pejorativo.

(...) a pretensão de Laclau é de, em longo prazo, construir uma teoria (geral) da política ou, talvez, mais precisamente, uma concepção da política como ontologia do social. Isto para ele é ao mesmo tempo um objeto necessário e impossível. (BURITY, 2014, p. 59).

Dentro dessa linha, destaca-se que tanto Ernesto Laclau, como Chantal Mouffe dão continuidade à teoria do discurso com publicações individuais, bem como com outros autores, sendo que Laclau busca ampliar o entendimento de sua teoria.

12 “Hipótese pós-clássica” é assim chamada por Oliver Marchart (2009, p. 33).

1.3 O Discurso enquanto categoria: articulação e momento

Partimos da noção de que o discurso¹³ adquire um papel de destaque no campo da Ciência Política, em especial na segunda metade do século XX e no século XXI com as contribuições ao universo da pesquisa, sobretudo, pelos filósofos, teóricos políticos e professores Ernesto Laclau e Chantal Mouffe, pós-estruturalistas que proporcionaram um cenário próprio para esta nova corrente de pensamento e a teoria discursiva pela Escola de Essex da Análise do Discurso¹⁴.

O discurso constitui o território primário da construção da objetividade enquanto tal. Por discurso, como tentei esclarecer várias vezes, não tenho em mente algo que é essencialmente relativo às áreas da fala e da escrita, mas quaisquer conjuntos de elementos nos quais as relações desempenham o papel constitutivo. (LACLAU, 2013, p. 116).

Laclau e Mouffe concordam com a noção de discurso enquanto uma categoria fundamental na teoria da articulação, o que significa a totalidade estruturada a partir das práticas articulatórias que constituem e organizam as relações sociais (neste caso, o social deve ser percebido a partir da lógica do Discurso). Nesta linha, destacamos a afirmação de Laclau e Mouffe de que a estrutura discursiva não é uma entidade meramente cognitiva ou contemplativa, e sim uma prática articuladora que constitui e organiza as relações sociais¹⁵. (1987, p. 161-162).

Para compreender essas relações sociais, segundo Laclau, devemos levar em conta a contingência, no processo de investigação e o fundamento precário quanto a sua existência. Desta forma:

Tendo como ponto de partida a centralidade das categorias de poder e de discurso (...) Laclau articula uma série de conceitos e de noções oriundos de várias áreas do conhecimento, tais como o marxismo, a filosofia desconstrutivista de Derrida, a psicanálise, sobretudo lacaniana, a linguística,

13 (...) a partir da categoria discurso, podem-se compreender fenômenos sociais cuja constituição se dá através de uma *lógica da articulação de elementos diferentes*. (BURITY, 2014, p. 69).

¹⁴ Fundada na Universidade de Essex/Inglaterra envolve uma dependência dos pós-estruturalistas e de psicanalistas como Lacan, Foucault, Derrida entre outros, que propõe uma análise em profundidade dos discursos políticos contemporâneos.

¹⁵ LACLAU e MOUFFE. *Hegemonía y estrategia socialista: hacia una radicalización de la democracia*. Madrid: España Editores, 1987.

o estruturalismo, o pós-estruturalismo. (...) que contempla a contingência, a precariedade, a indeterminação e o paradoxo como dimensões ontológicas do social. (MENDONÇA e RODRIGUES, 2014, p. 47-48).

Considerando estes aspectos em determinada regularidade discursiva, notamos que tudo o que conhecemos tem um nome e sentido, portanto, todas as coisas são objetos de discurso seja sobre o aspecto da articulação de sentidos ou sobre as práticas significantes. Assim, através da teoria do discurso consideramos a produção social de sentido e suas formações distintas enquanto aspectos específicos para a constituição dos discursos políticos.

Nessas condições, Michel Foucault (1969), torna-se um dos autores que exerceu influência nos trabalhos iniciais de Laclau e Mouffe, a partir dos estudos sobre discurso na obra “A Arqueologia do Saber”, em que busca esclarecer sobre as formas como os sujeitos históricos significam suas condições de existência. Nessas condições, temos uma arqueologia sobre as formas pelas quais alguns conhecimentos específicos se configuraram.

O objetivo fundamental é saber por que os discursos tornam-se verdadeiros, ou, compreender a forma como os enunciados emergem, se colocam e produzem verdades. Contudo, a ideia não está em buscar verdades, mas ver como elas se colocam discursivamente e como se constroem.

Laclau acredita, como Foucault, que não há princípio de coerência e que os discursos devem ser entendidos como sistemas mais ou menos regulados de dispersão. (...) mas os efeitos ordenadores do sentido são fatores que dão certa regularidade que pode ser significada como uma “totalidade”. A teoria da hegemonia tenta responder à questão de como os limites de uma formação discursiva são estabelecidos. (SALES JR., 2014, p. 173).

Em Foucault (2014), o discurso atravessa todos os elementos da experiência, está em todo conjunto de formas, que comunicam um contexto, sendo que, mais importante do que o conteúdo é o papel do discurso. Nesta busca pela forma e a formação lógica da verdade, Foucault questiona a ideia de continuidade ao mesmo tempo em que apresenta algumas hipóteses, também as desconstrói, pois

compreende não haver segurança suficiente sobre essas distinções no nosso mundo de discursos.

(...) esses recortes – quer se trate dos que admitimos ou dos que são contemporâneos dos discursos estudados – são sempre, eles próprios, categorias reflexivas, princípios de classificação, regras normativas, tipos institucionalizados: são, por sua vez, fatos de discurso que merecem ser analisados ao lado dos outros, que com eles mantém, certamente, relações complexas, mas que não constituem seus caracteres intrínsecos, autóctones e universalmente reconhecíveis. (FOUCAULT, 2014, p. 27).

O problema no discurso está em tomarmos algo como verdade; o que ocorre é que se pressupõe algo, não como as coisas são, mas, como as vemos sem a tarefa de desnaturalizar algo que aparentemente está dado como óbvio.

A articulação dos modelos de Foucault e Laclau implica, pois, indecidibilidades e deslocamentos de sentido que exigem decisões ético-teóricas de nossa parte, constituindo possíveis pontos nodais (pontos de fixação de sentido), parciais, *ad hoc*, principalmente em torno de categorias como *discurso*, *poder* e *sujeito*. (SALES JR., 2014, p. 176).

Tanto Foucault, quanto as reflexões de outros contemporâneos como Derrida, influenciaram Ernesto Laclau na forma de observar os fenômenos sociais e políticos. Segundo o autor, não há como dizer algo e fazer diferente, pois o discurso é o resultado da articulação, desta tentativa de homogeneizar a sociedade em momentos diversos¹⁶.

Nossa análise rejeita a distinção entre práticas discursivas e não discursivas e afirma: a) Todo objeto é constituído como um objeto de discurso, na medida em que nenhum objeto é dado fora das suas condições de emergência; b) que qualquer distinção entre os usualmente chamados aspectos linguísticos ou comportamentais da prática social é, ou uma distinção incorreta, ou necessita achar seu lugar como diferenciação dentro da produção social de sentido, que é estruturada sob a forma de totalidades discursivas. (LACLAU e MOUFFE, 1985, p.107).

¹⁶ As posições diferenciais na medida em que elas aparecem articuladas dentro do discurso, nós chamamos de momentos. (LACLAU, 1985, p. 105).

Dentro desta linha, podemos destacar a política e a possibilidade de determinação das formas e organização discursiva. O conjunto dos acontecimentos e a maneira de conduzir os discursos se configuram em recortes, que geram um quadro de indeterminação de sentidos, pontos estrategicamente privilegiados e um discurso que representa demandas sem, necessariamente, haver relação. “Os pontos discursivos privilegiados da fixação parcial são chamados de pontos nodais.” (LACLAU e MOUFFE, 2004, p. 152). Os pontos nodais fixam parcialmente sentidos, não têm ligação entre si e desta maneira geram em cada situação um sentido, uma luta política.

(...) a construção de pontos nodais que fixam parcialmente o significado; e o caráter parcial dessa fixação procede da abertura do social, resultante, por sua vez, do constante transbordamento de todo discurso pela infinidade do campo discursivo. (LACLAU e MOUFFE, 2004, p. 154).

Desta forma, o que há é uma prática articulatória que no universo discursivo resulta na constituição do chamado ponto nodal, ou seja, pontos comuns entre os diferentes sentidos que se relacionam e os unem de modo parcial em momentos de precariedade e contingência. Sendo assim, no caso de um discurso de um candidato político, a possibilidade de fixar significados passa por se estabelecer um núcleo com uma estrutura articulatória compreendida como estável.

Dentro dessa linha, destaca-se a abordagem significativa à análise do discurso, que é a noção de articulação. Laclau e Mouffe (1987) entendem que qualquer prática que estabeleça a relação entre elementos de tal forma que suas identidades sejam modificadas como resultado da prática articulatória. À totalidade estruturada resultante da prática articulatória nós chamamos de discurso. (1987, p. 176-177). Os autores consideram que não há lógica anterior à lógica da articulação, sendo assim, o discurso nada mais é do que o resultado da articulação dos momentos diversos.

1.4 Antagonismo

Os discursos procuram universalizar seus conteúdos particulares, pois toda formação discursiva tem como objetivo expandir seu sentido na busca de se tornar um discurso hegemônico. Laclau (1993) aborda que no espaço do social pode haver vários pontos de hegemonia, decorrentes dos antagonismos. E reforça:

O ponto fundamental é que o antagonismo é o limite de toda a objetividade. Isso deve ser entendido em seu sentido mais literal: como afirmação de que o antagonismo não tem um sentido objetivo, de modo que é aquilo que impede a constituição da objetividade como tal. (LACLAU, 1993, p. 34)

Daniel de Mendonça (2003) em “A Noção de Antagonismo na Ciência Política Contemporânea”¹⁷ pontua que a passagem acima apresenta antagonismo (*stricto sensu*) como o limite da objetividade. Aponta também que na Teoria do Discurso há características e aplicações políticas a serem consideradas sendo que, entende ser antagonismo uma categoria de dúvida aplicação. Isso ocorre porque no universo social há uma série de sentidos que não têm, necessariamente, ligação entre si.

Quando tratamos de política é preciso mencionar que só existe movimento político porque há antagonismos, há um inimigo comum que representa não uma contradição lógica nem mesmo uma oposição real, mas relações antagônicas que sustentam a existência da política. Em momentos contingentes, identificamos sujeitos marginalizados e que lutam por transformações sociais reais, que dependem diretamente da articulação de seus representantes e líderes políticos. Nesta lógica “(...) Laclau vai propor um sujeito que resiste e que interage no processo histórico, mas agora, esse agente da revolução não se limitará a categoria de proletariado.” (GIORDANI, 2009, p. 77).

Existem dois conceitos de sujeito, a saber: o de sujeito gramatical (...) e o de sujeito social, noção mais complexa que o primeiro. Na presente análise está sendo trabalhado apenas o último conceito, que deve ser entendido “no sentido de posições do sujeito dentro de uma estrutura discursiva” (...). Ou

¹⁷ MENDONÇA, Daniel. A Noção de Antagonismo na Ciência Política contemporânea: uma análise a partir da perspectiva da teoria do discurso. Rev. Sociol. Polít. Curitiba, 20, p. 135-145, jun. 2003.

seja, a posição de sujeito é discursivamente construída. (MORITZ, 1998, p. 4).

Importante dizer que o antagonismo é a marca da incompletude, ele trata justamente da ausência de uma essência e, a possibilidade de algo ser alguma coisa é justamente da relação negativa. A condição de impossibilidade na relação se justifica pela presença do outro que impossibilita a minha existência e ao mesmo tempo me possibilita ser eu. Pelos conceitos da teoria laclauniana como antagonismo e hegemonia espera-se ampliar a compreensão sobre as identidades coletivas, tão marcantes para a política.

Nota-se que, no caso da política, a hegemonia é o resultado de um processo de articulação política de dimensão muito ampla e que existe devido a uma série de identidades políticas, que a princípio não possuem ligação entre si. Neste processo se estabelece uma relação articulatória entre inimigos e de negatividade, marcada pelo que se denomina antagonismo.

A observação a este choque entre essências e a noção de impossibilidade nas relações colaborou no sentido de promover o amadurecimento teórico laclauniano e que ganhou notoriedade na década de 80 ao teorizar as questões referentes às construções teóricas marxistas, que não se confirmavam na prática, pois se mostravam antagônicas.

1.5 Hegemonia: a constituição dos significantes

Em “Hegemonia e Estratégia Socialista”, Laclau e Mouffe (1987) identificam elementos de uma ontologia política sendo a hegemonia conceito central à análise e à prática política. Na obra, “A Razão Populista” Laclau reforça seu conceito: “A operação de assumir, por meio de uma particularidade, um significado universal incomensurável é aquilo que denominei hegemonia.” (LACLAU, 2013, p. 119-120).

Para Laclau e Mouffe (2004, p. 132) não há um único sentido que fixe e constitua a sociedade, ao contrário, as relações sociais são constituídas pela pluralidade de discursos e pela contingência. Tudo depende de como se concebe a

organização que somos capazes de dar conta e que conduz a uma nova forma de unidade. Esta organização contingente é considerada como um momento necessário de uma totalidade que nos transcende.

O discurso na perspectiva política revela uma nova forma de olhar o mundo, pois o discurso só existe se houver uma prática, coerente ou não, antagônica entre identidades que disputam a construção de um pensamento hegemônico em sociedade¹⁸. Neste caso, a ideia de hegemonia tem lugar, pois uma entre várias identidades exercerá de forma contingente e precária, a tarefa de representação política.

(...) o processo de construção desses campos antagônicos (...) se faz a partir da mobilização de significantes vazios (noção que não deve ser entendida apenas em seu sentido unitário, de termo ou palavra, podendo ser pensada em termos de redes conceituais ou ideacionais [no caso de discursos do senso comum cotidianos]). (...) permitem uma multiplicidade de articulações com significados sem que nenhum deles se estabilize como sentido unívoco. Os significantes vazios tornam-se não apenas *loci* de atos de identificação, mas também objeto de luta com vistas ao seu “preenchimento” por sentidos particulares. (BURITY, 2014, p. 70).

O discurso que representa um projeto político, por exemplo, estruturado em uma distinta formação discursiva pode representar a formação do pensamento político daquela época. Um discurso que toma forma hegemônica se faz sentir no momento em que uma identidade assume a tarefa de representar um projeto político amplo e que cumpre o seu papel entre as diretrizes propostas na articulação das demandas, apropriando-se do discurso político¹⁹.

Em sociedade o que se tem são múltiplas e diversas emergências que se diluem em discursos que podem ter os mais variados conteúdos. Temos então, a constituição de um vazio teórico onde se tem a desconstrução de um discurso em detrimento de outro, como um elemento complicador, que são as relações de poder.

18 “Hegemonia, portanto, se dá no campo da ideologia, que opera via articulação de significantes flutuantes que se articulam. Hegemonizar um conteúdo será, dessa forma, fixar seu significado ao redor de um ponto nodal.” (GIORDANI, 2009, p. 79).

19 O discurso político é o discurso por excelência do sujeito em todos os seus sentidos, seu local de enunciação é a luta política, seu objetivo é vencer a luta através do jogo da desconstrução e reconstrução de significados, interpelando através da construção articulada de uma visão de mundo. (PINTO, 1989, p. 51-52).

Um significante vazio é, no sentido estrito do termo, um significante sem significado. Esta definição é também a enunciação de um problema. (...) Um significante vazio seria uma mera sequência de sons e, se este é desprovido de qualquer função significativa, o termo “significante” se tornaria, nesse caso, excessivo. (LACLAU, 2011, p. 67).

Há algo na política que não é uma subjetividade para estar no horizonte, ou no seu fundamento. O político expõe suas ideias, de um modo discursivo vazio, profere ao público um discurso elaborado, preparado antecipadamente e geralmente escrito em que promove um sentido a determinado número de pessoas, porém, não o reconhece assim. O propósito maior é ganhar discursivamente do inimigo político, o que significa possibilidade de vitória e caminho para o poder.

(...) pode haver significantes vazios dentro do campo da significação porque qualquer sistema de significação está estruturado em torno de um lugar vazio que resulta da impossibilidade de produzir um objeto, contudo, requerido pela sistematicidade do sistema. Assim, não estamos negociando com uma impossibilidade sem lugar próprio, como no caso de uma contradição lógica, mas com uma impossibilidade positiva, com uma realidade, para a qual o x do significante vazio aponta. (LACLAU, 2011, p. 72).

Contudo, a realidade é complexa e desafiadora, o que permite um trânsito entre dois discursos separados por aquilo que Laclau chamaria de corte antagônico. Assim, de acordo e com cada fronteira ou sentido, há uma pressão estrutural, fruto das formações discursivas que supõe momentos de fragilização ou fortalecimento das identidades o que pode influenciar os elementos, sujeitos dos discursos rivais, resumindo-se na categoria de significados flutuantes, que por sua vez “(...) tenta apreender conceitualmente a lógica dos deslocamentos daquela fronteira.” (LACLAU, 2013, p. 199).

De acordo com o tipo de estrutura, seja em determinado momento em que temos uma fronteira antagônica estável (significantes vazios) ou, durante a construção desta fronteira considerando os deslocamentos que ocorrem (significantes flutuantes), um discurso político, por exemplo, empenha-se na busca de convencer e ser reconhecido como tal.

A liderança ou influência é dependente de um contexto, de uma associação de ideias, bem como da capacidade de articulação e discursividade em defesa de um discurso que emana de uma maioria. Não há como negar uma estrutura, pois o poder se mantém em meio às alterações, já que uma estrutura social não representa uma camisa de força, por isso, a cadeia discursiva acaba não tendo um sentido específico, ou conforme Laclau, significantes vazios.

1.6 Lógica da diferença e lógica da equivalência

A ideia de antagonismo em Laclau, de se contrapor à oposição real, se estabelece ao tratarmos da noção de lógica da equivalência, o que revela articulações entre necessidades diferentes e específicas. Neste contexto, partimos para a definição da lógica da diferença e da lógica da equivalência conforme o autor:

Temos, assim, duas maneiras de construir o social: seja por meio da afirmação de uma particularidade – no caso, uma particularidade de demandas – cujas únicas ligações com outras particularidades são de natureza diferencial (como vimos, nenhum termo positivo, apenas diferenças) ou por meio de uma rendição parcial da particularidade, enfatizando tudo o que as particularidades possuem em comum no plano da equivalência. O segundo modo de construção do social envolve, como sabemos, estabelecer uma fronteira antagônica o que o primeiro modo não o faz. Denominei lógica da diferença o primeiro modo de construir o social, e o segundo, lógica da equivalência. (2013, p. 129).

De acordo com Laclau (2013) as solicitações, representadas pelas demandas e que se transformam em exigências à medida que não são atendidas, se convertem em frustração. Esta reprodução de ideias expressas na fala, por exemplo, poderia ganhar outro significado e não ser conduzida a uma solução. A dualidade entre uma e outra demanda é o que se chama lógica da equivalência, ou seja, quando diferentes defendem seus direitos e os exigem.

Nesse sentido várias forças políticas podem competir em seus esforços para apresentar seus objetivos particulares como aqueles que realizam o preenchimento dessa falta. Hegemonizar algo é exatamente cumprir essa função de preenchimento. (Mencionei a “ordem”, mas obviamente “unidade”,

“libertação”, “revolução” etc. pertencem ao mesmo esquema. Qualquer termo que, em certo contexto político, passa a ser o significante da falta realiza a mesma função. A política é possível porque a impossibilidade constitutiva da sociedade só pode representar a si mesma por meio da produção de significantes vazios). (LACLAU, 2011, p. 78).

Neste emaranhado discursivo é que encontramos a política, neste nó de diferenças e contrapontos que asseguram uma cadeia de articulações, de ambições e funções auto afirmativas as quais envolvem excitabilidade e impacto. “Podemos dizer, portanto, que no momento anterior ao da articulação, os elementos estão imersos numa lógica complexa²⁰, ou seja, estão dispersos, uns em relação aos outros, de forma aleatória, no campo da discursividade.” (MENDONÇA, 2014, p. 83). Neste sistema centrado, passam incidências e emergências estabelecidas por diretrizes e propostas que mantêm correspondência com objetivos paralelos, por vezes nebulosos, como parte integrante em nível de competição.

No caso da política, faz-se necessário falar a todos. Uma das principais estratégias é a habilidade e o uso de certa imprecisão, por isso, o uso da retórica é fundamental para se chegar a públicos diferentes por demandas diferentes e diversas. A falta de retórica pode representar uma carência empírica na política, ao considerar que:

Retórica: Ocorre um deslocamento retórico toda vez que um termo literal é substituído por um termo figurativo. (...) necessário usar palavras em mais de um sentido, desviando-as de seu significado literal, primordial. (...) Na retórica clássica, um termo figurativo que não pode ser substituído por um termo literal era denominado uma catacrese (...) a catacrese é mais do que uma figura particular: é o denominador comum da retórica enquanto tal. (LACLAU, 2013, p. 120-121).

A retórica contemporânea reordena a tradição aristotélica e reconhece estrategicamente a força persuasiva nestas figurações e pluralidades de sentido,

20 A lógica complexa é chamada por Laclau e Mouffe de Lógica da diferença. Essa lógica é complexa em relação exclusiva ao discurso analisado, uma vez que os elementos de fora não estão sendo significados por essa cadeia discursiva. Entretanto, a lógica complexa não quer dizer a existência do “não discursivo”, uma vez que tais elementos encontram-se dispostos no campo da discursividade. (MENDONÇA, 2014, p. 83).

superando a visão preconceituosa sofrida pela retórica clássica em detrimento da dialética.

Sob este aspecto, os diferentes elaboram suas próprias formas de elencar a importância dos temas e os processos discursivos articulatórios que promovem a distinção das ações e um caminho em sentido contrário, se não houvesse inimigo, não haveria luta, portanto, se há luta, há política. Noções de incompatibilidade vão sendo elaboradas à medida que, por exemplo, o processo político avança e denotam as ideologias inerentes à histórica tensão entre o que os une.

Para tal, o conceito de hegemonia seria reformulado (...) envolveria a articulação de identidades sociais em um contexto de antagonismo social, revelando, pela desconstrução da noção de estrutura, o caráter discursivo, e, portanto, contingente de toda/o identidade/interesse social. (SALES JR., 2014, p. 171).

Ernesto Laclau e Chantal Mouffe (1987) ressaltam que não há uma fixação absoluta de sentido, já que o campo discursivo é sempre marcado pelo excesso de sentido, pelo transbordamento de toda tentativa de sutura única em que são possíveis apenas fixações parciais.

Partindo da ideia de que todo discurso é retórico, não há linguagem não retórica e essa duplicidade de sentidos que para os gregos era tomada como artifício enganador de um tipo de comportamento e uso linguístico desde os anos 50 (precisamente com Perelman, em 1957) se reconhece como inerente a toda linguagem e cuja força persuasiva é antes uma luta de argumentos em busca do consentimento a quem todo discurso é dirigido.

1.7 Considerações

Conforme vimos, este capítulo apresenta os principais conceitos da teoria do discurso de Ernesto Laclau e Chantal Mouffe e, a continuidade das reflexões e do pensamento teórico laclauniano a partir, das obras do próprio Ernesto Laclau e de estudiosos do discurso que ampliam o universo da pesquisa e divulgam os estudos

de Laclau no Brasil. Tratamos os conceitos teóricos também, a partir da citação de artigos e autores que tratam sobre o tema.

Compreendemos que, a partir dos conceitos apresentados e da articulação desses, esta pesquisa se fundamenta. A dissertação demonstra as construções discursivas dos candidatos a partir dos temas corrupção, economia e desenvolvimento social, bem como os pontos nodais em que o antagonismo evidencia lados opostos dos candidatos do PT e PSDB, com a formação dos próprios campos discursivos, conforme serão trabalhados nos próximos capítulos.

A demonstração das construções retóricas revela que ambos os candidatos procuram dominar os sentidos e os discursos políticos, em nome do jogo e da disputa antagônica, na tentativa de tornar os seus discursos hegemônicos. A partir do próximo capítulo desta dissertação, adentraremos nas questões específicas para a compreensão do cenário em disputa, na campanha de 2014, bem como na demonstração das construções retóricas a partir de recortes das falas de ambos os candidatos.

Os temas elencados serão determinantes para compreender como os candidatos significaram e construíram os seus discursos, demonstrados pela colocação das propostas e das metas. Os candidatos do PT e PSDB tinham o mesmo intuito, de construir retóricas discursivas, também a partir da regularidade de suas falas, a fim de diferenciar e caracterizar os discursos.

A expectativa é que o leitor perceba a articulação política em que se constroem os discursos e como estes constroem a imagem do adversário. Desta é que procuramos evidenciar a disputa antagônica entre os candidatos e a formação de sentidos na construção da verdade.

CAPÍTULO 2

A CAMPANHA ELEITORAL À PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA EM 2014

2.1 Introdução

Este trabalho que começou a ser delineado muito antes da campanha eleitoral, pelos caminhos e descaminhos que nos levam o discurso, fez perceber a possibilidade e a pertinência sobre o novo, que nada mais representava do que uma velha matriz. As articulações levaram mais uma vez ao contexto social que até então parecia tão óbvio e sob a perspectiva de um duelo eleitoral polarizado, mais uma vez, entre PT e PSDB.

Mas, observando o primeiro turno da eleição de 2014, já era possível perceber os discursos dos candidatos como bastante imprecisos e, muitas vezes, meramente retóricos, no sentido clássico do termo. Os onze candidatos tinham tempos de fala muito diferentes, devido à formação das coligações e, exploravam demandas tão numerosas quanto às das Jornadas de Junho de 2013. Os temas tratados pareciam rançosos em torno da histórica polaridade política entre PT e PSDB e das investigações que colocavam em xeque a credibilidade e a gestão do governo petista.

A morte do candidato Eduardo Campos (PSB) comoveu a nação brasileira. O sentimento de comoção, somado ao capital político de Marina Silva, chegou a levar a candidata ao primeiro lugar nas intenções de votos, conforme pesquisas. Porém, passado o calor emocional daquele momento, forma-se um segundo turno com a mesma polarização das últimas cinco eleições à Presidência da República. Marina Silva se viu enfraquecida diante dos ataques dos candidatos Dilma Rousseff (PT) e Aécio Neves (PSDB) que a viam como principal ameaça de suas chances para um segundo turno.

Apesar dos muitos sinais de alerta o que se tinha no Brasil era um milagroso

crescimento social com gastos públicos em alta, crédito fácil, isenções e reduções fiscais. Segundo a candidata Dilma, a inflação estava sob controle e as propagandas davam conta de inúmeras realizações. De outro lado, o Brasil real revelava a baixa qualidade dos serviços públicos como educação, saúde e mobilidade urbana associadas aos casos de corrupção, que passaram do Mensalão ao Petrolão.

A candidata à reeleição apostava em um discurso que associava os bons feitos dos últimos 12 anos às experiências bem sucedidas, como nunca antes realizadas no Brasil. A oposição alertava para a má gestão, a volta da inflação e a falta de planejamento que destruiria todas as conquistas obtidas desde o sucesso do Plano Real e dos governos de FHC.

Nunca antes nesse país se viu uma eleição como a de 2014. Nos bastidores, boatos e mentiras e em cena, acusações mistificadoras, com declarações diretas aos inimigos políticos e com distorções ideológicas. Tudo em nome do poder político de algumas pessoas e não em nome do que a política deve representar, efetivamente, através dos eleitos.

2.2 Panorama pré-campanha eleitoral

A campanha foi articulada por todos os candidatos em torno do discurso da ‘mudança’ como uma palavra de ordem presente já em muitos momentos discursivos anteriores, que passaram a provocar sentidos na sociedade brasileira, a exemplo das manifestações sociais conhecidas como Jornadas de Junho de 2013 e dos posicionamentos públicos dos políticos, dos partidos de oposição naquele momento.

A esperança de renovação tomava conta dos discursos políticos, mesmo entre aqueles que ocupavam o poder e acreditavam na reeleição. O governo petista ainda apoiava-se na retórica sobre as dificuldades de gestão, devido à crise internacional (2007/2008) e de uma nova configuração de poder no mundo. Neste contexto, sustentavam que os países do BRICS (Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul) saíram fortalecidos e com papel de destaque internacional.

A crise ficou para trás, os Estados Unidos mais uma vez saíram à frente e a Europa continuou ampliando os espaços de integração comercial, sem perder a relevância de sempre. O Brasil revelou-se um grande aprendiz em meio aos ensaios

que só demonstraram fragilidades e amadorismos nos em tornos da corrupção e de barganhas generalizadas.

A comunicação política começa a se mostrar ineficiente entre o real e a situação fiscal. Com as políticas de distribuição de renda fácil, as pessoas começaram a criar novas aspirações como maior qualidade de vida, o acesso a bens e serviços com menos desigualdade. Uma das maiores contradições se revelava na saúde, pois, apesar de toda a propaganda, a desatenção aos cidadãos continuava e só fazia aumentar as filas dos hospitais e a demora do atendimento aos enfermos.

Enquanto isso, o governo sustentava uma máquina com 39 ministérios, inchaço nos cargos comissionados e mais de 30 partidos políticos para tentar convencer e barganhar vantagens, pois só assim o governo garantia um estado de governabilidade.

Sim, o governo petista teve suas virtudes, mas, não soube administrá-las. O novo foi baseado nas velhas receitas de distribuição de renda, que os tucanos criaram e, os petistas ampliaram deparando-se com a ineficiência da máquina pública. Faltou ao governo adequar a produção brasileira ao desempenho dos novos tempos e aos mecanismos do mercado globalizado.

Aos tucanos restou a imagem de representantes das elites e interlocutores dos interesses internacionais. Neste cenário cabe na condição de oposição e adversários políticos, mostrar um novo caminho que só mesmo o PSDB saberia trilhar, desmistificar fatos, desvelar os acontecimentos sobre os escândalos de corrupção e, mais do que isso, constituir um líder capaz de transformar a política e fortalecer a confiança dos cidadãos.

O PT soube aproveitar a imagem de defensor dos interesses populares. Por outro lado, nota-se certa fragilidade em suas práticas político-partidárias. As falhas de comunicação entre os próprios líderes revelou o insucesso administrativo, um jogo hegemônico perigoso em nome do comando e da centralidade do poder. O Brasil desta década não se permitiu limitar os gastos públicos, não deixou claro de onde viriam as receitas, nem os investimentos e o crescimento real.

É fato, que o Brasil já enfrentou outras crises. A diferença é que o caos se instalou, não bastaram às boas intenções. O PIB precisava crescer, a inflação

deveria ser vista como a maior vilã, a indústria precisava de fôlego para se desenvolver e competir. Faltou liderança, credibilidade e a confiança dos empresários no governo, para que o país começasse a percorrer caminhos inovadores.

2.3 Tragédia e morte de Eduardo Campos

“Se a gente quer chegar a um novo lugar, a gente não pode ir pelos mesmos caminhos. (...) ao lado da Marina Silva, eu quero representar a sua indignação, o seu sonho, o seu desejo de ter um Brasil melhor.” Foi neste tom enunciativo que o candidato a Presidência da República, Eduardo Henrique Accioly Campos do Partido Socialista Brasileiro (PSB), fez a primeira entrevista de campanha ao Jornal Nacional (JN) e a última em vida, que foi ao ar em 12 de agosto de 2014. Muitos eleitores haviam conhecido o candidato Pernambucano, naquela véspera ao acidente aéreo que vitimou o ex-governador e mais seis pessoas, em Santos, no litoral paulista.

Na curta campanha, Eduardo Campos revelava-se muito otimista e, assumidamente, atribuía para si o desafio de propor aos brasileiros uma oportunidade de mudança, com possibilidade à solução dos impasses históricos, “uma nova política” sem deixar de preservar as boas realizações dos governos anteriores. Campos e a ex-senadora Marina Silva (PSB), candidata ao cargo de vice-presidente, apostavam em uma política diferente, ele, acumulando o papel de mediador devido às tensões e resistências criadas por Marina, enquanto que ela chegava para somar à coligação ²¹ um expressivo capital político, pois quando candidata a Presidência em 2010 então pelo Partido Verde (PV), se tornou um fenômeno eleitoral com quase 20 milhões de votos.

Campos queria ser uma espécie de porta-voz da classe C, correspondente a 54% do eleitorado, que soma atributos do perfil médio dos manifestantes de junho de 2013 ²². O candidato apostava em um currículo como deputado federal, governador pernambucano mais popular do Brasil e na herança enquanto filho e neto de políticos, na atuação como ex-ministro de Lula e ex-aliado do governo contra o qual se rebelara.

²¹ “Unidos pelo Brasil” - PSB; PPS, PSL, PHS, PPL e PRP.

²² Revista Carta Capital. Ano XX, nº 794 de 09/04/2014, Reportagem de Capa.

Eduardo Campos, herdeiro político do avô Miguel Arraes, foi bom aluno, ganhou status de líder inovador e agora representava uma possibilidade como “terceira via”, além de sustentar a fama de lutador e de conciliador por juntar opostos. O fim do bom relacionamento com Lula ocorrera em 2012, quando indicou candidato próprio à Prefeitura do Recife e venceu o pleito já no primeiro turno, em cima do apadrinhado petista. A partir da decisão em ser candidato, a Presidência da República, foi chamado de “tolo” e de “playboy mimado” em texto apócrifo colocado na página do PT no Facebook.²³

A campanha eleitoral no Brasil para a Presidência da República, em 2014, tomou um caminho inédito e de relevância histórica com a morte trágica do candidato em 13 de agosto de 2014²⁴, exatamente às vésperas do início da propaganda partidária pelo Horário Gratuito de Propaganda Eleitoral (HGPE), no primeiro turno. Campos representava uma “terceira via”, precoce, mas de perspectiva política consolidada na sua região de origem.

A tragédia, também foi um anúncio de que a campanha política teria um significado a mais do que aquela campanha previamente polarizada entre a candidata à reeleição Dilma Vana Rousseff, do Partido dos Trabalhadores (PT) e seu principal opositor, Senador Aécio Neves da Cunha, do Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB).

A inesperada morte do candidato Eduardo Campos alterou os rumos do cenário político. O fato levou a candidata Marina Silva (PSB) à condição de sua sucessora na campanha, embora o seu discurso e o seu posicionamento político não a colocava na condição de sucessora natural em um primeiro momento. Entre a tragédia, o luto e a solidariedade outro ritmo foi dado à campanha que até então parecia definida, a sensação de falta e de empobrecimento tomaram conta de uma dimensão importante no cenário eleitoral.

Todos os candidatos à Presidência da República externam seu pesar, entre eles os dois principais. Segundo Aécio Neves (PSDB), “O Brasil perdeu um político talentoso”, na declaração da candidata à reeleição, Dilma Rousseff (PT), o candidato “Era uma jovem liderança com um futuro extremamente promissor.”²⁵ A Presidenta,

²³ Revista Veja. Editora Abril. Ed. 2387, ano 47, nº 34. 20 de agosto de 2014. p. 67.

²⁴ Em acidente aéreo, em uma área residencial de Santos, litoral de São Paulo.

²⁵ Revista Veja. Editora Abril. Ed. 2387, ano 47, nº 34. 20 de agosto de 2014. p. 66-67.

determinou luto oficial e a suspensão da campanha por três dias.

2.4 A novidade: o fenômeno Marina Silva

A partir de 2014 a biografia de Marina Silva confunde-se, em parte, com a morte de Eduardo Campos (PSB). Os dois já haviam trabalhado no governo Lula, porém, a aproximação só ocorreu naquele ano com a decisão de Marina em filiar-se ao PSB e unir forças contra a polarização PT e PSDB e também por um histórico de rivalidades com a petista Dilma Rousseff, desde que foram ministras no governo de Luiz Inácio Lula da Silva²⁶.

Devido uma fatalidade e diante de um ideário posto, ressurge Marina Silva portadora de um forte capital político para dar prosseguimento a uma lógica discursiva que ganha legitimidade diante da contingência, inscrita sob o lema “Não vamos desistir do Brasil”. Em tempo, seus inimigos políticos criam defesas, se apoderam de alguns sentidos discursivos e aprimoram a luta política, ainda durante o luto.

A real possibilidade de Marina Silva voltar à linha de frente como candidata era péssimo para Dilma Rousseff que esperava a vitória já no primeiro turno e, também ruim ao candidato Aécio Neves que se transformara em dúvida para concorrer ao segundo turno.

Marina Silva volta a tomar frente na luta, agora com o gaúcho Beto Albuquerque (PSB) como seu candidato a vice, num processo de sucessão popularmente “natural” ainda que sob uma forte influência da família de Campos, do que por opção político partidária, já que nos bastidores militantes tachavam Marina de “maluca” e “hospedeira”. (GOIS e IGLESIAS, 2014).

A nova etapa da campanha do PSB ganha o lema “Não vamos desistir do Brasil”, um recorte da entrevista de Campos dada na noite anterior a sua morte, quando declarou: “Não vamos desistir do Brasil. É aqui onde vamos criar os nossos filhos, é aqui onde nós temos que criar uma sociedade mais justa.” (CAMPOS, JN, 12/08/2014).

A partir de então, Marina seria o novo alvo político. Estaria em meio ao fogo cruzado, onde de um lado Aécio (PSDB) a criticava por um “conjunto de

²⁶ GOIS, Chico de. e IGLESIAS, Simone. O lado B dos candidatos. Rio de janeiro: LeYa, 2014.

contradições”, e, de outro lado Dilma (PT) que a comparou ao ex-presidente Fernando Collor de Mello do “partido do eu sozinho”.

Durante quase todo o primeiro turno, a “nova política” de Marina idealizada com Eduardo Campos alcançava o topo das pesquisas, porém, o discurso da candidata que defende a participação direta nas decisões do governo era colocado à prova em todas as oportunidades pelos inimigos eleitorais, e se mostrava tão frágil e caótico, quanto sua estratégia e relação com seus pares. Com praticamente o mesmo capital político de 2010 quando ela conquistou 19.636.359 votos, Marina Silva ficou em terceiro lugar garantindo 22.154.707 votos.

2.5 Segundo turno: Dilma (PT) e Aécio (PSDB)

Guardadas as devidas proporções, a angústia sobre a definição do objeto de pesquisa foi de tamanha expectativa quanto à definição dos candidatos para o segundo turno às Eleições Presidenciais de 2014. Às vésperas da votação para o primeiro turno, as pesquisas ainda apontavam para a “novidade”, uma disputa entre o fenômeno Marina Silva (PSB) e Dilma Rousseff (PT), o que excluiria o otimismo e mais uma disputa ao cargo máximo do país, polarizado entre o PT e o PSDB, representado naquele pleito pelo candidato Aécio Neves. Ao PT só restava aceitar um segundo turno, uma probabilidade que chegou a ser descartada por algumas pesquisas no início da campanha.

Até o dia das eleições para o primeiro turno, o que se tinha eram incertezas e um peso de responsabilidade histórica. Até então o debate eleitoral e as formas de manipulação da opinião pública foram diversas, dos boatos às medidas impopulares. As ideologias discursivamente distorcidas e o convencimento sobre a certeza de que, tudo que vem sendo feito está certo, levaram à soberba e à cooptação política sobre o que realmente seria necessário.

Como nenhum dos candidatos atingiu mais de 50% dos votos válidos no primeiro turno para a eleição Presidencial, os dois mais votados, reforçando mais uma vez a polarização PT e PSDB, chegaram ao segundo turno, ancorados pelo jogo discursivo em que travavam um embate ora polarizado, ora não. Em consequência, criou-se um clima grave entre os militantes que em diversos momentos defenderam de modo voraz suas opções partidárias e estas

manifestações foram usadas durante o HGPE, fortalecidas pelos próprios candidatos.

O processo de campanha eleitoral se desenvolveu num clima de cobrança e acusações ao atual governo devido aos indícios de corrupção, investigação e até a condenação de alguns petistas. A candidata à reeleição, Dilma Rousseff, se empenhou a rebater as acusações, baseada no discurso de que o Brasil mudou e de que mudará ainda mais graças ao fortalecimento econômico que proporcionou a ampliação dos programas sociais.

O candidato, Aécio Neves, por sua vez, manteve-se à sombra de uma imagem política que se pode chamar de positiva, construída basicamente por Fernando Henrique Cardoso (FHC) enquanto Ministro da Fazenda e coordenador do bem-sucedido “Plano Real” no governo Itamar Franco, e, posteriormente ao assumir a Presidência da República por duas vezes.

Na década de 1990, a estabilidade da economia brasileira somou pontos para o PSDB, depois de décadas e inúmeros planos econômicos fracassados, na tentativa de controlar a hiperinflação. Mas, o enfraquecimento popular do partido foi se mostrando progressivo e o discurso de embate nas campanhas não tem dado o retorno esperado nas últimas eleições à Presidência. O PT logrou êxito nas urnas com a eleição de Luiz Inácio Lula da Silva em 2002 e 2006, revelando uma boa estabilidade política e “elegendo” sua sucessora, Dilma Rousseff, em 2010.

O ar de grandeza gerou um clima de ilusão. O modo de governar levou a divergências, comprometendo a credibilidade institucional e a expansão das políticas sociais e econômicas, em consequência perderam o rumo. A campanha eleitoral viveu momentos diferentes, oscilando entre a polaridade típica existente nas eleições presidenciais do Brasil e a aparente dissolução dessa polaridade, quando pareceram defender um mesmo projeto de futuro para o país.

2.6 Considerações

Conforme vimos o candidato Eduardo Campos (PSB) deixou sua marca discursiva logo na primeira entrevista, que oficializava o início da campanha para o grande público e para a imprensa. O lema “não vamos desistir do Brasil”, é um registro de que havia uma vontade anterior a esta formação discursiva, uma constituição de identidade e um processo constituído de momentos.

Tratar da política é falar de algo que vai além de uma realidade, que não se resume a um limite de demandas, pois sempre haverá uma falta em que as vontades tornam-se relações tensas, que geram uma incompletude, e por isso, sempre ideias parciais. O grande dilema está entre o que prevalece, se a bandeira de luta ou as complexas sociedades contemporâneas, pois qualquer projeto de mudança tem que passar pela transformação interna das instituições.

Sem, extraordinariamente algo novo para apresentar PT e PSDB lançam-se à guerra de posições políticas mais uma vez e, passam sobre quaisquer obstáculos de modo voraz, “doa a quem doer”, pois, em uma “campanha faz-se o diabo”, como se as instituições, o estado e a política não existissem sem estes ímpetos representantes.

Ainda que, mantidas as formas e o ritual democrático, cada vez mais nos sentimos afastados do seu real significado. A luta foi travada, as consequências poderiam ser perversas, mas tão significativa quanto às diferenças entre os polos antagônicos estiveram às divergências, que romperam o equilíbrio, o modo de entender o fazer democrático e o alargamento da participação política.

Na política sempre haverá um inimigo constituído, uma relação de poder que não tem um lugar próprio, mas se constitui na produção hegemônica de um processo de representação em que os governados são presença através de seus representantes, o que nem sempre garante a sua vontade. Para Laclau, importa a democracia que promove a construção da vontade popular, logo, não importa o regime político perante um vazio em que tudo é contingente.

Na ofensiva agenda temos o debate político e a procura da diferença que sustente uma hegemonia proveniente da legitimidade democrática do voto. Nos próximos capítulos veremos como a política se transformou em uma luta de construções de sentidos que promoveu, acima de tudo, a desconstrução do outro, do adversário, do inimigo político.

CAPÍTULO 3

O DISCURSO POLÍTICO ELEITORAL DE DILMA E AÉCIO EM TORNO DO TEMA CORRUPÇÃO

3.1 Introdução

Este capítulo tratará de apresentar a articulação do discurso político-eleitoral, durante o Horário Gratuito de Propaganda Eleitoral (HGPE), iniciado em 09 de outubro, no que se refere ao tema corrupção, com ênfase no discurso dos candidatos eleitos para disputar o segundo turno da campanha à Presidência da República de 2014. Serão demonstradas as práticas retóricas utilizadas por Dilma Rousseff (PT) e Aécio Neves (PSDB) para significar os seus discursos, momento de análise das significações feitas pelos candidatos ao tratar do tema corrupção, bem como sobre os indícios do envolvimento de membros dos seus respectivos partidos políticos.

Com este propósito, acompanhamos o desenvolvimento da estratégia retórica dos discursos em que os candidatos se constroem e quando desconstroem o seu opositor fazendo-se compreender a articulação dos sentidos gerados. A comparação dos discursos dos candidatos do PT e do PSDB justifica-se devido à situação de polarização na disputa da Presidência da República, nesta e nas últimas eleições, o que caracteriza a existência de dois polos bem distintos no campo discursivo.

Para tanto, o capítulo será dividido em três seções, além das considerações. Na primeira seção, será analisada a prática retórica a partir das articulações discursivas e das metas de campanha defendidas pela candidata Dilma Rousseff, sobre os significados aplicados à corrupção. A estratégia de ação em seu discurso dá-se a partir do ponto nodal “frear a corrupção”, estabelecendo outras articulações consideradas determinantes para a construção da retórica discursiva.

Na segunda seção, será feita uma análise a partir das práticas retóricas e as articulações discursivas ao longo da campanha, sobre os significados aplicados por Aécio Neves ao tema corrupção. O candidato, a partir do ponto nodal “Denúncias (Petrobras)”, constrói suas articulações determinantes para o seu discurso político-eleitoral.

Na terceira seção, tomando como base os elementos apresentados nas seções anteriores, serão demonstradas as construções retóricas a fim de significar

os discursos de modo geral, evidenciando como se apresenta a articulação dos sentidos gerados pelos candidatos dos partidos aqui trabalhados, a fim de demarcar o seu corte antagônico.

Ao final, serão realizadas as considerações sobre a articulação dos sentidos apresentados no discurso político considerando, além do contexto, o objetivo geral da pesquisa.

3.2 A construção retórica discursiva da candidata Dilma Rousseff contra a corrupção

O tema da corrupção é um assunto de potencial abordagem nesta campanha eleitoral, face ao momento e contingência dos acontecimentos que foram repercutidos pela mídia, devido aos escândalos de corrupção, a partir do caso Petrobras e a influência na opinião pública, já que se estabelece no cenário político uma imediata constituição antagônica. Estabelecido o cenário de disputa eleitoral se articulam de maneira precisa, pontos discursivos, de modo a construir um centro que, conforme a teoria laclauiana, chamada de pontos nodais do qual, vão se estabelecer metas a partir de uma mesma lógica de equivalência.

Embora a campanha eleitoral tenha sofrido diversas articulações desde a morte do candidato Eduardo Campos (PSB), o que se estabeleceu mais uma vez foi à polarização entre PT e PSDB. Configurado o cenário político-eleitoral, não se pode afirmar e atribuir unicamente a um tema, enquanto definidor da eleição, mas é possível a busca por significados discursivos a partir de temas como da corrupção.

Sendo assim, nesta seção serão demonstradas as principais práticas articulatórias do discurso da candidata à reeleição, Dilma Rousseff (PT), no que se refere à corrupção. Serão destacados os pontos referentes ao combate, intimidação e aos indícios de envolvimento de membros de partidos políticos em casos de corrupção. Partindo desta ideia e principalmente da necessidade de combatê-la, a candidata Dilma faz a seguinte afirmação:

(...) Temos que criar mecanismos mais eficientes para frear a corrupção e a impunidade. Sou a primeira a defender o combate sem tréguas à corrupção. Hoje temos um governo empenhado a resolver todo o tipo de problema. Exatamente por isso, meu compromisso mais profundo para o segundo mandato, se expressa na frase: "governo novo, ideias novas." (...). (HGPE, 09/10/2014 - Noite).

Neste tom propositivo, a candidata Dilma abre a campanha para o segundo turno no HGPE, justificando antecipadamente, a ideia de um segundo mandato e propondo a criação de novos mecanismos para o combate à corrupção. Assim, a

candidata define metas para um novo governo a partir de práticas retóricas que enunciam o ponto nodal “frear a corrupção”. Um dos primeiros pontos destacados em seu discurso faz uma comparação entre os modelos de governo, o governo de hoje petista e o outro modelo, dos tucanos. Assim podemos perceber no discurso que segue:

O que está em jogo nesse segundo turno não é uma simples disputa de nomes. O que está em jogo é um modelo de país. Não faço ataques pessoais ao candidato adversário. Mas, é fato que ele representa um modelo que quebrou o país três vezes, que abafou todos os escândalos de corrupção, que privatizou o patrimônio público a preço de banana, que causou desemprego altíssimo, arrocho salarial e recessão. (...) (ROUSSEFF, HGPE, 09/10/2014 - Noite).

Deste modo a candidata, apontando um modelo de país que não resolvia os problemas, mas que ocultava os indícios de corrupção e o envolvimento de nomes ligados à política traça a articulação para o alcance de novas ideias e a criação de mecanismos eficientes estabelecidos a partir da lógica da equivalência. A articulação dos sentidos apresentados pela candidata caracteriza a forma como o atual governo enfrenta a corrupção, o que se percebe no discurso abaixo:

(...) Ideias novas para combater a corrupção, e, nesse campo aliás, fui à única candidata a apresentar propostas concretas para agilizar os julgamentos e endurecer as penas contra corruptos e corruptores. (...) Governo novo (...) que reforce ainda mais nossos dois fundamentos morais: igualdade de oportunidade para todos os brasileiros e brasileiras e um combate sem tréguas, ainda mais duro, duríssimo à corrupção. (ROUSSEFF, HGPE, 09/10/2014 - Noite).

A candidata se apresenta como o nome adequado para representar um novo governo, a única a representar os brasileiros e as brasileiras, respeitando ideais de oportunidades e começa a articular suas metas. A primeira dessas metas parece estabelecer uma relação rígida “contra corruptos e corruptores”, com propostas que possam dar agilidade ao julgamento e à punição daqueles envolvidos em casos de corrupção. A candidata revela não ter receio de que os membros de seu partido possam ser apontados nos escândalos, à medida que defende um combate sem tréguas e em defesa do que ela mesma chama de “fundamentos morais”.

A construção retórica discursiva da candidata sugere uma articulação que reforça a posição de intolerância com a corrupção, mas também revela uma forma de articulação de autodefesa, (pois, a oposição aponta sobre o suposto envolvimento da candidata Dilma nos escândalos da Petrobras, já que ela era presidente do conselho e atuava junto com os suspeitos, denunciados pela Polícia

Federal), conforme podemos ver ao longo do pronunciamento:

O país foi surpreendido ontem, com gravações dos depoimentos a justiça de dois indivíduos presos pela Polícia Federal no meu governo, por envolvimento em atos de corrupção. Todos sabem que tenho tolerância zero com a corrupção e deixei isso bem claro ao criar as condições para investigar todo e qualquer delito e mal feito e para levar a julgamento todos os corruptos e os corruptores. Nem sempre antes, foi assim no Brasil. Muito pelo contrário. Aqui se costumava varrer a corrupção para baixo do tapete. O principal envolvido nas denúncias que hoje faz acusações para diminuir a sua pena foi demitido da Petrobras por mim e foi preso no meu governo. Tudo o que ele diz tem que ser apurado com rigor, eu sou a primeira a exigir isso. Mas, a investigação deve ser feita sem interferência ou manipulação política. A Lei não pode ser aplicada ao sabor de circunstâncias eleitorais. Quem está dizendo isso é uma Presidenta que nunca compactuou com qualquer tipo de irregularidade. Jamais aparelhamos a Polícia Federal ou a Procuradoria-Geral da República, essa é nossa diferença em relação aos governos Tucanos. Nós investigamos, eles escondiam! Quem criou as condições como eu para combater a corrupção, nunca será conivente com ela. (...) (ROUSSEFF, HGPE, 10/10/2014 - Noite).

A candidata faz acusações sérias sobre o caráter dos governos tucanos, aponta características que deixam claras as posições entre os diferentes e estabelece assim, uma relação antagônica, que argumentam à necessidade de se investigar e combater a corrupção. Tais significações, mesmo que de forma velada, apontam os problemas que se arrastam historicamente e que demonstram a necessidade de correção, ao tempo que desconstrói a imagem e a ideologia dos governos tucanos e por consequência, do seu opositor.

A propaganda de Dilma Rousseff inclui, nessa articulação discursiva, novos elementos quanto à necessidade de combater a corrupção. Tratam-se de recursos audiovisuais que reforçam a ideia de um novo governo com ideias novas e que ilustram a seguinte proposta da candidata: “Por isso, estou propondo a implantação de cinco medidas no combate a impunidade, pois a impunidade é um mal que alimenta a corrupção.”

Medida 1: Aprovar uma lei para transformar em crime e punir com rigor os agentes públicos que enriquecem sem justificativa, ou não demonstrem a origem de seus ganhos;

Medida 2: Modificar a legislação para transformar em crime eleitoral a prática de caixa 2;

Medida 3: Criar uma nova ação judicial para confiscar bens adquiridos de forma ilícita ou sem comprovação;

Medida 4: Alterar a legislação para agilizar julgamento de processos envolvendo desvio de recursos públicos;

Medida 5: Criar uma estrutura para agilizar investigação e processos contra quem tem foro privilegiado. (NARRADOR, HGPE, 10/10/2014 - Noite).

Em cena, imagens que “casam” ilustrações com cores, enunciação das

medidas de forma numeral, escritas (em caixa alta) e enunciadas por um narrador. Ao fundo, uma música em tom que proporciona sensação de dinâmica e ação ao narrador que interpreta e enuncia.

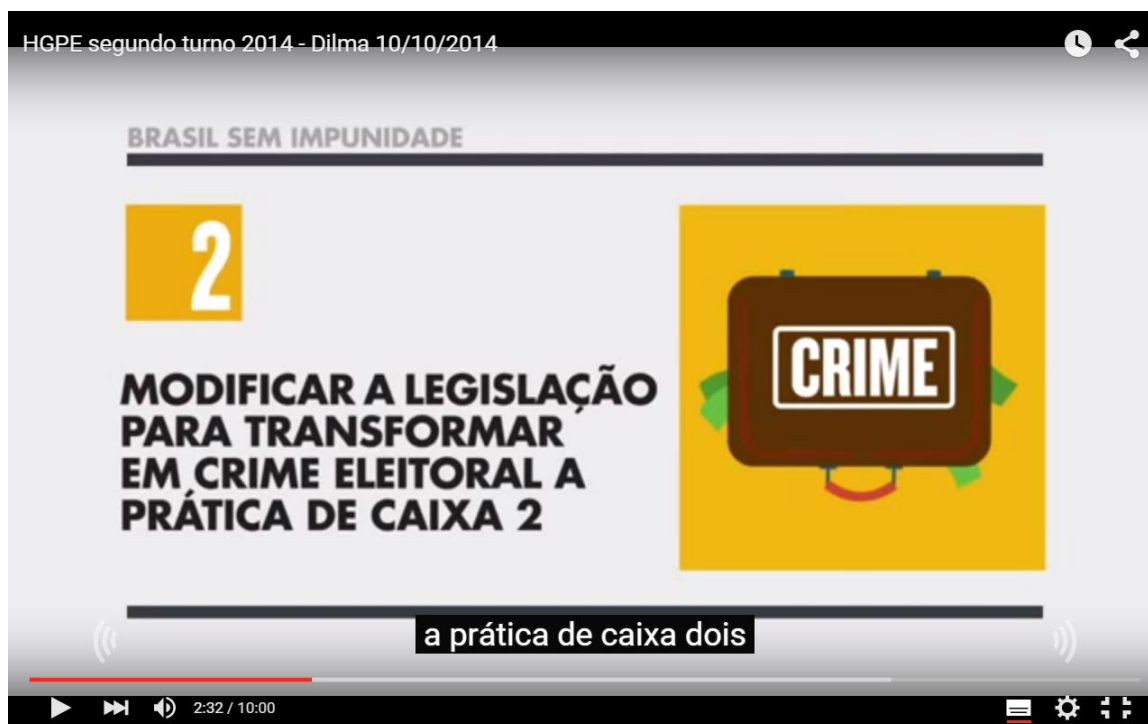


Imagem 01. HGPE segundo turno 2014 – Dilma 10/10/2014 - Noite.

Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=bc2vav2vMtg>.

De modo geral, a candidata não toma somente para si o problema da corrupção, mas coloca a questão sob a responsabilidade de todos os políticos, juristas e da sociedade brasileira que elegem os seus representantes pelo voto. Nessa ampla articulação, a meta com as cinco medidas de combate à impunidade torna-se um pré-requisito também ao combate da corrupção, já que ambos os problemas se confundem. Dilma Rousseff segue com seu objetivo a fim de significar o seu discurso e a construção retórica durante a propaganda eleitoral, ao tempo que desqualifica o seu opositor:

Na sua essência essas cinco medidas tem o objetivo de garantir processos em julgamentos mais rápidos e punições mais duras. Elas representam um golpe fortíssimo na impunidade. É claro, que o amplo direito de defesa dos acusados será preservado, mas dentro de prazos mais razoáveis porque hoje, os julgamentos podem levar uma eternidade o que só favorece os corruptos e os corruptores. Algumas das medidas que estamos propondo já estão sendo estudadas, pelo Congresso Nacional e pelo Judiciário, outras são inteiramente novas. O fundamental é que todos os poderes e toda a

sociedade participem desse processo para mudar o que precisa ser mudado no Brasil. Tomo essa iniciativa baseada no meu compromisso com a ética na vida pública e com a defesa do patrimônio dos brasileiros. Com a certeza de que a corrupção e a impunidade não podem ser combatidas com bravatas ou com palavras vazias, mas sim com medidas concretas, com a verdadeira vontade de mudar o rumo das coisas. (ROUSSEFF, HGPE, 10/10/2014 - Noite).

Conforme demonstra o trecho acima, fica clara a relação entre o combate à corrupção e à impunidade, entre o ponto nodal “frear a corrupção” e as metas que se articulam ao longo da construção retórica discursiva da candidata. A relação direta destes sentidos que se estabelecem e a articulação de campanha fundem-se num audiovisual em que o apresentador aparece sentado em uma espécie de túnel, com portas laterais e em espaço que vai se fechando e apertando “o cerco”, que representa uma pressão à impunidade. Na cena, o apresentador dizia o seguinte:

O governo Dilma combateu a corrupção como nenhum outro, e agora vai apertar ainda mais o cerco para acabar de vez com a impunidade. Caixa dois vai passar a ser crime eleitoral, quem enriquecer em cargo público vai ter de mostrar de onde veio o dinheiro, os julgamentos serão mais rápidos e os bens adquiridos com o dinheiro do povo serão confiscados e devolvidos. O corrupto pode continuar tentando, mas não vai ter como escapar. (APRESENTADOR, HGPE, 12/10/2014 - Tarde).



Imagem 02. Programa da campanha de Dilma Rousseff – 12/10/2014 (Tarde).
Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=kUWeE38GxMA>.



Imagem 03. Programa da campanha de Dilma Rousseff – 12/10/2014 (Tarde).

Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=kUWeE38GxMA>.

Tal veiculação sugere uma preparação para outro programa, que reproduz claramente a habilidade na construção retórica discursiva da candidata, devido à articulação prévia no que se refere às metas, e a partir do ponto nodal “frear a corrupção”. Esta forma de articulação é expressa durante o debate dos candidatos, organizado pela Rede Bandeirante (Band) no dia 14 de outubro, data em que é extraído o seguinte recorte:

Candidato, a minha indignação em relação a tudo o que acontece, inclusive no caso da Petrobras, é a mesma de todos os brasileiros, a minha determinação candidato, de punir todos os investigados que sejam culpados, os corruptos e os corruptores, é total. Quero lembrar que duas Leis aprovadas no meu governo, ano passado, dão base para esse processo de investigação da Petrobras. A primeira a Lei 12.830 que garante a independência do delegado, por quê? Antes no passado, por exemplo, na pasta rosa, o delegado começava a investigar e o mandaram para o exílio dourado. A outra, que regulamentou justamente a delação premiada, a 12.850. Além disso, candidato, eu me pergunto: onde estão todos os envolvidos com o caso Eivam [Sistema de Vigilância da Amazônia], estão todos soltos, onde estão todos os envolvidos na compra de votos durante a reeleição, todos soltos, onde estão os envolvidos na pasta rosa, todos soltos. **Aonde** estão todos aqueles envolvidos no mensalão tucano mineiro, todos soltos. **Aonde** estão os envolvidos nos metrô e na compra de trens de São Paulo, todos soltos. O que eu não quero é isso candidato, eu quero todos aqueles culpados presos, candidato. É essa minha indignação que o Senhor não enxerga! (ROUSSEFF, HGPE, 15/10/2014 - Tarde).

Com isso, a partir da significação em investigar corruptos e corruptores, a candidata faz uma relação equivalencial com duas outras metas de campanha por

meio do ponto nodal “frear a corrupção”, como demonstra a fala acima. Esta relação dá-se pela investigação de indícios de desvios na Petrobras e em relação às Leis aprovadas durante o governo petista. Neste sentido, a candidata articula o seu discurso contra a corrupção dando uma resposta ao candidato opositor, ao tempo que usa desta retórica da equivalência para forçar a exposição de casos mal explicados, de corrupção e impunidade, que envolviam os governos tucanos.

A meta de transformar em crime os casos de corrupção, com a aprovação das leis nº 12.830/131 [que dispõe sobre a investigação criminal conduzida pelo delegado de polícia] e, a lei de nº 12.850/132 [que define organização criminosa e dispõe sobre a investigação criminal, os meios de obtenção da prova, infrações penais correlatas e o procedimento criminal] foi explorada e articulada retoricamente, pela forma como se daria a luta contra o crime e, oportunamente, contra a corrupção. No HGPE, a candidata explora a articulação desses sentidos demonstrando sua característica legalista à medida que faz uma relação direta em vantagem para seu governo e, cobra do seu opositor uma visão clara sobre fatos ocorridos, indicando assim um sentido de duas visões de Brasil.

Com a meta de investigar indícios de desvio da Petrobras, a candidata admite que estes indícios existam e constrói uma retórica discursiva a seu favor, quando mais uma vez aponta e sugere atos de impunidade do partido adversário como também faz uma articulação de sentidos que coloca em descrédito o seu opositor. A fala abaixo, recortada do debate dos candidatos à Presidência da República e veiculado pela Rede Record de Televisão, que aconteceu em 19 de outubro, exemplifica de maneira implícita estas questões:

Eu sei que há indícios de desvio de dinheiro. Eu nunca impedi a investigação, candidato. Eu nunca impedi que falassem, que olhassem ou verificassem o que está acontecendo. Eu faço questão que a Polícia Federal investigue, candidato. [Na tela: a força da Petrobras]. Vocês, candidato venderam 30% da Petrobras, no mercado de ações a preço de banana, candidato. Na época a Petrobras valia 15 bilhões e 500 milhões, hoje a Petrobras passou o patamar dos 100 bilhões. Vocês não tem a menor moral para falar de valor da Petrobras. O Senhor disse que pensava em algum momento em privatizar a Petrobras, mas que isso não estava ainda na pauta. Eu só fico pensando quando é que o Senhor quer colocar na pauta. É denigrando a Petrobras, é dizendo que a Petrobras perdeu valor. Que é isso, candidato? A Petrobras é a maior empresa desse país e a força dela, candidato, são seus trabalhadores, sua capacidade de descobrir seu controle tecnológico. Eu sei, candidato que vocês gostariam mais de ver a Petrobras dividida entre as grandes empresas internacionais. A Petrobras será a maior empresa desse

país por muitos anos. (ROUSSEFF, HGPE, 21/10/2014 - Tarde).

Embora a candidata tenha deixado de lado como meta principal de campanha, o desenvolvimento da proposta de reforma política, esta foi explorada em diferentes circunstâncias, inclusive na articulação sobre a corrupção. A partir da mesma lógica da equivalência, a candidata expõe esta necessidade durante um encontro com representantes de movimentos populares que defendem a reforma, dos quais a candidata recebe uma lista com assinaturas em um abaixo-assinado, neste encontro Dilma faz a seguinte enunciação:

Eu não acredito que a gente consiga aprovar as propostas mais importantes como o caso do fim do financiamento empresarial de campanha, sem que isso seja votado em um plebiscito. [aplausos e manifestações de comemoração por parte dos representantes]. Não é possível um combate efetivo a corrupção sem reforma política. [gritos... Dilma... Dilma...] (HGPE, 16/10/2014 - Noite).

Tanto era o interesse da candidata em articular, favoravelmente, junto aos representantes populares que defendem a reforma política que, em meio às propostas, houve o entendimento de manifestar e estabelecer relação com o polêmico tema da corrupção, assunto que a cada dia tomava mais espaço na mídia e da opinião pública, paralelo ao andamento das investigações pela Polícia Federal. Mais uma vez, a candidata demonstrava sua construção retórica discursiva considerando a relevância dos fatos, por conta de uma necessidade eminente, ou oportunamente eleitoral, com a intenção de reforçar suas propostas e metas, formatando uma campanha completa capaz de absorver, em lógicas equivalentes, problemas como da corrupção e de significar o seu poder discursivo.

Realizados os recortes dos discursos da candidata durante o HGPE, representamos graficamente a articulação discursiva da campanha de Dilma Rousseff (PT), a partir do ponto nodal “frear a corrupção”.

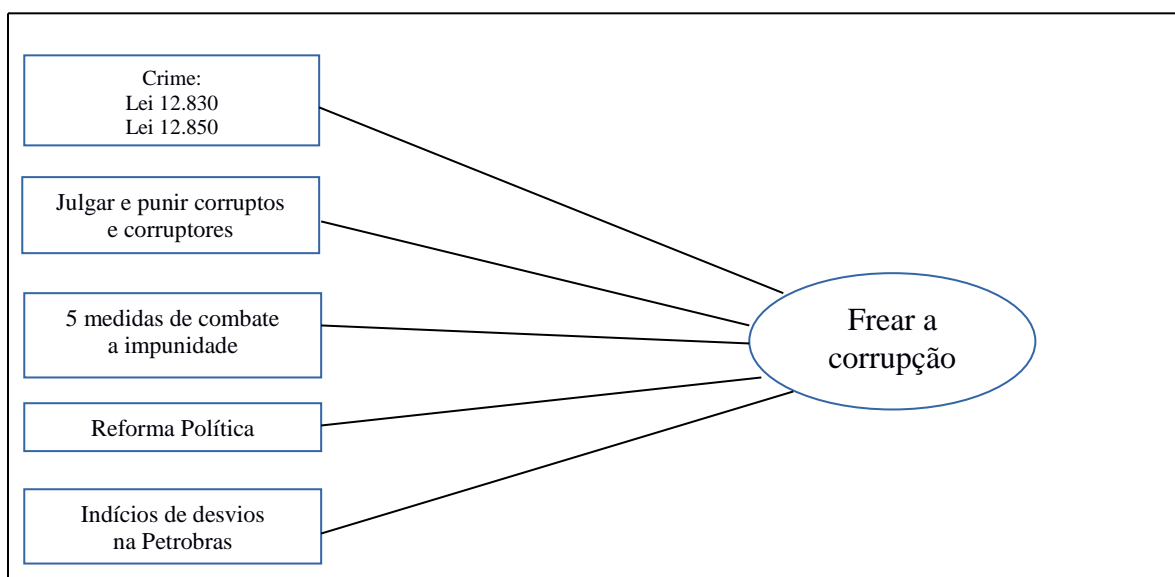


Figura 01 – Campo discursivo em torno da corrupção no discurso da candidata Dilma Rousseff (PT).
Fonte: Elaborada pela autora desta Dissertação de Mestrado.

À medida que a candidata Dilma Rousseff articula o seu discurso no que se refere à corrupção, notamos a constituição do ponto nodal “frear a corrupção”. A partir desta meta principal, foi constituída uma cadeia de equivalências em que ocorreu a construção retórica durante a campanha e assim, uma produção articulada de ações a se cumprir, ou, que estavam em andamento no que se referia ao combate à corrupção.

Apresentadas as práticas retóricas da candidata durante o HGPE, pelas quais foram articulados os sentidos que significaram o discurso de campanha, no que se refere à corrupção, comprovamos a emergência de analisar o discurso de seu candidato adversário, bem como a construção retórica discursiva utilizada pelo candidato opositor em que também significa o discurso político durante o segundo turno do HGPE.

3.3 A construção retórica discursiva do candidato Aécio Neves contra a corrupção

Assim como na seção anterior o tema corrupção também é tratado pelo candidato à Presidência da República Aécio Neves (PSDB), durante o segundo turno da campanha no Horário Gratuito de Propaganda Eleitoral (HGPE). Da mesma forma, vamos demonstrar a construção retórica discursiva do candidato opositor Aécio Neves. Embora sobre outra visão discursiva, serão analisadas as práticas articulatórias do discurso do candidato e, conseqüentemente, destacados os

elementos referentes ao combate, intimidação e aos indícios do envolvimento de membros de partidos políticos nos escândalos de corrupção.

Aécio Neves, que havia sido desacreditado como candidato favorito às eleições, por ocasião da liderança do fenômeno Marina Silva nas pesquisas, vence e chega ao segundo turno com um importante capital político. Ao mesmo tempo em que conclama os eleitores a adesão de sua campanha no segundo turno, Aécio demonstra estar fortalecido pelo seu discurso para mudar o Brasil e nesse sentido, direciona a sua campanha em busca da transparência dos acontecimentos, conforme declara no retorno ao segundo turno:

(...) quem venceu de verdade o primeiro turno, foi à imensa vontade de mudança do povo brasileiro, (...) milhões de brasileiros deixaram muito claro que não aceitam mais que o Brasil continue no caminho que está (...) eu te convido a vir com a gente (...) só assim nós vamos transformar a nossa indignação em ação. (...) Os nossos adversários já mostraram que não tem limites quando o que está em jogo é o seu projeto de poder. (...) O que nós queremos é ter de volta os bons valores que sempre tivemos. (...) sejam bem-vindos os que querem a mudança, sejam bem-vindos os que querem um Brasil melhor, sejam bem-vindos os que querem decência e querem respeito. (...) (NEVES, HGPE, 09/10/2014 - Noite).

Com o início oficial da campanha para o segundo turno, e com a veiculação dos programas no HGPE, Aécio Neves, explora o tempo de televisão por meio das práticas retóricas que articulam os indícios de corrupção vindos à tona, a partir dos escândalos na Petrobras e, numa associação de sentidos, estabelece relação direta do nome da candidata concorrente aos acontecimentos que se mostravam naquela contingência. O ponto nodal “denúncias (Petrobras)” faz-se equivaler a um conteúdo de significações traçados por uma construção retórica discursiva, como podemos ver no trecho recortado do debate dos candidatos na Rede Record de Televisão, em 28 de setembro, também veiculado no HGPE:

[Na tela: “O BR quer respeito”]

Infelizmente as nossas empresas públicas e as nossas instituições foram tomadas por um grupo político que as utilizam para se manter no poder. Essa é a grande realidade. A cada debate, em que nos encontramos, há uma denúncia nova em relação à Petrobras, por exemplo, talvez, o retrato mais visível do descompromisso desse governo com a profissionalização, com resultados, e é isso que precisa mudar no Brasil. Eu me preparei para brigar ao seu lado, eu me preparei para apresentar uma proposta ao país que permita que a inflação volte a ser controlada, e nós voltemos a crescer, porque é o crescimento que gera emprego. Tem sido absolutamente claro, [imagem de Dilma em meia tela com expressão de descontentamento] no que

diz respeito à Petrobras, nós não vamos privatizá-la. [retirada à imagem da candidata Dilma]. Inclusive, um projeto de lei que proíbe a sua privatização é de autoria do PSDB. Mas, eu vou reestatizá-la, [volta à imagem de Dilma, novamente mostra-se insatisfeita] eu vou tirá-la das mãos desse grupo político que tomou conta dessa empresa e está fazendo aquilo que nenhum brasileiro poderia imaginar, negócios há 12 anos, senhora presidente e senhora candidata. E a senhora era a presidente do Conselho de Administração desta empresa. É vergonhoso, eu expresso aqui a indignação de milhões de brasileiros, as denúncias não cessam. Mas, não há senhora candidata, e vou falar aqui, de forma muito franca, não há um sentimento de indignação, eu não vejo em momento algum a senhora dizendo: não é possível que fizeram isso nas minhas barbas sem eu saber o que estava acontecendo. Não, candidata. Esta indignação está faltando, mas eu a expresso aqui. (NEVES, HGPE, 10/10/2014 - Noite).

Recordando a campanha por este exposto, vimos que o tema corrupção e os indícios de envolvimento de membros dos partidos, recaem diretamente sobre o governo. O candidato tucano, conforme trecho acima, ele questiona os valores morais e éticos da candidata, articulação que é explorada numa relação da imagem de insatisfação da candidata ao que é dito e, induz a questionamentos e a investigação sobre o grupo que quer manter-se no poder, seu governo e membros do PT.

Assim, o candidato Aécio, a partir do ponto nodal “Denúncias (Petrobras)” constitui um discurso antagônico e estabelece uma relação equivalencial ao ligar a figura da candidata do PT, enquanto presidente do conselho de administração da empresa, ao momento dos atos de corrupção. A significação do discurso do candidato leva a uma situação de precariedade governamental naquela contingência, dados os efeitos de sentidos que se estabelecem com os escândalos de corrupção. Induzindo a idoneidade de seu partido, Aécio fortalece as medidas que favoreceram a empresa no passado e traçaram a articulação de metas favoráveis à maior empresa pública do Brasil.

A partir de uma lógica de equivalência e construção retórica tecnicamente econômica, o candidato Aécio promove a construção de sua imagem ao tempo que desconstrói sua adversária. O candidato ainda estabelece uma significação discursiva que induz a associação dos desvios na Petrobras com a falta de creches no país, e assim o faz:

A atual Presidente da República prometeu construir seis mil creches, e não construiu. Eu, além de construir essas seis mil creches em todas as regiões do Brasil, vou aumentar a idade de permanência da criança nas creches. Eu fiz uma conta outro dia: só esses desvios na Petrobras permitiriam que 450 mil crianças, o seu filho por exemplo, já estivessem hoje em uma creche. (NEVES, HGPE, 11/10/2014 - Tarde).

Neste jogo discursivo, constituído a partir de um antagonismo constitutivo, o candidato explorou oportunamente uma condição real de sentido equivalencial, em que fragiliza o ideal petista que constrói sua imagem com base no desenvolvimento político-social, em apoio aos trabalhadores e a favor das políticas públicas sempre encampadas pelo partido. Na construção retórica discursiva do candidato há uma construção de sentido quanto ao descompromisso do governo e que deixou em xeque as promessas do PT nos programas do HGPE.

Aécio desqualifica neste momento a candidata opositora e, perante a contingência, a linha ideológica partidária constituída com bases na política social e democrática pelo PT. No mesmo sentido, o candidato Aécio discursou no estado de Pernambuco, declarando em um trecho do discurso:

(...) Os brasileiros estão ávidos, sedentos e na expectativa de que alguém possa libertá-los do jogo desse governo que não respeita a democracia, não respeita reputações, não respeita os seus adversários e a eles eu digo aqui de Pernambuco: estou pronto para vencê-los e para dar ao Brasil um governo que os brasileiros esperam. (...) (HGPE, 12/10/2014 - Tarde).

O momento de fragilidade e dúvida sobre a ética do atual governo se torna elemento discursivo de importante significação para que os eleitores, em especial do nordeste, compreendessem a lógica proposta por candidato. Pernambuco vira um reduto importante para a oposição, já que o seu maior representante, o falecido Eduardo Campos (PSB) além de uma “terceira via” ao pleito eleitoral, também representava a condição de oposição ao governo petista. Nesta mesma construção de sentidos, o programa de Aécio procura qualificar e significar seu discurso a partir da ideia de desrespeito com as causas democráticas amedrontando os cidadãos. Assim, foi apresentada uma chamada com o seguinte teor:

[Em cena uma simulação de como o PT quer amedrontar o eleitor]
(...) com fofocas e boatos. (...) mentiras (...) quem tem medo são eles, medo de perder a eleição, o poder, os privilégios (...) medo que se investigue a corrupção na Petrobras ou as obras superfaturadas. Eles é que estão com medo. Porque sabem que a mudança já começou. (HGPE, 14/10/2014 - Noite).

Esta apresentação procura “endossar” a construção discursiva que vem sendo articulada pelo candidato Aécio. Demonstra a construção de sentidos a partir do ponto nodal “denúncias (Petrobras)” que reitera a ideia sobre a necessidade de transparência para que o Brasil volte a crescer. No trecho do debate dos candidatos à Presidência da República, realizado pela Rede Bandeirante de Televisão, em 14 de outubro, evidenciamos a retórica do candidato:

[Narrador: “Pulso firme e transparência para o Brasil voltar a crescer.”]

O seu governo chega ao final a meu ver, de forma melancólica, a grande verdade é essa porque fracassou na condução da economia, inflação alta, crescimento baixo, fracassou na melhoria dos nossos indicadores sociais e nós estamos aí com essas denúncias de corrupção que assustam e trazem indignação a todos os brasileiros. (NEVES, HGPE, 15/10/2014 - Noite).

Neste mesmo sentido, o discurso transcrito no trecho abaixo, também extraído do debate da Bandeirantes demonstra claramente como o candidato, a partir de uma fala popular, explica sobre as denúncias e critica a postura da adversária com relação a sua retórica:

[Na tela: O candidato da libertação!]

Não pode ser esse vale-tudo em que a Senhora transformou essa campanha eleitoral, como a Senhora. dizia: em uma campanha faz-se o diabo. Não é verdade candidata eleve o nível desse debate, os brasileiros estão aqui para saber o que vamos fazer para nosso futuro. Eu terminei o meu mandato sem qualquer denúncia, não respondo a nem um processo candidata, ao contrário de seu governo que virou um mar de lama. A grande verdade é essa. Eu trago aqui a indignação dos brasileiros e brasileiras, com os quais eu encontro em toda parte do Brasil, que me pedem que diga isso. Sabe qual a palavra que eu mais tenho ouvido? É libertação. Os brasileiros têm me pedido é o seguinte: Aécio, nos liberte desse governo do PT. Nós não merecemos tanta irresponsabilidade, tanto descompromisso com a ética e tanta incompetência. (NEVES, HGPE, 15/10/2014 - Noite).

Tal articulação teve sua significação reforçada sobre o descompromisso do governo elevando o grau e a construção de sentidos sobre os indícios e envolvimento de políticos e partidos em escândalos de corrupção. Ao longo dos programas o candidato Aécio reforça as denúncias do caso Petrobras e expõe mais uma vez a candidata, ao proferir o seguinte discurso:

[Na tela: Corrupção na Petrobras]

A senhora tem que tomar as providências e dizer ao Brasil o que aconteceu na Petrobras. A senhora conduziu com mão de ferro, durante 12 anos, fez questão de dizer a todo mundo quem mandava na empresa. A senhora pela primeira vez, dá credibilidade às denúncias do Senhor Paulo Roberto. É esse que disse que 2% de todas as obras sob sua responsabilidade iam para o seu partido, candidata, iam para o tesoureiro do seu partido. (HGPE, 17/10/2014 - Noite).

Com a informação sobre as denúncias do senhor Paulo Roberto e a repercussão em toda a imprensa, o candidato atribui através da construção retórica discursiva, a responsabilidade sobre os desvios e escândalos de corrupção para a candidata petista e fundamenta sua articulação sobre as denúncias, o envolvimento de grupos do poder, do PT e por consequência, mais uma vez a ideia de descompromisso, avalizando a corrupção.

Com a noção sobre a construção retórica discursiva do candidato Aécio Neves, durante o segundo turno da campanha no HGPE, espaço em que foram articuladas as práticas retóricas mais recorrentes sobre o tema corrupção, demonstramos as ocorrências a fim de significar os discursos com a noção do ponto discursivo, chamado de ponto nodal.

Neste cenário político, o discurso torna-se categoria de imprescindível observação pela articulação entre elementos distinguidos a partir da lógica da equivalência, de acordo com a definição das metas de campanha, que levariam em conta a contingência e a emergência do momento.

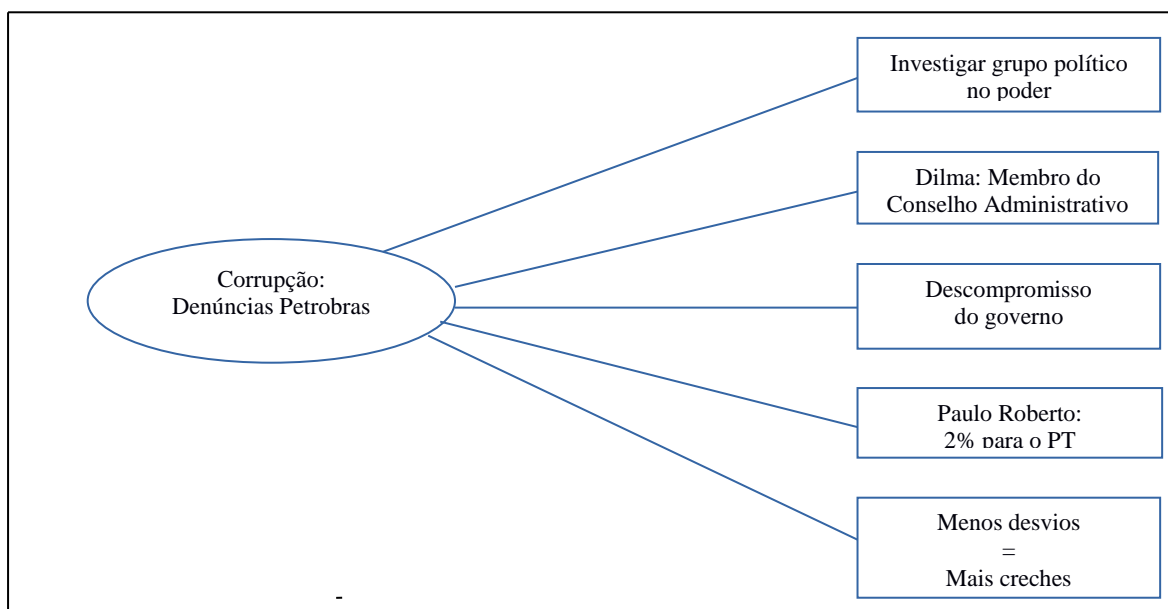


Figura 02 – Campo discursivo em torno da corrupção no discurso do candidato Aécio Neves (PSDB).
Fonte: Elaborada pela autora desta Dissertação de Mestrado.

Na representação gráfica acima temos o esquema do campo discursivo de ação do candidato Aécio Neves a partir do ponto nodal “corrupção: denúncias Petrobras”. A formação discursiva do candidato deteve-se a construção de sentidos que apontam ao suposto envolvimento da Presidenta Dilma aos casos de corrupção e de outros ligados ao seu partido e a Petrobras, onde Dilma também ocupou cargos de gestão.

É com base nos elementos apresentados nas seções anteriores e após demonstrar através de alguns recortes, os argumentos utilizados para significar o tema da corrupção, que partimos para a proposta de análise da construção discursiva evidenciando como se apresentam e se articulam os sentidos gerados pelos candidatos do PT e PSDB, a fim de demarcar o seu corte antagônico.

3.4 A formação do discurso político em torno da corrupção por Dilma Rousseff e Aécio Neves, marcada pelo corte antagônico:

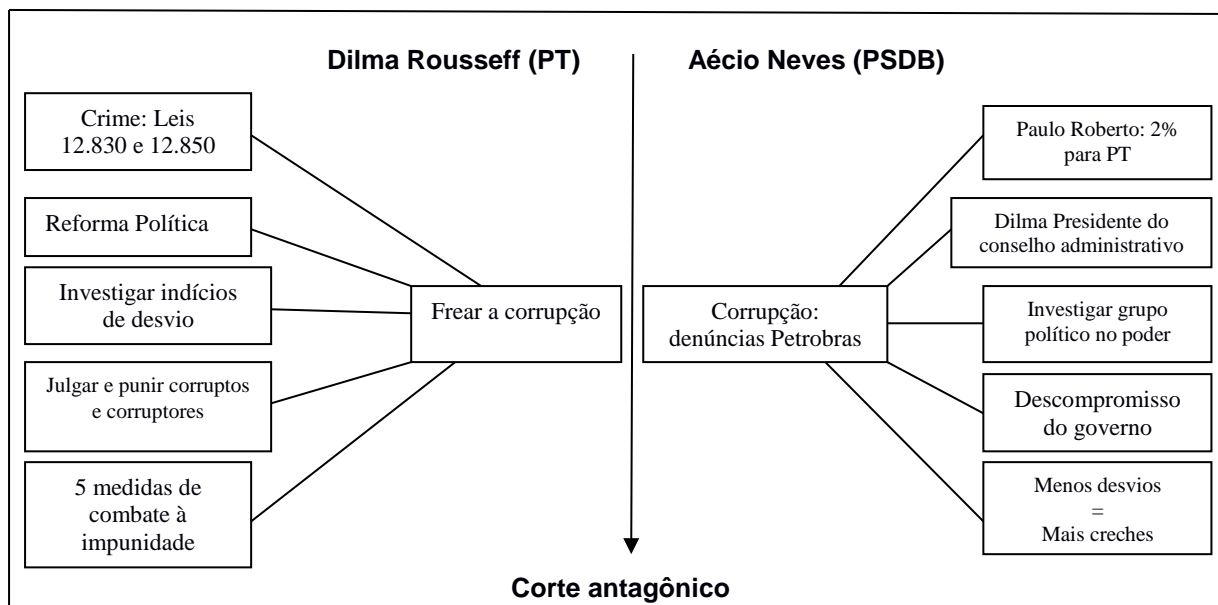
Conforme proposta, nesta seção, será feita a comparação dos discursos dos candidatos à Presidência da República, candidata a reeleição Dilma Rousseff (PT) e o candidato de oposição Aécio Neves (PSDB), para caracterizar o tema da corrupção, buscando assim, demonstrar como os candidatos significam este significante, ou seja, quais são os sentidos gerados pelos candidatos ao tempo que constroem os seus discursos e quando desconstróem o discurso de seu opositor. Desta maneira, a partir da teoria do discurso de Ernesto Laclau e Chantal Mouffe, foca-se a apresentar como a construção discursiva da situação e da oposição articula o discurso político em torno da construção hegemônica, marcada pelo seu corte antagônico.

Como observamos nas seções anteriores, cada candidato construiu um discurso em torno do tema específico, tendo de imediato contrário uma retórica em cima da ideia do combate a corrupção em que se estabelece a lógica da equivalência, a partir de pontos nodais diferentes, em que Dilma Rousseff propõe “frear a corrupção” e Aécio Neves parte para a ideia das “denúncias (Petrobras)”.

A busca de sentidos em disputa no antagonismo dos discursos de Dilma Rousseff e Aécio Neves é uma forma identitária em que reagem as pressões estruturais de campanha em um antagonismo provocado mais uma vez pela polaridade no processo político eleitoral. A fim de significar os seus discursos, amplia-se o conteúdo próprio no discurso de ambos os candidatos, a partir de lógicas de equivalência, diferentes, sem que deixem de ser contrários ao antagonismo da corrupção.

Com base nesta construção retórica discursiva, contrária à corrupção, pode-se perceber na figura abaixo (Fig. 03) como se deu a articulação do discurso político em torno da construção hegemônica no combate à corrupção e marcada pelo seu corte antagônico.

Figura 03 - Articulação do discurso político e formação dos campos discursivos, em torno da corrupção, entre os candidatos Dilma e Aécio.



Fonte: Elaborada pela autora desta Dissertação de Mestrado.

Considerando que a corrupção transformou-se em um sentido de disputa, no processo da campanha política eleitoral, em que os diferentes significam os discursos entre os polos antagônicos Dilma Rousseff *versus* Aécio Neves, podemos evidenciar que a corrupção se caracteriza como um significante flutuante, cujo significado está em disputa por ambas às cadeias discursivas antagônicas.

Portanto, identidades diferentes com sentidos gerados de forma diferente sobre um mesmo assunto. No caso citado acima o significante flutuante pode estar tanto no lado da candidata Dilma, como no lado do candidato Aécio, neste caso de disputa hegemônica em que flutuando entre eles, constrói significado de formas diferentes por ambos os polos em disputa.

O processo de disputa discursiva que se estabelece, considerado o processo de flutuação de sentido do tema corrupção, pode ser observado na figura 03. A construção retórica discursiva utilizada por Dilma Rousseff, a partir do ponto nodal “frear a corrupção” adapta-se a contingência que envolve os problemas apontados publicamente, o que também não impediria que ocorressem outras formas de significar o discurso.

Aécio Neves constrói uma retórica de oposição baseada no momento e na contingência dos fatos, atribuindo sentidos a partir do ponto nodal “denúncias (Petrobras)” que apontam o envolvimento de membros do Partido dos Trabalhadores (PT) e membros da Petrobras. O funcionário da Petrobras, Paulo Roberto Costa é

um dos membros envolvidos que atuou na empresa junto com Dilma Rousseff, quando esta pertencia ao Conselho Administrativo da estatal. O discurso articulado pelo candidato Aécio Neves reforça o sentido de disputa política, uma vez que tal significação desqualifica a imagem e a ética do governo petista, à medida que ocorre uma relação dos escândalos com o nome da candidata a reeleição.

É neste movimento do plano “político” ao “intelectual e moral” que a transição decisiva rumo a um conceito de hegemonia além das “alianças de classes” tem lugar. Pois, enquanto a liderança política pode se fundamentar numa coincidência conjuntural de interesses na qual os setores participantes retêm sua identidade separada, a liderança moral e intelectual requer que um conjunto de “ideias” e “valores” seja compartilhado por uma série de setores – ou, para usar nossa terminologia, que certas posições de sujeito atravessem diversos segmentos de classe. (LACLAU e MOUFFE, 2015, p. 131).

Por outro lado, a candidata Dilma Rousseff sustenta um ponto determinante na formação discursiva, no sentido de frear, estancar a corrupção e, por consequência, os escândalos. Seu discurso ressignifica o que foi feito até então, a favor e para que se apresente um novo governo e com ideias novas, o que garantiria mais uma vez uma formação discursiva a favor do desenvolvimento a partir das metas sociais, como também no sentido dos ideais de igualdade de oportunidade para todos.

Neste contexto, a candidata do PT procura solidificar os fundamentos do seu discurso baseado aos fundamentos do seu partido numa construção discursiva que capacita ainda mais a política ideológica de sua campanha. Sobre ideologia Laclau e Mouffe, baseados em Gramsci, afirmam o seguinte:

(...) A ideologia não é identificada como um “sistema de ideias” ou com a “falsa consciência” dos agentes sociais; ela é antes um todo orgânico e relacional, incorporado em instituições e aparatos, que solda um bloco histórico em torno de certo número de princípios articulatórios básicos. Isto previne a possibilidade de uma leitura “superestruturalista” do ideológico. (2015, p. 131-132).

Desta maneira, determinados sentidos entre as articulações discursivas antagônicas aparecem à medida que, o caráter simbólico necessita atingir e ser formulado de modo mais radical, ou um sentido que dependeria de articulações hegemônicas em que o sucesso ou não, somente a história confirmará. “Isto é ainda mais claro se, para nos referirmos ao mundo social, substituirmos “forças opostas” por “forças inimigas” (...) (LACLAU e MOUFFE, 2015, p. 200). A pressão estrutural promovida pelo antagonismo da polarização representa talvez um *status* não desejável, mas necessário no plano da construção retórica discursiva.

Aécio Neves procurou desconstruir a lógica equivalencial da candidata petista, mas ocupava um espaço discursivo ainda limitado, uma vez que não poderia articular um discurso retórico sem provas concretas, afinal indícios eram apenas questões a serem investigadas e não cabia ao candidato julgar e punir até que os fatos não fossem totalmente apurados, daí que a “hegemonia”, conforme sustentam Laclau e Mouffe (2015), encontraria os seus limites.

Posta esta situação, é possível compreender a formação antagônica na construção retórica discursiva dos candidatos. A partir da flutuação de sentido do tema corrupção, que lhe foram atribuídas significações pelos diferentes e gerada a formação de forças opostas ao tempo que se estabelece e se constitui a forma antagônica. Desta forma, os partidos assumem um lugar fixo na estrutura, ainda que seja percebido um deslocamento em que os temas tenham sentido tanto para a situação como para a oposição; características normais em momento político da disputa de sentidos entre os candidatos do PT e do PSDB.

Toda a articulação discursiva em torno da corrupção busca, de certa maneira, destacar formas eficientes de combatê-la. Por isso, o que se estabelece não é um núcleo comum de sentido, mas uma forma de manipulação pela oposição tucana, dando crédito a denúncias e até mesmo a especulações. A construção hegemônica do discurso de “denúncias (Petrobras)” busca construir sentidos diferentes para de constituir em significação, numa disputa antagônica em que se constitui um polo contrário ao outro. Além disso, essa articulação discursiva hegemônica busca qualificar os pontos da lógica equivalencial, que se expandem a medida geram significações.

Portanto, o que Laclau chama de ponto nodal, uma identidade hegemônica, é delimitada pelo seu corte antagônico, e neste caso de disputa discursiva um ponto nodal ou, de uma particularidade universalizada há a constituição de uma hegemonia. Neste sentido, quando uma determinada identidade se hegemônica, esvaziando sua particularidade inicial, se torna, necessariamente, um significante vazio.

3.5 Considerações

Neste capítulo foram apresentadas as principais formas de articulação discursiva dos candidatos Dilma Rousseff e Aécio Neves no HGPE, ao tratar do tema corrupção. Os candidatos constroem retoricamente pontos estratégicos que promovem a formação antagônica entre os discursos e atribuem sentidos diferentes a corrupção e a dimensão deste significado flutuante.

Considerando que toda a disputa discursiva busca o seu sentido hegemônico, ou a noção e caráter de totalidade, os candidatos constroem uma retórica para abarcar sentidos articulados por aquela contingência, como também formam significações conforme o momento e particularidade.

Aécio Neves demonstrou capacidade retórica e a formação de um discurso antagônico suficiente para a compreensão do processo hegemônico discursivo envolvido. Mas, não fica claro ainda em que momento há uma sobredeterminação do discurso que possa esclarecer sobre a articulação em que constrói o seu discurso e desconstrói a sua oponente.

Nos próximos capítulos analisaremos outros temas, também importantes para a eleição à Presidência da República e, que foram elencados conforme o caráter ideológico e político-partidário atribuídos ao PT e PSDB. Os próximos dois capítulos caracterizam o sentido de disputa a partir da “economia” e do “desenvolvimento social” que também se tornam elementos adequados para análise e categoria de significantes flutuantes.

CAPÍTULO 4

O DISCURSO POLÍTICO ELEITORAL DE DILMA E AÉCIO EM TORNO DO TEMA ECONOMIA

4.1 Introdução

Neste capítulo será apresentada a articulação do discurso político-eleitoral, durante o Horário Gratuito de Propaganda Eleitoral (HGPE), no que se refere ao tema economia. Para o trabalho de análise partiremos do discurso dos candidatos eleitos, para disputar o segundo turno da campanha à Presidência da República de 2014, sobre este assunto que dá movimento a tantas outras ações políticas e sociais no Brasil e no mundo. Ao tratar da economia serão demonstradas as práticas retóricas utilizadas pelos protagonistas políticos, Dilma Rousseff (PT) e Aécio Neves (PSDB), para significar os seus discursos. O texto seguirá os mesmos parâmetros do capítulo anterior para a análise das significações feitas pelos candidatos, ao tratar do tema economia e das nuances políticas na indústria e na agricultura, comércio exterior e desenvolvimento regional.

Esta tarefa consiste em caracterizar o sentido de disputa a partir da economia, pertinente ao debate político na eleição à Presidência da República e, dentre os temas elencados conforme o caráter ideológico e político-partidário atribuídos ao PT e PSDB. Com este propósito, acompanhamos o desenvolvimento da estratégia retórica dos discursos em que os candidatos se constroem e quando desconstroem o seu opositor fazendo-se compreender na articulação dos sentidos gerados. A comparação tem origem a partir da divisão em dois campos discursivos em que os candidatos do PT e do PSDB justificam as posições ao passo que redefinem o cenário da disputa política eleitoral.

A abordagem dar-se-á em três seções, além das considerações. Na primeira seção, será analisada a prática retórica a partir das articulações discursivas e das metas de campanha defendidas pela candidata Dilma Rousseff (PT), sobre os

significados aplicados à economia a partir de determinado ponto de partida às outras articulações consideradas determinantes para a construção retórica discursiva.

Na segunda seção será feita uma análise a partir das práticas retóricas e as articulações discursivas ao longo da campanha, sobre os significados aplicados por Aécio Neves ao tema economia. Notar-se-á que candidato em situação de oposição também constrói seus pontos para as articulações de equivalência, determinantes para o seu discurso político-eleitoral.

Na terceira seção, tomando como base os elementos apresentados nas seções anteriores, serão demonstradas as construções retóricas a fim de significar os discursos de modo geral, evidenciando como se apresentam as metas e os sentidos gerados pelos candidatos dos partidos aqui trabalhados, a fim de demarcar o seu corte antagônico. Ao final, serão realizadas as considerações sobre a articulação dos sentidos apresentados no discurso político ao considerar, além do contexto, o objetivo geral da pesquisa.

4.2 A construção retórica discursiva da candidata Dilma Rousseff sobre economia

Nesta seção será feita uma análise dos argumentos utilizados pela candidata Dilma Rousseff para tratar da economia, na busca de demonstrar como a candidata à reeleição significou o tema e, que sentidos foram gerados. A partir da teoria do discurso de Ernesto Laclau e Chantal Mouffe, nos instrumentalizamos para apresentar como a construção discursiva da situação se articula, como essa articulação constrói um sentido hegemônico quanto à economia e como a articulação constrói o seu corte antagônico com relação ao seu opositor.

Mesmo que o PT se configure como um partido de luta pelas políticas sociais, as questões econômicas compreendem-se como inerentes ao planejamento dos projetos de desenvolvimento regional e internacional e na expansão das políticas para a indústria e a agricultura. Nessa perspectiva, a campanha de Dilma Rousseff inicia o segundo turno dando destaque às obras implementadas por seu governo com a exibição de imagens e depoimentos dos empregados da Usina de Belo Monte. A centralidade da prática retórica torna possível a articulação sobre a economia com suas metas de campanha, a partir do ponto nodal “mais empregos e

crescimento”. Essas metas urgem de demandas como de investimento e infraestrutura, que na sequência são evidenciadas pela fala da candidata:

(...) Não faço ataques pessoais ao candidato adversário. Mas, é fato (...) que se curvou ao FMI, que esqueceu os mais pobres, que não investiu nem na área social, nem na infraestrutura. Minha candidatura representa uma luta contra esse passado, que o candidato adversário tanto defende, mas representa acima de tudo, um compromisso com o futuro, um futuro mais próspero, mais feliz e mais justo para nosso povo. (ROUSSEFF, HGPE, 09/10/2014 – Noite).

Para a candidata, a economia brasileira depende diretamente de justiça e de investimentos na área social, porém, permite certa fragilidade discursiva já que não esclarece de que forma poderia representar um futuro mais justo para o povo. A significação que vai contra o passado e contra o candidato adversário torna-se frágil à medida que a própria candidata reconhece: “(...) Isso não quer dizer que eu ache que tudo está perfeito. Não está não, estamos enfrentando dificuldades momentâneas na economia (...)” (ROUSSEFF, HGPE, 09/10/2014 – Noite). O sentido de negação gera uma significação hegemônica sobre a necessidade de rever as políticas defendidas até o momento, o que poderia favorecer o adversário. Nessa perspectiva, a candidata ajusta o discurso e reforçar retoricamente o slogan: “Governo novo, ideias novas”:

(...) Ideias novas para a economia controlando ainda com mais firmeza a inflação, mas sem produzir desemprego, nem arrocho salarial. Ideias novas, para as políticas sociais onde já somos vanguarda e destaque no mundo, mas que podemos avançar muito mais. (...) (ROUSSEFF, HGPE, 09/10/2014 – Noite).

Conforme vimos à economia necessita de mais atenção e controle, destacando que o governo petista reconhece nas entrelinhas a necessidade de uma proposta econômica que busque uma reorganização. Dessa maneira, o argumento não sustenta, nem garante o desenvolvimento social ascendente gerando, com isso, os sentidos sobre a necessidade de uma nova política econômica. Temos, portanto, através da articulação discursiva da candidata uma significação hegemônica de necessidade de controlar a inflação o que dá margem a outros sentidos, atribuídos a essa necessidade. Controlar a inflação sugere menos gastos, controle na circulação de recursos e com isso, corre-se o risco de haver arrocho salarial, menos investimentos e desemprego.

O modelo de programa petista articula sentidos diferentes e procura manipular o jogo político-eleitoral. Vimos isso quando a candidata deixou a seguinte mensagem nas capitais nordestinas: "Nós iniciamos uma grande transformação aqui no nordeste. Foi onde o Brasil mais cresceu, aqueles que dizem que aqui estão as pessoas que não sabem votar, nunca estiveram aqui, nunca conheceram a qualidade desse povo." (ROUSSEFF, HGPE, 10/10/2014 – Noite).

A candidata ao identificar certo favoritismo eleitoral nas regiões Norte e Nordeste, em relação ao seu opositor no primeiro turno das eleições, articula uma significação sobre a existência de um preconceito com aquele povo por parte da oposição, ao tempo que isola o candidato e o coloca em descrédito, desviando a possibilidade de uma formação de sentido que o privilegie sob aquela meta para e, em favor do desenvolvimento regional.

Neste contexto, a significação sobre a injustiça social gera novos sentidos, um dos pontos mais “batidos” pelos governos petistas, servindo de sustentação ideológica como podemos perceber nas palavras da candidata:

O fato, é que o Brasil mudou. Todos os indicadores econômicos e sociais do país melhoraram. Mudamos a vida de quem mais precisava, as crianças, os mais pobres, os trabalhadores que viviam sob a ameaça do desemprego e da recessão. Por mais que meu adversário, com o apoio de certa imprensa, tente vender uma imagem distorcida do Brasil, a verdade é que estamos enfrentando e superando enormes desafios. Ao contrário dos governos tucanos não temos medo, nem preguiça de fazer o que tem que ser feito, para mudar o que é necessário. (...) (ROUSSEFF, HGPE, 12/10/2014 – Tarde).

Conforme a candidata, o modelo econômico do seu oponente não proporcionaria estabilidade, nem garantia de benefícios aos trabalhadores, principalmente pela morosidade e a falta de visão para a mudança. Somado a isso, a candidata Dilma também reforça uma tese antiga dos líderes de esquerda, de certa “teoria da conspiração” por parte da imprensa, que supostamente estaria contra o projeto da candidata por “mais empregos e crescimento”. Tal argumento aparece também entre os narradores, durante o HGPE, como sustentação à crítica e, com isso, a questão de injustiça social assume uma significação no discurso hegemônico construído pelos petistas. Nesta mesma perspectiva, os narradores afirmaram:

[Narrador I]

Dilma e Aécio têm visões bem diferentes a assuntos diretamente ligados a

sua vida. Dilma defende que com crise ou sem crise internacional o fundamental é defender o emprego e o salário dos trabalhadores. Já Aécio, não é muito claro a este respeito. Mas, pelo passado dos governos tucanos a gente bem sabe o que pode vir por aí!.

[Narrador II]

Aécio disse que está preparado para tomar medidas impopulares (...) escolheu Armínio Fraga para Ministro da Fazenda (...) [numa referência ao passado traz a tona manchetes da Folha de S. Paulo: “Dependência externa cresce nos anos FHC”; “Fraga assume e eleva juros para 45%”; “Tarifas públicas sobem mais que o dobro da inflação no governo FHC”; “Banco Central prevê inflação maior e crescimento menor”]. Fraga irá esvaziar a importância dos bancos públicos, que hoje financiam programas sociais [inserção de uma gravação em que Fraga fala dos ajustes dos bancos públicos e que isso poderá colocar em risco a vida destes] ele não sabe o que irá sobrar da Caixa Econômica Federal, do BNDS e do Banco do Brasil. (NARRADORES, HGPE, 13/10/2014 – Noite).

Neste caso, as significações sobre a crise internacional, estas diretamente ligadas à situação do comércio exterior, geram novos sentidos sustentando a posição hegemônica sobre o grande desafio em fortalecer o emprego e promover o crescimento interno. Com a guerra de posições políticas, o programa eleitoral da candidata Dilma, começa a apelar à comparação dos modelos petistas e tucanos para governar. Os narradores buscam focar a atenção sobre o que acontece na vida real, para a possibilidade e constituição de um futuro cenário econômico devastador. Nesta perspectiva, a candidata se coloca em uma posição de “salvadora do povo” da seguinte maneira:

Todas as nossas políticas, têm o objetivo de gerar mais empregos, reduzir a desigualdade social e criar mais oportunidades para que as pessoas cresçam na vida. Vou dar um exemplo concreto. Hoje, os bancos públicos subsidiam várias ações e programas sociais como: o Minha Casa Minha Vida; o financiamento educacional, o FIES; o transporte público, entre outros. Sem esse apoio, tudo ficaria muito mais caro para a população, vejam o exemplo do Minha Casa Minha Vida. Hoje, com o rendimento de até R\$ 1.600,00 por mês, pagam uma prestação equivalente a 5% dessa renda, ou seja, apenas R\$ 80,00. Isso só é possível porque o governo federal por meio da Caixa subsidiou o custo das moradias. Pelas regras de mercado, a prestação da casa dessa família não seria de R\$ 80,00, mas sim, vejam bem R\$ 940,00. Portanto, é muito difícil não se indignar quando meu adversário fala de medidas impopulares. Ora, se são impopulares, são contra o povo e eu tenho muito claro, o lado do povo. O Brasil não pode voltar aquele passado em que era governado por uma elite e para uma elite, pois é contra esse retrocesso que vou lutar com todas as minhas forças. (ROUSSEFF, HGPE, 13/10/2014 – Noite).

A candidata constrói retoricamente uma condição direta, que associa o sonho do trabalhador em ter uma casa própria à sua reeleição. A vinculação direta das demandas com questões econômicas, encontra certa fragilidade quando, busca se

autopromover e desqualificar a capacidade do adversário, ao criar expectativas de moradia para todos os brasileiros e brasileiras deixando de equiparar números referentes aos recursos públicos, visivelmente insuficientes, à população que deseja um imóvel próprio. A fala da candidata ainda generaliza a oposição há uma condição de elite, o que poderia também ocorrer em relação aos petistas, pois as eleições trazem características como sendo uma das mais caras da história, sem contar que o PT também possui maior capital político e social, devido à condição de governo. A relação direta desses sentidos com a economia e a posição articulada em relação à oposição, está exemplificada no trecho abaixo:

Olha, não é segredo para ninguém que o Brasil é ainda um dos países com muitos problemas. É claro, passaram décadas e décadas sem se investir no Brasil e no seu povo. Mas, quando se compara o Brasil de hoje, com aquele que eu e Lula encontramos a diferença é enorme. A nossa economia é muito mais sólida e a maior prova disso é que não precisamos mais nos humilhar diante do Fundo Monetário Internacional, o FMI. Voltamos a realizar obras de infraestrutura depois de décadas de paralisia e a vida das pessoas melhorou como nunca. Só no meu governo, 22 milhões de brasileiros superaram a miséria extrema. O Brasil saiu do mapa da fome e cinco milhões e 600 mil trabalhadores conquistaram emprego com carteira assinada e as taxas de desemprego têm sido as menores da história. O outro candidato nega tudo isso, OK! Isso faz parte da disputa eleitoral. Mas, eu pergunto, você acha que o Brasil está melhor ou pior do que antes? Você acha que os governos tucanos fizeram mais do que o nosso? Pois é, você sabe a resposta e sabe também que o nosso compromisso sempre foi e continuará sendo, fazer o Brasil avançar cada vez mais. (ROUSSEFF, HGPE, 13/10/2014 – Noite).

Nota-se que a construção discursiva trata de esquivar-se dos problemas encontrados depois de passados 12 anos dos governos tucanos. Deste modo, a articulação dos sentidos sobre as injustiças econômicas ajudam na construção hegemônica e, sempre marcada por grande polêmica devido ao custo para o Brasil avançar cada vez mais e, sujeito a alta arrecadação dos impostos que mexe com o bolso dos brasileiros.

Sabe-se que as regras entre a arrecadação dos recursos pelo governo federal e, a forma como é distribuído, gera um clima tenso e de desconforto entre as regiões brasileiras. A campanha de Dilma deu uma margem maior ainda a esta discrepância, ao diferenciar-se no tratamento dado ao desenvolvimento regional do nordeste, ainda que tente atenuar esta “investida” eleitoral, conforme vimos na fala que segue:

O novo nordeste é um dos retratos mais fiéis do Brasil que está nascendo. É a prova de que vontade e garra nunca faltaram ao povo brasileiro. O que faltava mesmo era oportunidade, faltava apoio, faltava compromisso. Foi isso

que ajudamos a confirmar e o nordeste vem dando uma resposta espetacular. O show de desempenho dos nordestinos é tão grande que muita gente do Brasil ainda não está informada de tudo o que acontece por lá. Você sabia que nos últimos anos o nordeste cresceu o triplo da média nacional? E que foi lá onde a renda do brasileiro mais cresceu? É por isso que podemos dizer, sem nenhum tipo de exagero que muito do desenvolvimento que nosso país conheceu nos últimos 12 anos, veio da garra, do talento e da vontade de melhorar de vida do nordestino. Vale lembrar que os nordestinos também ajudaram e ajudam a construir São Paulo e todas as regiões mais ricas do país. Mas, muitos têm agora a chance de retornar a sua terra e ajudar neste grande trabalho de reconstrução do nordeste. (ROUSSEFF, HGPE, 14/10/2014 – Tarde).

Para a candidata, a forma como a economia estava sendo conduzida pelo governo estava refletida no projeto “respeite o meu nordeste”. Porém, a constituição deste modelo ideal não deixava espaço para uma verdadeira análise sobre os problemas da economia, afinal, esta não gira somente em torno de benefícios e programas sociais, notoriamente fixados pelo governo petista. Deste modo, a candidata se valeu de um fator de desenvolvimento econômico e regional como um fundamento meramente retórico do governo, para conseguir promover a si mesma.

Portanto, a questão sobre a significação da expansão econômica regional articulou outros sentidos, contrários à ideia democrática, à medida que a candidata se fortalece em seu discurso e coloca em dúvida o outro modelo de governo, conforme vimos:

Depois do desenvolvimento dos últimos anos ter preconceito contra o nordeste, contra o povo nordestino é coisa de quem não conhece o Brasil real. De quem não tem, nem nunca teve o compromisso com o Brasil profundo. O nordeste de hoje é o avanço, o nordeste de hoje é a semente do futuro. Atraso, é não reconhecer isso. Alguém que ainda cultiva esse tipo de pensamento merece de todos e de cada um dos brasileiros, o mais forte repúdio. Vamos aprofundar as mudanças, esse é o meu compromisso, assim o nordeste dos grotões e dos coronéis, só vai existir nos livros de literatura e no preconceito de certas pessoas que escondem as alianças que sempre fizeram. (ROUSSEFF, HGPE, 14/10/2014 – Tarde).

Segundo a candidata, a existência do preconceito está diretamente ligada a fatores de desenvolvimento, a uma herança que castigou o nordeste, quando sabemos que coronéis e grotões existiram e, ainda existem em qualquer dos extremos geográficos do enorme Estado brasileiro. Portanto, a significação sobre a não existência do desenvolvimento regional é explicada, na visão da candidata, a partir da formação do sentido de preconceito regional.

Em outro trecho do HGPE, a candidata justifica que o novo ciclo de

desenvolvimento que o Brasil vai viver, passa pelo nordeste e afirma:

As mudanças que fizemos, estão em todo o lugar. O nordeste tem sentido mais mudanças, porque estava lá atrás, esquecido pela insensibilidade histórica dos nossos governantes. Mas, as mudanças têm ocorrido em todo o Brasil criando oportunidades para todos. Não melhoramos o país contra os ricos, assim como não apostamos o desenvolvimento do nordeste contra outras regiões. As mudanças foram feitas para o bem de todas as brasileiras e de todos os brasileiros. Elas estão aí na vida e em torno das pessoas. É só olhar pra ver! (ROUSSEFF, HGPE, 14/10/2014 – Tarde).

Na grande maioria dos pronunciamentos da candidata Dilma, principalmente aqueles que tratam sobre desenvolvimento e crescimento, o argumento busca fundamentar-se na comparação aos governos tucanos, que teve reconhecida importância histórica sobre as questões econômicas, com o fim da hiperinflação. Esse argumento se torna um referente empírico para uma formação hegemônica, com a articulação das diferenças que se fortalecem por enunciados como: “Nós, investimos profundamente na criação de empregos, na valorização dos salários, na estabilidade macroeconômica do país, diminuindo dívida, garantindo que o povo brasileiro, tivesse novas oportunidades.” (ROUSSEFF, HGPE, 15/10/2014 – Tarde).

Neste mesmo programa a candidata deixa esta diferença ainda mais clara:

Eu acredito que dois projetos e duas visões de Brasil estarão se apresentando. Nós fizemos o mais profundo processo de distribuição de renda e inclusão social das últimas décadas. Tiramos 36 milhões de pessoas da pobreza extrema, da miséria e elevamos 42 milhões de pessoas à classe média. Nós lançamos as bases para um novo ciclo de desenvolvimento. O fundamento desse novo tempo é a educação, da creche à pós-graduação, estimulando a ciência, a tecnologia e a inovação garantindo melhores empregos, melhores salários. (ROUSSEFF, HGPE, 15/10/2014 – Tarde).

A candidata petista destaca uma série de questões importantes, segundo sua visão de governo. Neste sentido, Dilma Rousseff se coloca contrária ao projeto de governo do adversário, ainda que os objetivos pretendidos por ela e pelos envolvidos na disputa possam ter a mesma perspectiva com a construção hegemônica de que a economia é capaz de gerar novas articulações de sentidos, conforme a contingência dos fatos.

Ao longo da campanha, Dilma Rousseff reforçou a ideia de negação a um passado político conservador e, em decadência, “governado por uma elite e para uma elite”. Portanto, a partir da significação sobre “defesa dos salários (trabalhador)”, ligados diretamente ao ponto nodal “mais empregos e crescimento”,

se constitui em um mesmo polo como mais um argumento ligado à economia que, por sua vez, constitui um discurso hegemônico. Assim a candidata a partir de práticas retóricas traça uma articulação para o alcance de suas metas e, seus programas durante o HGPE ocorreram em forma de repetição.

Para fortalecer a ideia de alguns enunciados, como os objetivos políticos da campanha para um novo governo e para defender o Estado brasileiro da crise internacional, resistente aos reflexos em defesa do emprego e do crescimento, o discurso da candidata não se rende às dificuldades que aos poucos se revelam em seu governo, como no caso do combate à inflação. Sobre essa questão a candidata declara:

Eu tenho um compromisso de combater a inflação de forma drástica e sistemática. A inflação não está descontrolada como quer vocês, até porque vocês jogam no quanto pior melhor. Eu considero muito grave a proposta de 3% de taxa de inflação, porque vai repetir a velha história de sempre. O cozinheiro é o mesmo (Arminio Fraga), a receita é a mesma (recessão, recessão, recessão) o resultado é o mesmo desemprego, arrocho salarial e altas taxas de juros. A quem serve isso? Ao povo brasileiro é que não é! Vocês sempre gostaram de plantar inflação para colher juros. (ROUSSEFF, HGPE, 21/10/2014 – Tarde).

De uma maneira geral, a candidata coloca que o controle inflacionário é condição e pré-requisito para garantia de mais emprego e crescimento. Sua forma de articular ainda coloca em xeque e em dúvida os projetos dos adversários, numa demonstração de como se constrói o discurso político e como devem ser tratadas as demandas.

A campanha ganha um ritmo final em que as significações discursivas são postas de acordo com o momento e a contingência. A estratégia retórica construída pela candidata fortalece os pontos positivos dos governos petistas, ao tempo que desconstrói seu opositor baseado em recortes históricos que colocaram em dúvida a competência dos tucanos. Conforme vimos no discurso abaixo:

Ao longo desta campanha provamos que o Brasil de hoje é muito mais forte do que aquele de anos atrás. Os fatos estão aí, mesmo enfrentando uma grave crise internacional preservamos os salários, geramos mais de cinco milhões 700 mil empregos (escrito na tela: 5.784.991) e alcançamos as menores taxas de desemprego da nossa história. Tiramos 22 milhões de brasileiros da miséria e o Brasil saiu do mapa da fome. (...) estamos realizando o maior conjunto de obras de mobilidade e de infraestrutura das últimas décadas. Tudo isso, precisa se ampliar e melhorar. Também, muita coisa nova precisa ser feita, mas hoje quero falar de outra área, onde estamos fazendo muito, que vem dando um resultado espetacular, o campo.

Pois, é aí produzindo alimentos para nossa população e para o mundo todo que o Brasil, tem dado mais uma prova de que é um país extraordinário, capaz de superar qualquer desafio. É nesse Brasil que acredito e é por esse Brasil que luto para melhorá-lo cada vez mais! (ROUSSEFF, HGPE, 22/10/2014 – Tarde).

Conforme demonstra a fala acima, a candidata vincula um discurso de força, combate à crise e a ideia de um Brasil pronto para novas ideias, ao sucesso econômico do campo. O agronegócio mais uma vez se destaca devido a vários fatores, entre eles os climáticos, mas, principalmente aos produtores que historicamente lutam pela política agrícola e por incentivos que nem sempre estiveram ou, estão disponíveis, principalmente aos pequenos produtores. Numa relação direta destes sentidos com a economia, a articulação da candidata com a política agrícola se mostra retoricamente convincente, conforme a fala abaixo:

A verdade é que nossos produtores sejam eles de pequeno, médio ou grande porte, nunca tiveram tanto apoio para modernizar e ampliar os seus negócios. Vamos continuar neste rumo, mas sou a primeira a reconhecer que eles ainda enfrentam muitos problemas para transportar a produção até os centros consumidores e os portos. Exatamente por isso, iniciei um conjunto de obras que vai mudar esta situação. Que fique claro, o resultado final desse trabalho se dará no médio prazo, mas importantes resultados já começam a aparecer. O fato, é que já estamos avançando e criando infraestrutura logística que o Brasil precisa e merece! (ROUSSEFF, HGPE, 22/10/2014 – Tarde).

Como se percebe a candidata articula a possibilidade de novas ideias, novos rumos, ainda que com problemas e dificuldades que envolvem o seu próprio governo. Mais uma vez a infraestrutura, a mobilidade e a capacidade de investimento enfrentam desafios reais próprios de uma grande nação, com dificuldades em acumular riquezas e, devido os caminhos tortos da lógica e do jogo político que tentamos compreender e analisar discursivamente.

O jogo político que hoje procura resgatar caminhos para o escoamento da produção através de portos e ferrovias, por exemplo, já fora explorado em outros discursos políticos e, que também foram colocados como duvidosos para o crescimento econômico do país, em detrimento da expansão de rodovias, por exemplo.

A significação a partir do ponto “mais empregos e crescimento” promove relações equivalenciais com as metas de campanha que a candidata Dilma Rousseff defende e mantém até o último programa do HGPE. Uma construção retórica verificada no seguinte trecho:

Ninguém mais do que você sabe o quanto foi preciso batalhar para dar uma vida melhor a sua família. Esta vitória não é de ninguém, é sua. Mas, uma coisa é certa, ninguém é uma ilha, ninguém cresce nesta vida sozinho. Você cresceu porque o Brasil mudou, criou e ampliou oportunidades. O Brasil combateu a pobreza, criou milhões de empregos, valorizou o salário-mínimo e investiu em qualificação. Para a vida mudar, foi preciso governar olhando para as pessoas, e não apenas para os números como faziam no passado. Deixo aqui minha palavra: nós que lutamos tanto para garantir salários e empregos, não vamos permitir que nada neste mundo, nem crise, nem inflação, nem pessimismo, nem falsas promessas tire de você o que você já conquistou. O Brasil mudou, mudou pra você crescer é assim que vai continuar sendo, enquanto eu tiver a sua confiança para governar este país. (ROUSSEFF, HGPE, 23/10/2014 – Noite).

Tal articulação promoveu uma credibilidade necessária ao sentido de disputa, que a candidata reforça insistentemente, estabilidade econômica de maneira geral, uma construção discursiva que ilustra a hegemonia idealizada, construída retoricamente e que ganha força e sentido nas seguintes palavras:

Somos aqueles que sempre acreditaram no Brasil e sempre acreditarão no Brasil. [imagens de campanha e de Lula] eu não fui eleita, nem serei reeleita para desempregar trabalhador. Não fui eleita, nem serei reeleita para colocar o nosso país de joelhos, diante de quem quer que seja. (ROUSSEFF, HGPE, 24/10/2014 – Tarde).

A fala acima exemplifica a capacidade discursiva da candidata Dilma Rousseff, durante o segundo turno em HGPE. Articuladas as metas e conduzidos os sentidos, há que se destacar a habilidade e a estratégia retórica nos discursos em que a candidata se constrói e quando desconstrói o seu opositor.

Feitos alguns recortes dos discursos da candidata durante o HGPE, representamos graficamente a articulação discursiva da campanha de Dilma Rousseff (PT), a partir do ponto nodal “mais empregos e crescimento”.

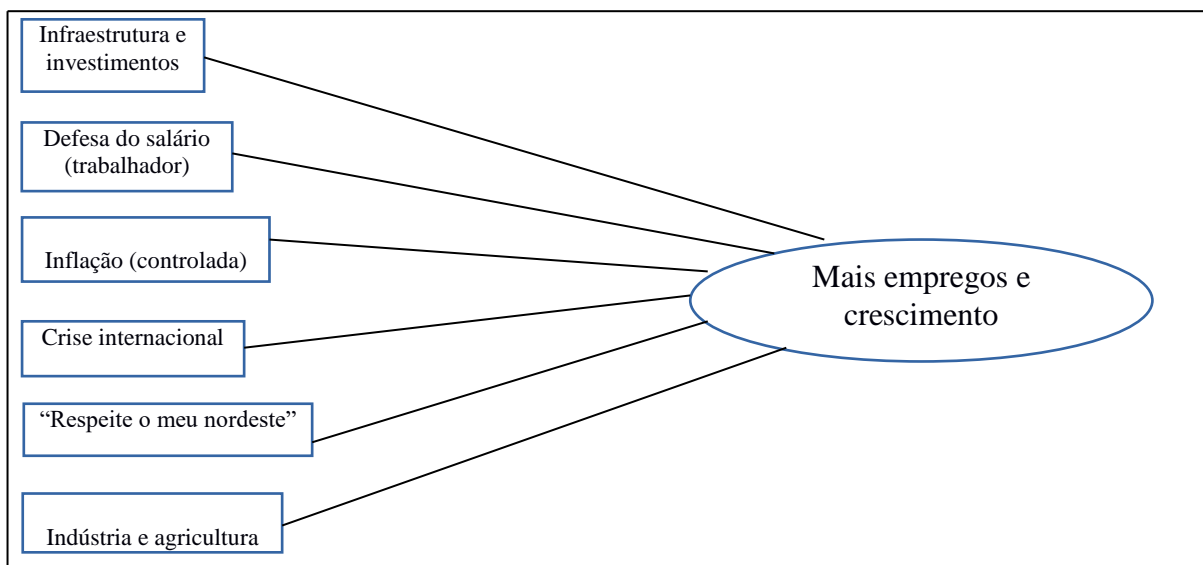


Figura 04 – Campo discursivo em torno da economia no discurso da candidata Dilma Rousseff (PT).
Fonte: Elaborada pela autora desta Dissertação de Mestrado.

Vimos que a candidata Dilma Rousseff ingressa no tema economia a partir de alguns pilares que traçam avanços a partir da infraestrutura, investimentos, da melhoria na qualidade do emprego, no desenvolvimento e aumento da produtividade da economia. Dilma Rousseff constrói sentidos que levam ao crescimento do emprego, a ampliação e qualificação do mercado interno e a expansão das exportações, num modelo de política econômica em plena ascensão. Para tanto, conta com o incremento da indústria e do agronegócio, bem como com políticas regionais baseadas em metas de inflação baixa e no fortalecimento do consumo pela defesa do salário do trabalhador.

Com vistas ao nível antagônico, passamos a explorar o discurso do candidato Aécio Neves (PSDB) para que, posteriormente, possamos significar os discursos e reconhecer no conteúdo de ambos os polos em disputa, enquanto resultado de uma possível e futura análise.

4.3 A construção retórica discursiva do candidato Aécio Neves sobre economia.

No mesmo sentido de disputa, temos o discurso do candidato Aécio Neves, durante o HGPE para o segundo turno da campanha em 2014, ao tratar do tema economia. Observamos que o nível antagônico se faz presente nesta relação de

polarização entre PT e PSDB. Para tanto, o candidato tucano esforça-se em dominar o campo da discursividade, construindo um centro, ou ponto de fixação, com o ponto nodal “inimiga é a inflação”.

O retorno de Aécio Neves à preferência do eleitor o colocou em uma situação que despertou um alerta na política brasileira, afinal, se a realidade fosse tão branda quanto o discurso do governo, a oposição não teria concentrado certa hegemonia na virada ao segundo turno. O excesso de sentidos determinaram as metas para a campanha tucana estão representadas em uma lógica de equivalência, enquanto solução para o reequilíbrio da economia, que começa a ser sentido pela população e a promover efeitos negativos.

Recordando o exposto anteriormente, vimos que em diferentes momentos a candidata à reeleição se contradisse, sobre a possibilidade de uma crise e a falta de controle da inflação. No discurso constituído como antagônico, o programa de Aécio Neves afirma diretamente que a inimiga é a inflação. Desta maneira, as demandas mais recorrentes, carregam consigo um estigma de que o governo fracassou e que há a necessidade de controlar a inflação chegando a patamares tão significativos quanto aquele que acabou com a hiperinflação no governo FHC.

Todavia, este campo discursivo precisa se solidificar assim como ocorreu com o Plano Real na década de 1990, que promoveu estabilidade econômica ao país. A campanha de Aécio procura especificar, pelas práticas retóricas de campanha as demandas para firmar o discurso antagônico, por meio da transparência de suas metas de campanha que agregam valor a economia à medida que se estabelece a lógica da equivalência. No primeiro dia do HGPE, em segundo turno, Aécio já verbaliza suas metas:

Nós vamos falar aqui de ideias, vamos falar de ações para fazer o Brasil voltar a crescer porque só crescendo nós vamos conseguir melhorar a saúde, a educação, a qualidade dos empregos, os salários, os benefícios sociais, a sua segurança. A mudança que eu falo é aquela que dá ao Brasil o que ele mais precisa hoje: um governo que funcione, o governo que seja parceiro e resgate a confiança dos brasileiros no país e no seu próprio futuro. Porque quando o governo não funciona aí as coisas ficam muito mais difíceis. Quando o governo é o problema a vida de todo mundo vira também problema. (NEVES, HGPE, 09/10/2014 – Noite).

Logo, a partir desta estratégia retórica, o candidato tucano trouxe para a condição de momento, particularidades que determinam o sentido em disputa e

coloca em dúvida a atuação do atual governo, representado pela sua opositora. Antagonizando, constrói um discurso que, a solução para a economia está na troca de governo, pois o problema está no fracasso do atual governo. O discurso é pela mudança, a fim de resgatar a confiança e maior possibilidade de futuro aos brasileiros. O trecho abaixo, recortado do debate dos candidatos da Rede Record de Televisão em 29/10/2014, denota esta questão:

Eu me preparei para brigar ao seu lado, eu me preparei para apresentar uma proposta ao país que permita que a inflação volte a ser controlada, e nós voltemos a crescer, porque é o crescimento que gera emprego. Tem sido absolutamente claro, [aparece imagem de Dilma em meia tela com expressão de descontentamento] no que diz respeito à Petrobras, nós não vamos privatizá-la. [retira-se a imagem da candidata Dilma]. Inclusive, um Projeto de Lei que proíbe a sua privatização é de autoria do PSDB. (NEVES, HGPE, 10/10/2014 – Noite).

Neste jogo discursivo, em que se constitui o antagonismo há do outro lado a inflação e uma correspondente articulação de sentidos, estabelecidos pela lógica da equivalência, que impede o crescimento e gera a desvalorização dos salários dos trabalhadores, comprometendo renda e a oferta de empregos. A construção retórica permite ir além, trazendo à tona questões referentes ao caso da Petrobras, que influência diretamente nas relações de ordem econômica, política e internacional. O discurso articulado por Aécio visa desestabilizar sua opositora, que procura se manter no governo e, no poder, por meio da reeleição.

Aécio é declarado, pelos narradores do seu programa durante o HGPE, como inimigo da inflação, da incompetência e da falta de crescimento através de um discurso direto. Esta mesma construção discursiva declara que o único inimigo da opositora é Aécio, permitindo um enunciado que abre uma disputa, exclusivamente, em nome do poder. Ainda sobre os rendimentos dos trabalhadores, o candidato argumenta algumas questões durante o encontro com líderes das forças sindicais, conforme os recortes abaixo:

A atual política do salário-mínimo foi uma construção no Congresso, não foi obra desse governo, como eles gostam de falar. E nós, o meu partido, PSDB, e o Solidariedade, do meu companheiro Paulinho da Força [Imagem do Paulinho presente no evento] foram os dois partidos que apresentaram o projeto que vai garantir a política do salário-mínimo até o ano de 2019. Mas, no meu governo, além da política do salário-mínimo eu vou fazer o Brasil crescer e aí, a valorização vai ser muito maior. (NEVES, HGPE, 11/10/2014-Tarde).

(...) no último 1º de maio eu assumi com o Brasil inteiro um compromisso de reajustar a tabela do Imposto de Renda [imagem do Sr. Cidão do Sindicato – Pres. licenciado do Sindicato dos Metalúrgicos de São Caetano do Sul] pela inflação. E, aqui hoje eu vou assumir um segundo compromisso, nos meus quatro anos de governo, nós vamos corrigir a defasagem. (NEVES, HGPE, 11/10/2014 – Tarde).

Articuladas essas questões na retórica do candidato, foram estabelecidos alguns sentidos às demandas que envolvem diretamente fatores de ordem econômica e de renda para o trabalhador. A emergência do discurso do candidato tucano também é construída retoricamente por duas vias: mediante a repetição do ponto nodal “inimiga é a inflação” e com o lançamento das propostas “Nordeste Forte”, divulgado em Pernambuco, após uma homenagem ao candidato Eduardo Campos (PSB), falecido em acidente aéreo.

Não por acaso, o projeto apresenta, quando transmitida uma homenagem a Eduardo Campos, propostas para a execução de obras; combate à pobreza; oportunidade para jovens; desenvolvimento na educação, ciência e tecnologia; além, da qualidade de vida, intrínseco aos programas de saúde da família e Minha Casa Minha Vida. Cabe ressaltar que as propostas do “Nordeste Forte” foram ao ar nos dois programas do dia 12 de outubro, diurno e noturno.

Leia-se, que as propostas para o nordeste são uma resposta à construção retórica que o programa de Dilma Rousseff veiculou, com um sentido de desconstruir o candidato Aécio em âmbito local e regional. Por outro lado, o programa de Aécio também usou da estratégia retórica para desconstruir a candidata petista, conforme denota o recorte seguinte:

Dilma tem atacado de forma violenta o presidente FHC, o Presidente que acabou com a inflação, e trouxe estabilidade financeira para o país. Mas há pouco tempo, a mesma Dilma enviou esta carta a FHC.

Brasília, Junho de 2011.

“Em seus 80 anos há muitas características do senhor Fernando Henrique a homenagear. O acadêmico inovador, o político habilidoso, o ministro arquiteto de um plano duradouro de saída da hiperinflação e o presidente que contribuiu decisivamente para a consolidação da estabilidade econômica. Mas quero aqui destacar também o democrata. O espírito do jovem que lutou pelos seus ideais, que perduram até os dias de hoje. Esse espírito, no homem público, traduziu-se na crença do diálogo como força motriz da política e foi essencial para a consolidação da democracia brasileira em seus oito anos de mandato. Fernando Henrique foi o primeiro presidente eleito desde Juscelino Kubitschek a dar posse a um sucessor oposicionista igualmente eleito. Não escondo que nos últimos anos tivemos e mantemos opiniões diferentes, mas, justamente por isso, maior é minha admiração por

sua abertura ao confronto franco e respeitoso de ideias. Querido presidente, meus parabéns e um afetuoso abraço!” (Dilma Rousseff)

[narrador] Quem fala a verdade? A Dilma que ataca para ganhar votos ou a Dilma que escreve e assina embaixo? (NARRADORES, HGPE, 13/10/2014 – Tarde).

Colocados os fatos, não há dúvida de que no jogo político e na disputa pelo poder, vale a mais oportuna estratégica retórica para articular as demandas que mais próximas possam estar e convencer os eleitores. A força discursiva explorada por Aécio está oportunamente baseada na associação entre o Plano Real, FHC e o fim da hiperinflação, que por longo período promoveu estabilidade econômica para o Brasil e que abriria espaço para a articulação de outras lógicas de equivalência como emprego, crescimento e valorização salarial.

Neste movimento de articulação política o programa de Aécio, no dia 13 de outubro, através dos narradores ironizam as estratégias econômicas do governo atual, apropriam-se das manchetes dos jornais de grande circulação: “Inflação ainda mais alta”; “Ministro da fazenda sugere trocar a carne por aves e ovos”; “Inflação se espalha e atinge 61,1% dos itens”. A estratégia reforça a relação de equivalência que sinaliza a importância sobre o controle da inflação, o que mais uma vez confirma uma divisão constitutiva e o estado de polarização.

Sob a função representativa que exerceu o Plano Real, o candidato Aécio Neves retoricamente posiciona-se:

Olha gente, o Brasil levou décadas para controlar a inflação. Depois de cinco pacotes econômicos, sete ministros da fazenda, uma moratória, um confisco, o Plano Real chegou para estabilizar a moeda e domar a inflação. Com os preços sob controle, o brasileiro pode voltar a planejar a sua vida, sabendo exatamente quanto ganhava e quanto podia gastar. Quem é mais novo, certamente, não se lembra desse tempo. Mas, pergunte ao seu pai, pergunte a sua mãe, como era viver com a inflação alta. Veja, eu acredito que governar é sempre um processo. O que fizemos para controlar a inflação permitiu que depois pudesse existir o bolsa família, o crédito mais fácil para você comprar a sua televisão, a sua geladeira. Mas, só porque a inflação estava sob controle é que foi possível o salário-mínimo ter aumentos reais. A verdade é que tudo isso piorou, e piorou muito, desde que a Dilma assumiu o governo. Uma das principais conquistas nos últimos 20 anos, que foi o controle da inflação, a Presidente Dilma está colocando em risco. Tem dois anos que eu falo isso: Olha, a inflação está voltando, e a presidente diz não! Ela está sob controle. E eu pergunto a você: Você compra hoje com o mesmo dinheiro aquilo que comprava seis meses atrás? Claro que não! A inflação está aí. Voltou e assusta a todos. E o que o governo faz para combatê-la? Pede a você para deixar de comprar carne e comprar frangos ou ovos. Essa é a política oficial de combate à inflação desse governo? Não! O Brasil não merece isso. (NEVES, HGPE, 13/10/2014 – Tarde).

A declaração do candidato ilustra o fato de que os tucanos encontraram formas técnicas para driblar a hiperinflação e erguer o discurso em nome dos projetos para o desenvolvimento social, realização que a própria carta da Presidente Dilma já reconhecia. A estratégia retórica desconstrói o discurso da candidata petista de que a inflação estava sob controle afinal, com efeito, a população começa a sentir os reflexos. Restava saber qual a saída técnica para este momento. Sobre este problema, o candidato tucano elabora o seguinte enunciado:

A minha política econômica será tolerância zero com a inflação. É urgente nós devolvermos ao Brasil um ambiente de estabilidade, para que os investimentos voltem, e você e seus filhos possam ter mais e melhores empregos. Não tem outro jeito. O Brasil tem que voltar a crescer. Eu sei que esse é um assunto muito técnico, até meio chato. Mas é muito importante nós sabermos que é fundamental a inflação estar sob controle. A gente não pode relaxar como está fazendo o governo da Dilma, que deixou a inflação escapar e agora não consegue mais controlá-la. Comigo, a meta é tolerância zero com a inflação. (NEVES, HGPE, 13/10/2014 – Tarde).

Conforme podemos acompanhar, a estratégia retórica do candidato é tão técnica, quanto à situação econômica do país, afinal para isso que se preparam e se tornam representantes. Ademais, a contínua formação discursiva aponta para o descontrole da linha econômica, pautado pelos problemas que começam a surgir no país e que recai diretamente sobre os cidadãos, em especial sobre aqueles que têm pouco poder aquisitivo e que muitas vezes precisam optar entre comer ou pagar o transporte público para trabalhar. Intrínseco a todas estas questões econômicas, há uma que muito se fala mas, no dia a dia, poucos se lembram do custo efetivo sob os salários dos trabalhadores e que colabora para a desvalorização, que está nos impostos. Sobre este aspecto o programa de Aécio apresenta algumas propostas:

Política de tolerância zero com a inflação; promover a revisão do fator previdenciário buscando diminuir o impacto negativo sobre as aposentadorias; simplificar o sistema tributário no curto prazo, correção da tabela do imposto de renda sobre a inflação e; reunião de vários impostos em um só, o IVA – Imposto sobre Valor Adicionado, para diminuir a burocracia e aliviar custos. (NARRADORES, HGPE, 13/10/2014 – Tarde).

Conforme revela a construção discursiva acima, os tucanos declaram que o desafio da economia está no ajuste e conseqüentemente, no ponto nodal “inimiga é a inflação”, que pode denotar, no sentido retórico, que a responsável por isso é outra inimiga, sua adversária. Com efeito, no programa seguinte, os narradores reforçam

que “o compromisso de Aécio com a valorização do salário-mínimo é antigo (...) desde 23 de fevereiro de 2011, no plenário da Câmara, Aécio queria valorização do salário-mínimo, na época para R\$ 600,00, o PT queria um salário menor.” (NARRADORES, HGPE, 14/10/2014 – Noite). No trecho do debate dos candidatos à Presidência da República, realizado pela Rede Bandeirantes de Televisão, em 14 de outubro, evidenciamos a retórica do candidato no que se refere à economia e ao crescimento:

[Narrador: “Pulso firme e transparência para o Brasil voltar a crescer.”]
Tire os olhos do retrovisor, vamos falar de futuro, vamos falar para quem está em casa até essa hora nos ouvindo, vamos falar de um Brasil que pode crescer muito mais do que está crescendo não é razoável, não é adequado que nós sejamos a lanterna no crescimento ao lado da Venezuela esse ano na nossa região. Nós vamos crescer nada este ano. O reajuste real do salário-mínimo de 2016 por exemplo, já está estabelecido porque é o crescimento do PIB, esse ano é nada. (NEVES, HGPE, 15/10/2014 – Noite).

Aécio traça uma equivalência para demonstrar que o governo fracassou e que a candidata Dilma vira os olhos para o passado, e, por conseguinte, esquece-se de olhar para um futuro que será ineficiente, tal o crescimento insignificante do PIB. Tal chamada foi ao ar no programa que se seguiu em 16 de outubro (tarde), reforçando o fato de que a candidatura de Dilma Rousseff é uma tentativa de se manter no poder, sem se importar com o real crescimento da economia brasileira, ainda que comparado a países como a Venezuela. Além disso, o programa tucano finaliza a inserção neste dia, a fim do próprio telespectador significar o discurso, com as perguntas: “(...) Se eu falo “inflação voltando” em que governo você pensa? E, se eu falo escândalos, desvio de dinheiro, Brasil parando, obras inacabadas, em qual dos candidatos a Presidente você pensa?” (NARRADORES, HGPE, 16/10/2014 – Tarde).

Essas perguntas são respondidas pelos próprios narradores no programa do dia 17 de outubro, quando falam diretamente a candidata adversária:

Candidata Dilma: as ofensas, as mentiras contra Aécio não vão esconder os graves problemas que seu governo criou. Não vão esconder os escândalos na Petrobras, não vão esconder que a inflação voltou e está assustando os brasileiros. O Brasil já escolheu mudar e a mudança é Aécio, sabe por quê? Porque Aécio é o Brasil sem medo do PT. [Imagem em vermelho – **INFLAÇÃO FORA DE CONTROLE**]. “Faltam nove dias para você mudar isso.” (NARRADORES, HGPE, 17/10/2014 – Noite).

No debate dos candidatos à Presidência da República, veiculado pela

emissora de televisão SBT e promovido pelo UOL/SBT/Jovem Pan, em 16 de outubro, o candidato tucano foi estrategicamente direto rebatendo a candidata, inclusive com acusações, conforme vimos no seguinte trecho:

Nós somos candidata, candidatos à Presidência da República. É preciso que haja um limite, que haja um limite nas nossas posturas e também na ação daqueles que nos cercam. A Senhora mentiu dizendo e postou um vídeo que eu havia votado contra o salário-mínimo de R\$ 545,00, cortou o vídeo na sequência quando mostrava que nós votamos a favor do salário-mínimo de 600,00 para fraudar uma informação (...). (NEVES, HGPE, 17/10/2014 – Noite).

Essa fala opera uma significação que vai contra a ideologia petista, pois, vai contra os trabalhadores e a prioridade com a causa social sempre defendida pelo PT e a candidata Dilma Rousseff. Além disso, a declaração de Aécio aponta para certo desespero da candidata que não admite o fracasso econômico do governo e desvia o foco com supostas mentiras, colocando em xeque mais uma vez o desenvolvimento do trabalho dos tucanos ao longo da história.

Nessa equivalência, a partir da lógica do fracasso, Aécio Neves explora ao construir-se retoricamente como o representante da mudança necessária ao destino do país, conforme recorte do debate dos candidatos, exemplificado no trecho abaixo:

Eu quero sim, assumir a Presidência da República para combater a inflação, e não para me conformar com ela. Eu quero ser Presidente da República para enfrentar a questão da criminalidade e não transferir esta responsabilidade para estados e municípios. Eu quero ser Presidente da República, não para dividir, de forma perversa e pouco generosa o Brasil entre nós e eles. Eu quero ser o grande Presidente da integração nacional, presidente da generosidade com os brasileiros que mais precisam, da integração do nordeste ao nosso projeto de desenvolvimento. Não é possível que numa eleição dessa importância, tenha se perdido tanto tempo em tantas ofensas, as mesmas ofensas que foram dirigidas a Eduardo Campos, depois a Marina Silva, agora são dirigidas a mim. Mas comigo não, candidata. Comigo pode ter certeza a senhora receberá sempre um olhar altivo, de um homem de bem, honrado, pronto para dar ao Brasil, aos brasileiros um destino melhor do que eles estão tendo. (NEVES, HGPE, 17/10/2014 – Noite).

Como podemos relacionar com este recorte, outras possibilidades se estabelecem, há equivalência também explorada sobre o crescimento do país, valorização do nordeste e com o descontrole da inflação. O programa tucano procura significar o discurso reforçando a conduta, os valores do seu candidato em um habilidoso trocadilho e, em detrimento das ofensas que moveram o discurso da oponente. O HGPE revela porque é tempo de mudança e alternância de poder, ao

destacar o próprio discurso petista, articulado pela retórica da apoiadora de Aécio à Presidência da República, Marina Silva:

Há doze anos o candidato presidente Lula apresentou uma carta compromisso aos brasileiros, dizendo que naquele momento em que a sociedade igualmente queria alternância de poder, queria mudança, de que ele iria apresentar novas propostas, mas queria tratar o Plano Real como uma conquista da sociedade brasileira e iria preservar. Doze anos depois, você faz o mesmo gesto, diz que vai recuperar o que se perdeu no atual governo, que é a estabilidade econômica, e diz que vai manter as políticas sociais, que foram ampliadas e aperfeiçoadas durante o governo do Presidente Lula. (SILVA, HGPE, 18/10/2014 – Tarde).

Adiante, a comparação de Aécio Neves com Lula, fica evidente que a disputa perpassa pelo jogo político e, porque não dizer pela estratégia retórica dos discursos, como faz recordar à ex-candidata Marina Silva. O programa tucano faz esta equivalência a partir de uma visão sobre o discurso político de um governo que dá indícios de fracasso e, sob notória tentativa de significar o candidato Aécio Neves dentro de uma ótica proposta em que significa a economia através do crescimento, da valorização dos salários e do estímulo ao emprego.

Tal tentativa foi reforçada pela seguinte chamada:

O que o governo Dilma fez (...) o Brasil crescer menos pelo quarto ano seguido (conforme Cepal); fez o Brasil ter as mais altas taxas de juros do mundo (O Globo); fez o Brasil ter a maior carga de impostos da história “Brasileiro trabalha cinco meses e um dia só para pagar imposto”; Dilma levou a indústria brasileira ao maior déficit da história; Dilma concluiu apenas 12% das obras prometidas pelo PAC; Dilma inaugurou Porto em Cuba com financiamento do BNDES; Dilma entregou apenas 24% das UBSs prometidas (...); Dilma transformou a Petrobras na mais indiciada do mundo; Dilma fez o Brasil perder 13 mil leitos no SUS desde 2010; Dilma fez o Brasil registrar 181 apagões desde 2011; Dilma quebrou etanol e mais de 70 usinas fecharam as portas; Dilma não cumpriu a meta de inflação, nenhuma vez (...); Dilma promoveu a Copa do Mundo mais cara do mundo. VOCÊ QUER MAIS quatro ANOS DISSO? A mudança é Aécio! (NARRADORES, HGPE, 18/10/2014 – Tarde).

Os dados apresentados acima revelam claramente a forma de significar a opositora, no sentido de desconstruí-la e, apontar para uma realidade que os brasileiros não visualizam devido à guerra da disputa política que de fato, torna-se instrumento na estratégia retórica entre os candidatos. Tais declarações ainda são exploradas na seguinte chamada:

[Na imagem: CRESCIMENTO EM INFRAESTRUTURA]
Combater a inflação e a corrupção – recuperando credibilidade nacional e

internacional para que o país volte a crescer. Implantar política de transportes e infraestrutura para avançar com as obras que o país precisa em portos, ferrovias, aeroportos (...) permitindo que o desenvolvimento econômico chegue a todas as regiões do país (...) obras no Brasil para os brasileiros. O BRASIL QUER MUDAR, A MUDANÇA É AÉCIO. Faltam sete dias para você mudar o Brasil! (NARRADORES, HGPE, 19/10/2014 – Noite).

Abordando a questão de infraestrutura, o programa eleitoral de Aécio, no dia 21 de outubro, torna a explorar a imagem da candidata Dilma Rousseff, durante o debate dos candidatos transmitido pela rede Record, em que veementemente ela afirma: “A integração do São Francisco está em pleno vapor (...)”. A fala da candidata contrapõe as imagens de 13 de outubro, quando os narradores demonstram que as obras se arrastam por sete anos em meio à seca, a fome, a miséria e a morte do gado devido à falta de água. O programa colhe depoimentos daqueles que afirmam: “Em 2013 era para estar pronto, até agora nada!” A declaração reforça a ideia de diferença daquilo que a candidata diz daquilo que se constata em obras com gastos excessivos, que geraram quatro bilhões a mais de investimentos, que estão paralisadas e que apresentam problemas de projeto, conforme relatam os narradores do HGPE.

A partir destes recortes do HGPE, organizamos uma representação do discurso de Aécio Neves (PSDB), conforme figura abaixo, enquanto possibilidade de formação antagônica que assim verificamos:

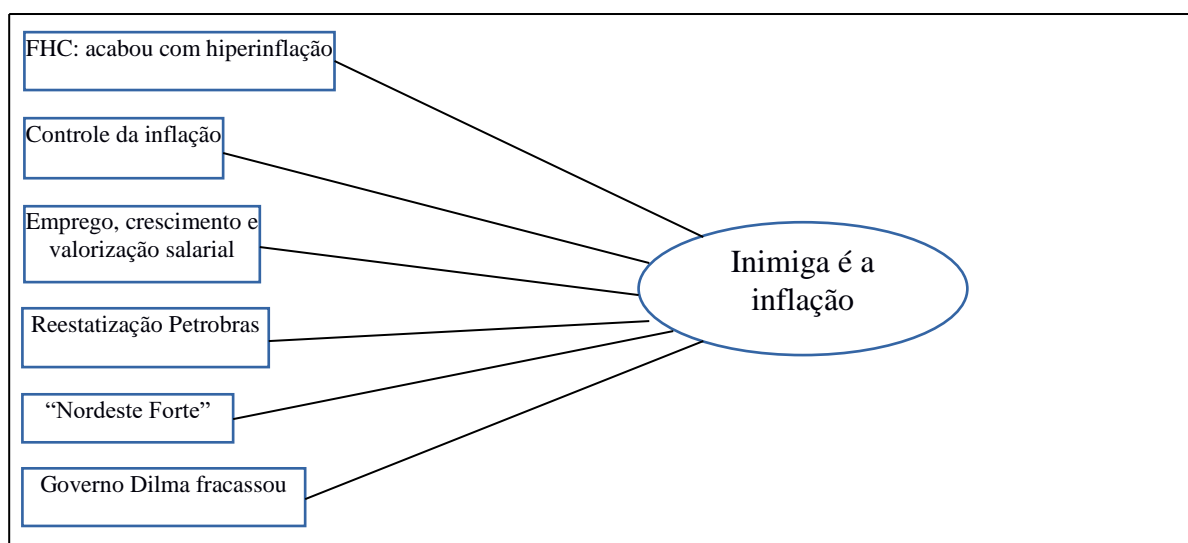


Figura 05 – Campo discursivo em torno da economia no discurso de Aécio Neves (PSDB).
Fonte: Elaborada pela autora desta Dissertação de Mestrado.

A economia é uma das áreas que Aécio Neves sustenta mais críticas ao governo de Dilma Rousseff, com isso, partiu do ponto nodal “inimiga é a inflação”. Em seu programa, o candidato defende a macroeconomia com o controle da inflação, reestatização da Petrobras e só a partir disso obter crescimento, geração de empregos e valorização salarial. Aécio marcou na campanha a valorização da política do Plano Real e o sucesso no combate à hiperinflação alcançado pelos governos FHC, notabilizando acentuadamente o fracasso do atual governo e fortalecendo retoricamente a política de massa de inclusão social, como no exemplo do projeto “Nordeste Forte”.

Nas últimas inserções, no HGPE, nota-se o excesso na repetição sobre as condições para a transposição do rio São Francisco, enquanto modelo de projeto de infraestrutura atrasado, superfaturado e sem resultados eficientes. A ideia de que para Aécio o controle da inflação é prioridade, o que reforça o ponto nodal “inimiga é a inflação”, soma-se à estratégia retórica do candidato e sentido à economia que precisa ser tratada com responsabilidade e planejamento e, como tal, uma das bandeiras políticas dos tucanos.

4.4. A formação do discurso político em torno da economia por Dilma Rousseff e Aécio Neves, marcadas pelo corte antagônico.

A partir do exposto nas seções acima nota-se que, até a última inserção do HGPE, Aécio Neves dá o tom de sua campanha colocando-se pontualmente como inimigo da inflação, contrapondo aqueles que desejam a continuidade do governo petista e a prioridade com a expansão dos programas sociais, sem considerar a dimensão do panorama econômico que é explorado retoricamente, pela oposição, estabelecendo um jogo discursivo que, por vezes é tomado de sentido como um modelo ideal, por vezes revela-se tão somente um sentido de finalidade política e eleitoral.

É importante ter claro que o tema da economia, além de toda sua complexidade, carregou o ônus de um sentido em disputa durante todo o segundo

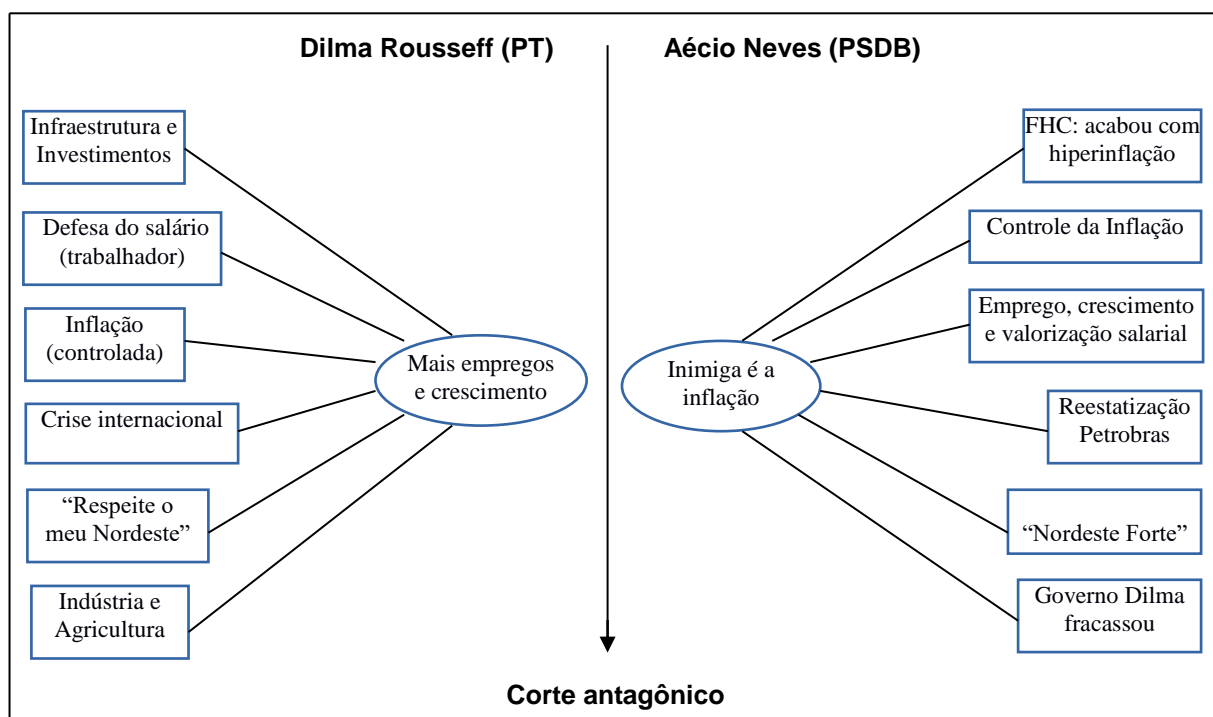
turno e, genericamente durante toda a campanha eleitoral. As formações antagônicas foram sendo construídas retoricamente e, as equivalências ressignificadas à medida que o processo eleitoral avançava, daí que Aécio sustentou em promover mais o aspecto de desenvolvimento econômico para gerar mais desenvolvimento social.

Logo, propomos a comparação dos discursos dos candidatos à Presidência da República, a candidata à reeleição Dilma Rousseff (PT) e o candidato de oposição Aécio Neves (PSDB), a fim de caracterizar as formações a partir do tema economia. A questão é perceber a construção dos discursos em que os candidatos significam este significante, com a análise sobre os sentidos gerados na construção de seus discursos ao passo que, desconstroem o discurso de seu opositor.

A teoria política do discurso de Ernesto Laclau e Chantal Mouffe, pelo método da análise do discurso, conduz este trabalho para significar e analisar os discursos políticos em torno da construção hegemônica, marcada pelo corte antagônico. É a partir da articulação de elementos que pela teoria laclauniana chamados de momentos, que se formam identidades que acabam sendo modificadas devido à articulação. “A totalidade estruturada resultante desta prática articulatória, chamaremos *discurso*.” (LACLAU e MOUFFE, 2015, p. 178). Neste contexto, vimos que todo discurso se constitui a partir de seu corte antagônico, outro discurso contrário, formando assim o ponto nodal.

Com base na construção retórica discursiva sob o tema economia é possível perceber na figura abaixo (Fig. 06) como se deu a articulação dos discursos em torno da construção hegemônica e marcada pelo corte antagônico.

Figura 06 - Articulação do discurso político e formação dos campos discursivos, em torno da economia, marcados pelo corte antagônico.



Fonte: Elaborada pela autora desta Dissertação de Mestrado.

A partir da figura anterior seguem-se alguns aspectos, de encaminhamento das metas na situação de cada candidato, de onde partem as análises. No entanto, no decorrer da campanha, foi perceptível a mudança no discurso eleitoral de ambos os candidatos, devido aos ataques inerentes à disputa. Nota-se que Aécio mudou o seu “tom” político, em busca de sensibilizar o eleitor sobre os ataques que vinha sofrendo, à medida que afirmava não lançar-se à Presidência por acaso, mas seguindo um legado, de modo especial quando se referia ao seu avô Tancredo Neves e às questões econômicas.

Não se pode afirmar que a situação econômica do Brasil tenha sido uma surpresa. Conforme Aécio, o poder de compra estava enfraquecido e o próprio governo passou a sugerir sobre o que consumir mais ou menos, devido à elevação dos preços, a exemplo das carnes. O fato é que houve uma desestabilização da política econômica do governo Dilma, dando sinais sobre a necessidade de alguns ajustes, ainda não reconhecidos pela candidata, pois, segundo ela mesma, a inflação estava sob controle.

De alguma maneira, os pontos debatidos sobre a economia se confundem nos discursos dos candidatos e, são retomados em momentos diversos de significação de acordo com o “verdadeiro” interesse, de defender a economia em detrimento do social e vice-versa. No entanto, ao mesmo tempo em que se plantava a ideia de “mudança” também se “enraizava”, na sociedade brasileira, a ideia e necessidade de uma concessão social, bem característico de países ainda não tão desenvolvidos, como o Brasil que apresenta necessidades extremas de infraestrutura e investimentos. Neste sentido, conforme Laclau e Mouffe, “(...) o campo das relações de produção é o terreno específico da constituição de classe, a presença das classes no campo político só pode ser entendida como uma *representação de interesses*.” (2015, p. 116-117).

Neste processo de disputa e com a flutuação de sentidos da economia, vimos na figura anterior a forma retórica formulada por cada candidato. Dilma Rousseff explora o ponto nodal “mais empregos e crescimento” o que também transitaria, ou flutuaria no discurso do candidato Aécio, à medida que ele se rende à retórica e à significação discursiva em apoio aos programas de desenvolvimento social. Ainda, pela contingência e uma série de problemas apontados pela oposição, a candidata Dilma, também, cedo ou tarde, reconheceria a emergência para a estabilidade econômica e, portanto, Aécio Neves teria razão sobre a emergência do ponto nodal “inimiga é a inflação”. Conforme Laclau: “Esta ambiguidade fundamental pode ser vista claramente no conceito gramsciano de 'guerra de posição'.” (2015, p. 135).

Essa expansão discursiva encontraria os seus limites no próprio antagonismo, pois, de acordo com Laclau e Mouffe: “Elas são divisões políticas, e não meramente econômicas.” (2015, p. 151). Essa dimensão de flutuação de determinados sentidos toma uma condição orgânica, à medida que o simbólico é reformulado neste processo político e eleitoral. O que se tem é uma pressão estrutural promovida pelo antagonismo associado há um ciclo econômico que é explorado retoricamente, sujeito às significações opostas e constitutivas de outras.

Os candidatos consideram a economia um sentido em disputa e declaram-se, indiretamente, inimigos políticos conforme desconstroem o seu oponente e as metas defendidas. A disputa acirrada ocorre com certa utopia política, pois, fala-se em nome de um coletivo, quando sabemos que este espaço de disputa política e

democrática, está imerso a mera retórica em que o debate não se esgota, afinal, como afirmam Laclau e Mouffe, “o momento da sutura “final” nunca chega.” (2015, p. 155).

Ambos os candidatos colaboram para manter uma hegemonia ideológica de mercado, daí que a economia ganha um sentido de flutuação, pois, sabe-se que boas ideias implantadas podem ser ideias vencedoras. Nas palavras de Laclau e Mouffe, “(...) hegemonia envolve (...) um movimento estratégico mais complexo que exige a negociação entre superfícies discursivas mutuamente contraditórias.” (2015, p. 163). Soma-se a isso a ideia de que os elementos articulados adequam-se às relações contingentes, ao tempo que fornecem um ponto de partida ou, oportunidade para novas experiências, o que permitiria maior habilidade na formação discursiva, fixando sentidos privilegiados.

Conforme proposta, a partir da teoria do discurso de Ernesto Laclau e Chantal Mouffe, demonstra-se como a construção discursiva em situação de disputa; neste caso durante a campanha eleitoral à Presidência da República, se articula e de que maneira esta articulação constrói sentidos hegemônicos quanto à economia e como a articulação constrói o seu corte antagônico com relação a ela.

4.5 Considerações

O que apresentamos neste capítulo foram os principais pontos e formas de articulação discursiva dos candidatos à Presidência da República, Dilma Rousseff e Aécio Neves, no HGPE, ao tratar do tema economia. Os pontos estratégicos desenvolvidos pelos candidatos constroem retoricamente discursos que promovem a formação de antagonismos políticos, a partir dos quais os candidatos agem e atribuem sentidos diferentes à economia e à dimensão deste amplo significante.

Importante considerar que os indícios sobre o agravamento na situação econômica no Brasil levaram a uma série de tentativas de ressignificação discursiva, tanto por parte da oposição, quanto da situação. Algumas tentativas se exauriram, possivelmente pela repetição, como no caso da equivalência do fracasso do governo Dilma e que também transformaram equivalências como as críticas sobre a inflação, salário e desenvolvimento do emprego em contundentes ataques políticos. Neste aspecto, a disputa discursiva buscou o seu sentido hegemônico, de caráter

totalitário, reforçando mais uma vez a ideia de que os diferentes constroem uma retórica para abarcar sentidos articulados por aquela contingência, como também formam significações conforme o momento e particularidade.

A candidata Dilma Rousseff, demonstrou muitas vezes uma retórica evasiva, mas com tom de um discurso antagônico capaz de articular a compreensão necessária ao processo hegemônico discursivo envolvido. O programa de Aécio Neves, possivelmente, encontrou dificuldade para uma sobredeterminação esperada, enquanto candidato de oposição, já que o discurso foi encontrar na repetição, a articulação em que constrói o seu discurso e desconstrói a sua oponente.

Passamos para o próximo capítulo, na intenção de analisar o tema do “desenvolvimento social”, que sugere ser chave para a eleição à Presidência da República, principalmente para a candidata petista devido à ideologia historicamente posta pelo seu partido, o PT. Mais uma vez buscaremos caracterizar os sentidos em disputa a partir, deste elemento “desenvolvimento social”, que equivale à análise e categoria de significantes flutuantes.

CAPÍTULO 5

O DISCURSO POLÍTICO ELEITORAL DE DILMA E AÉCIO EM TORNO DO TEMA DESENVOLVIMENTO SOCIAL

5.1 Introdução

Este capítulo tratará de apresentar o discurso dos candidatos Dilma Rousseff (PT) e Aécio Neves (PSDB) sobre o tema desenvolvimento social, destacando questões que envolvem saúde, educação e assistência social no segundo turno durante o HGPE. A análise propriamente dita dar-se-á a partir das particularidades tratadas nos dois capítulos anteriores e por este, considerados os discursos e momentos distintos de cada candidato que disputam à Presidência da República.

Serão demonstrados os argumentos utilizados pelos candidatos do PT e PSDB para significar o desenvolvimento social, num trabalho de análise das significações dos mesmos sobre o tema, para se compreender os sentidos gerados, a fim de demonstrar as construções discursivas, a aplicabilidade dos conceitos teóricos e as estratégias retóricas em que Dilma e Aécio se constroem e quando desconstroem o seu opositor, conforme o método de análise do discurso.

O presente capítulo está dividido em três seções e ao final alguns pontos para as considerações. Na primeira seção, serão demonstradas as principais metas para o desenvolvimento social segundo o discurso da candidata Dilma Rousseff (PT), assim, destacando o ponto nodal e as ações equivalenciais que afetam diretamente a sociedade brasileira. A segunda seção deste capítulo apresenta o discurso do candidato Aécio Neves (PSDB), destacando os argumentos utilizados pelo mesmo para significar o tema do desenvolvimento social, bem como os sentidos gerados sobre esta questão. Já na terceira seção, seguindo a mesma lógica dos capítulos anteriores, serão demonstrados os discursos relacionando as metas dos candidatos para significar o desenvolvimento social segundo o programa político e ideológico defendido por cada partido, que geram sentidos a partir das distintas formações

discursivas.

Nas considerações, vamos retomar as principais estratégias discursivas e a forma para abordar o tema, a partir das significações dos candidatos Dilma e Aécio, tratando do desenvolvimento social, ao relembrar os principais pontos de antagonismos e referenciar mais uma vez o domínio discursivo em que cada candidato se constrói e desconstrói o seu oponente.

5.2 A construção retórica discursiva da candidata Dilma Rousseff (PT) sobre o desenvolvimento social

Conforme abordamos nos capítulos anteriores, a campanha eleitoral à Presidência da República em 2014, durante o Horário Gratuito de Propaganda Eleitoral (HGPE) chega ao segundo turno com a constituição do discurso de polarização entre o PT e o PSDB, com os candidatos Dilma Rousseff e Aécio Neves, respectivamente. Com a disputa e o clima de luta política constitui-se um cenário em campos discursivos antagônicos, construídos a partir de temas como corrupção e economia, conforme tratados nos capítulos anteriores, em busca do sentido hegemônico. Aproveitando esta possibilidade que se estabelece, a partir das práticas retóricas, tratamos nesta perspectiva o discurso em torno do desenvolvimento social.

A candidata Dilma Rousseff (PT) articula-se constituindo metas de inclusão, já que a linha ideológica do seu partido político e, enquanto bandeira de campanha gira em torno do desenvolvimento social e em benefício dos trabalhadores a fim de promover mais desenvolvimento econômico para o país. A articulação política desenvolvida pela candidata parte do ponto nodal “mudar a vida dos brasileiros”, como estratégia de convencimento retórico, capaz de definir a eleição mediante processo de desenvolvimento dos programas sociais, expandidos ainda durante o governo de Luiz Inácio Lula da Silva.

A candidata petista, sucessora e na condição de discípula política do ex-presidente Lula, articula suas metas de campanha basicamente em torno dos mesmos programas sociais, conforme vamos constatar no desenvolvimento deste trabalho, que deram certo no caso da reeleição do Presidente Lula e para a sucessão de Dilma Rousseff. A adesão dos eleitores foi massiva, visto a força que

os programas sociais impactaram na realidade de diversas famílias brasileiras, refletindo em capital eleitoral que ainda traz consigo um direcionamento à campanha política.

A candidata, beneficiada no primeiro turno com maior tempo no HGPE devido à constituição da coligação absorvida pelo PT, tem a seu favor a força da própria máquina pública em busca da reeleição. Dilma Rousseff explora a lógica da equivalência por meio das práticas retóricas que articulam positivamente o sentido e o esforço para o desenvolvimento social, de forma que as metas tenham força de acordo com momento e contingência na luta política em campanha eleitoral.

Dado o conteúdo equivalencial que estaremos tratando, torna-se favorável a candidata traçar vinculações com o que já foi feito pelos governos petistas, não só com a figura do presidente Lula, mas também pela força retórica que se estabeleceu na última década associada à força do trabalhador. Desta forma, o desenvolvimento social no discurso de Dilma Rousseff (PT) foi significado como um discurso ascendente e em favor da grande massa dos cidadãos.

Os resultados positivos dos programas sociais ainda propagam uma ampla significância, conforme conferimos com as condições favoráveis para o segundo turno e a favor da candidata petista. O discurso da candidata, apesar de muitas vezes, truncado retoricamente e até mesmo repetitivo, não prejudicou a articulação das metas de campanha. Devido aos números apresentados e articulados pelo significativo poder de compra dos cidadãos, a credibilidade tornara-se palpável, com isso, o discurso se estabeleceu como verdade, reconhecido por uma ampla população que aceitou e não questionou de onde e, até onde, as verbas sociais de fato poderiam ser garantidas.

O discurso de Dilma Rousseff (PT), no HGPE, centralizou a prática retórica em torno da articulação do desenvolvimento social e, a partir do ponto nodal “mudar a vida dos brasileiros”. Esta articulação cria uma ampla possibilidade de metas que urgem das necessidades dos cidadãos e, oportunamente, da construção discursiva da candidata que ordena sentidos garantindo previamente o desenvolvimento social a todo custo, construindo uma equivalência que retoricamente resolveria todos os problemas através da política social petista. No programa de abertura do segundo turno a candidata demonstra isso:

Quero dizer a eles e aos que irão se juntar a nós nessa nova etapa, que farei as mudanças que forem necessárias para mudar ainda mais a vida dos brasileiros. Esse é um compromisso que assumo de corpo e alma com todos vocês (...) O que está em jogo é um modelo de país. (...) Minha candidatura representa uma luta contra esse passado, que o candidato adversário tanto defende, mas representa acima de tudo um compromisso com o futuro, um futuro mais próspero, mais feliz e mais justo para nosso povo. (ROUSSEFF, HGPE, 09/10/2014).

A linguagem da candidata procurou estabelecer, sem formalidades, uma relação de seu governo e do seu nome com propostas abertas para o futuro, permitindo um espaço de articulação ampliado de quem obteve a maioria dos votos no primeiro turno, significando mais vantagem ao seu jogo político eleitoral e de certa forma mais reconhecido pelos eleitores do que, no caso, de seu adversário. A prática retórica reproduzida no trecho acima enuncia o ponto nodal “mudar a vida dos brasileiros” e, a partir disso, Dilma passa a argumentar na forma de desconstruir o opositor, conforme vimos no seguinte trecho: "E vamos falar francamente. O Brasil de hoje é muito diferente daquele Brasil que o meu adversário representa e que varria tudo pra baixo do tapete. Aquela apatia, aquela distância, aquela inacessibilidade, aquele conformismo, ficaram para trás." (ROUSSEFF, HGPE, 09/10/2014).

Como evidenciamos, é fato que a candidata avalia o seu governo como melhor que o governo tucano. A sua articulação denota uma relação direta entre o desenvolvimento social e o esforço para mudar o Brasil com metas eficientes para governar, como se houvesse uma receita de origem essencialmente petista e sem relação nenhuma com os esforços de outros governos, como os tucanos.

Nesta perspectiva, Dilma coloca de maneira geral o desenvolvimento social como prioritário para haver desenvolvimento econômico. Assim, desenvolve uma cadeia de metas, acima de tudo sociais, através de uma receita antiga do PT com perspectivas a programas de ampla atuação e adequação de outros, como no caso do programa “Mais Especialidades” que vem a aprimorar o “Mais Médicos”, já existente em regiões que apresentam maior carência na saúde pública. Tratado como novas ideias do governo, a candidata defende:

Sim, ideias novas para resolver o problema da saúde incluindo a implantação do Programa Mais Especialidades em centros que (Imagens em postos de atendimento) reúnem clínicas públicas, privadas e filantrópicas espalhados

por todo o Brasil. Isso diminuirá a dramática espera nas consultas, com médicos especialistas e exames mais sofisticados. (ROUSSEFF, HGPE, 09/10/2014).

Essa articulação especifica uma carência, uma demonstração clara que, tanto para o PT como para outros governos o atendimento à saúde é amplo, complexo e demanda por uma estrutura para a qual o Brasil não se mostra preparado, devido o alto custo e a fragilidade do processo burocrático que destina verbas à saúde pública. Os governos petistas, assim como os tucanos, sabem que não basta para resolver os problemas da saúde à vinda de médicos recém-formados de outros países. A mão de obra barata desses profissionais recém-formados, só evidencia que a causa é muito maior que a polêmica em torno da vinda desses, uma experiência já testada por FHC e “aprimorada” pelos petistas.

A mesma construção retórica faz-se para a educação. Conforme demonstra o trecho abaixo, o caminho para o desenvolvimento é um desafio sem fim e sem limites para os governos e, o próprio discurso da candidata permite essa significação ao dizer:

Ideias novas também para a educação (imagens de escolas modelos) ampliando tudo de bom que está sendo feito, mas fazendo (volta imagem Dilma) uma Reforma profunda no Ensino Básico, porque nenhum aluno pode evoluir se não tiver uma base sólida. (...) Ideias novas, para as políticas sociais onde já somos vanguarda e destaque no mundo, mas que podemos avançar muito mais. (ROUSSEFF, HGPE, 09/10/2014).

Como referido acima a candidata vincula a educação às causas sociais, enquanto alicerce para o desenvolvimento, uma construção discursiva que vai ao mesmo sentido histórico de outras fases da política brasileira e que, considerados os avanços da humanidade e as adaptações culturais, trazem significados diferentes para cada momento e realidade contingente. Neste sentido, o programa de Dilma destaca mais programas sustentados pelo governo federal como o Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego (Pronatec), Ciências sem Fronteiras (CsF) e o Fundo de Financiamento Estudantil (FIES). Sem entrarmos no mérito sobre a subsistência, a abrangência e o período de sustentabilidade desses programas, outros também se equivalem no campo discursivo da candidata e, o mais ambicioso talvez se equivalha ao Minha Casa Minha Vida.

O HGPE exhibe a candidata na entrega de casas às famílias em Fortaleza, no Ceará, onde ela afirma “Minha Casa Minha Vida é um programa para a família”.

Algumas dezenas de pessoas são beneficiadas com a entrega das chaves e por consequência elogiam o programa. Estabelecida à lógica de equivalência, dá-se a articulação e o alcance de determinadas metas, entre as quais, uma das mais impactantes na vida de muitos brasileiros, pelo programa social Minha Casa Minha Vida. Naquela ocasião Dilma, na condição de Presidenta, mas também candidata à reeleição afirma: “A gente quer que as crianças desse país e as mães desse país, tenham direito a casa própria, isso que eu acho muito importante”. (ROUSSEFF, HGPE, 10/10/2014).

Nesta perspectiva, muitas outras cadeias de possibilidades se estabelecem como assistência social, política em defesa das mulheres e saúde pública. A vinculação direta que ocorre a partir dessas articulações repercute em capital social, proporcionando acesso e melhoria significativa nas condições de moradia²⁷, para que muitos brasileiros possam viver dignamente, saindo de áreas de risco e insalubres, por ocasião da imensa desigualdade e da má distribuição de renda no país.

Ao mesmo tempo em que a candidata articulava um discurso que constituiria a solidez do seu capital social, o programa de Dilma questionava e desconstruía a retórica de Aécio Neves, ao gerar dúvida e sentido adverso à boa e eficiente política social.

Medidas impopulares podem gerar cortes na saúde, na educação e em programas sociais, exatamente o contrário do que o Brasil precisa para melhorar a qualidade de vida da população. Já Dilma, é a garantia de mais avanços em todas essas áreas. É só ver as suas propostas para a saúde. (APRESENTADORA, HGPE, 11/10/2014).

Nesse sentido a candidata procura equivaler em desenvolvimento social e, a partir de promessas postas, algumas garantias:

Garantir um atendimento mais digno a população é uma questão de honra para mim. Por isso, vou criar o programa “Mais Especialidades”. Com ele, o paciente vai poder fazer exames, consultas e tratamento sem burocracia e sem demora, ou seja, ninguém vai precisar ficar pensando dias e dias e às vezes meses para marcar um exame. Isso é uma indignidade! Quero levar esse programa a todo o Brasil, para isso eu vou aproveitar as unidades de saúde já existentes, realizar parcerias com clínicas privadas e instituições filantrópicas e, construir as unidades que forem necessárias. Enfim, vou fazer o que for preciso para que o “Mais Especialidades” mude o padrão de atendimento a nossa população. (ROUSSEFF, HGPE, 11/10/2014).

²⁷ O artigo 6º da Constituição Federal do Brasil garante a moradia como direito fundamental do ser humano.

O programa reforça o discurso com imagens do modelo de atendimento para todo o país, números que beneficiam a população, declarações de pessoas que recebem atendimento médico domiciliar e somam dados associando números estatísticos englobando demais programas para o desenvolvimento e inclusão social, enquanto solução aos problemas principais que envolvem saúde e educação.

No mesmo sentido, o discurso abaixo revela claramente como a candidata, oportunamente, articula questões inerentes ao jogo e a disputa política enquanto faz referência a data comemorativa do Dia das Crianças:

A criança é o começo de tudo, é o princípio da vida, é o primeiro dia do futuro. Graças a Deus, o Brasil venceu o tempo em que a criança era o lado mais frágil da pobreza. Hoje ela é a parte mais protegida de um país mais forte e mais justo. No meu governo 22 milhões de brasileiros venceram a pobreza extrema, entre eles mais de oito milhões são crianças. Colocamos a criança no centro das nossas atenções e estamos reduzindo como nunca a desnutrição e a mortalidade infantil. Temos mais creches e escolas em tempo integral. Por tudo isso, está nascendo à primeira geração de brasileirinhos e brasileirinhas livres da fome. Nas três milhões e 600 mil moradias que já entregamos e estamos construindo por todo o Brasil, vão crescer milhões de crianças mais felizes e mais seguras. Digo tudo isso, não porque hoje é o Dia da Criança, mas porque ela é, e vai continuar sendo uma grande prioridade do meu governo. Tudo o que fazemos pelas crianças têm o poder de mudar a vida e melhorar o futuro de uma nação. (ROUSSEFF, HGPE, 12/10/2014 - Tarde).

Este trecho significa o sentido do ponto nodal “mudar a vida dos brasileiros”. A candidata faz um recorte e uma relação equivalencial das metas para um novo governo, um universo retórico sustentado por números, pela articulação de uma escala crescente de oportunidades sob a justificativa e em defesa das crianças e de suas famílias.

No programa os narradores ainda comparam os governos tucanos e petistas sob a retórica de que “comparar não ofende”. A narrativa acontece ao tempo que imagens sombrias, representando os governos tucanos, ilustram em preto/branco o passado de um Brasil da fome. Na comparação, imagens coloridas sob uma articulação discursiva de que, em 12 anos de compromissos dos governos Lula e Dilma, os mais pobres mudaram de vida radicalmente sob a afirmação: "(...) ao contrário dos governos tucanos Lula e Dilma souberam mudar o Brasil para melhor". (NARRADORES, HGPE, 12/10/2014 - Tarde).

Abaixo, estão recortados pelo menos dois momentos das imagens, que

reproduzem em cenas o Brasil de antigamente, dos governos tucanos, e o Brasil de 2014, dos governos petistas, segundo a construção retórica discursiva do programa eleitoral da candidata Dilma Rousseff (PT).



Imagem 04. HGPE segundo turno 2014 – Dilma 12/10/2014 (Tarde).
Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=kJwNc4NNE9U>



Imagem 05. HGPE segundo turno 2014 – Dilma 12/10/2014 (Tarde).
Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=kJwNc4NNE9U>

Neste sentido, o programa acentua a retórica da equivalência que, continua a articular em tom de repreensão à experiência descrita como negativa e frustrante dos governos tucanos, colocando em evidência as experiências dos governos petistas, como resposta com experiências positivas assegurando desenvolvimento

social através dos diversos programas e propostas que benéficas diretamente as famílias.

Em torno desta articulação, a significação foi reforçada em outros programas com relação ao desenvolvimento social. A retórica de narradores e apresentadores estabeleceu relação direta do “Minha Casa Minha Vida” como sendo o maior programa habitacional da história do Brasil com 3,6 milhões de moradias entregues ou contratadas, assumindo um compromisso de construir mais três milhões de moradias nos próximos quatro anos. O programa articulou ainda uma suposta geração de empregos com 1,4 milhão de vagas e avanços em defesa das mulheres através de números que estimaram 55% das matrículas nas universidades com presença feminina, 59% nos cursos do Pronatec e ainda, 89% de titularidade a elas no “Minha Casa Minha Vida” e 93% de beneficiadas pelo Bolsa Família.

A construção discursiva da candidata exalta o progresso educacional em seu governo, com a data que comemora o dia do professor. A aplicabilidade desta articulação vem no seguinte trecho:

Hoje, dia do Professor, eu quero dizer aos queridos educadores do Brasil que a educação é será cada vez mais nossa grande prioridade. Criamos projetos inovadores, implantamos a educação de tempo integral (imagens de crianças na horta) financiamos a construção de milhares de creches (Imagens de creches modelos) e pré-escola, criamos oito milhões de matrículas no Pronatec (imagens de jovens) e abrimos as portas das universidades como nunca. Nada disso seria possível sem os professores (imagens). Todas as vitórias da educação pertencem a eles e a seus alunos. Nosso compromisso é trabalhar cada vez mais pela valorização deste parceiro do conhecimento e construtor do futuro, o professor! Feliz dia do professor e muito obrigada por tudo! (ROUSSEFF, HGPE, 15/10/2014 - Tarde).

Mais uma vez a campanha da candidata está articulada a partir de cenas que dão sentido ao esforço do governo e apresentam modelos de escolas, creches e instituições federais. O que a construção retórica não revela são os números das escolas que precisam chegar a este patamar, nem mesmo trata da Lei²⁸ que garante aos professores o piso nacional aprovado por iniciativa e projeto de autoria do próprio PT, a exemplo do estado do Rio Grande do Sul.

As metas, a partir do ponto nodal “mudar a vida dos brasileiros” apontam para um desenvolvimento social significando um discurso de pleno sentido para o Brasil.

²⁸ Lei nº 11.738/2008, que regulamenta a alínea “e” do inciso III do caput do art. 60 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias, para instituir o piso salarial profissional nacional para os profissionais do magistério público da educação básica.

A candidata equivaleram os principais pontos, na seguinte argumentação:

Nos últimos 12 anos o povo brasileiro melhorou de vida com uma velocidade jamais vista. Foram dois fatores decisivos para isso: a garra de nossa gente e as oportunidades que o Brasil passou a lhes oferecer, isso mudou por completo a pirâmide social. Hoje, 59% da população estão na classe média e a pobreza caiu pela metade, de 53% para 26%. A fase mais visível deste fenômeno é a nova classe média, são quase 120 milhões de brasileiros e brasileiras com uma grande força empreendedora. Pessoas, que tem tudo para crescer mais e fazer o Brasil crescer junto com elas. Alguns programas do meu governo vêm dando prioridade a essas pessoas como o Pronatec e todo o sistema de apoio ao microempreendedor individual e a micro e pequena empresa com crédito mais fácil, menos burocracia e menos impostos. É também para esta nova classe média que estão dirigidas grande parte das vagas do Prouni e das escolas técnicas, uma boa fatia do crédito agrícola e faixas do financiamento do minha casa minha vida. Em um segundo governo, eu quero apoiar ainda mais fortemente a nova classe média. Vou ampliar programas que já existem e criar outros novos, porque eu sei que grande parte do futuro e do crescimento do Brasil depende do fortalecimento da classe média, afinal, ela já é maioria da população e tem que melhorar de vida cada vez mais. (ROUSSEFF, HGPE, 16/10/2014 - Noite).

Neste trecho nota-se que os programas sociais tomam um sentido único, de sucesso pleno, realização dos brasileiros, porém, certa dependência deste modelo distributivo. Esta estratégia retórica da candidata apresenta propostas jamais vistas, conforme ela mesma aponta, ainda que nem todos tenham acesso real a esta realidade se considerarmos as diferenças regionais, o acesso e permanência aos programas, o que permite considerar certo utopismo neste discurso.

A meta da saúde, também foi explorada retoricamente e a partir das comemorações do dia do médico, em que o discurso valoriza a categoria e confirma a participação direta do governo. O discurso abaixo, explica a maneira como é colocada a questão:

Hoje, dia do médico, quero saudar a todos vocês que cuidam do bem mais preciso que temos, que é a nossa vida. Sei que valorizar o trabalho do médico, é antes de tudo aumentar o bem-estar dos brasileiros e das brasileiras. Meu governo reconhece a importância do trabalho de cada um de vocês e temos que nos unir cada vez mais em defesa da nossa população. Temos ampliado os cursos de medicina e as vagas de residência médica e criado diversos incentivos para que um número maior de médicos faça a sua especialização. Estas e outras ações precisam continuar e se expandir. Como se costuma dizer nos consultórios médicos, obrigada doutor, obrigada doutora! (ROUSSEFF, HGPE, 17/10/2014 - Noite).

Verifica-se que o modelo retórico permanece o mesmo. A forma da candidata se expressar, construir-se a si mesma e reconhecer o seu governo como parte de

cada processo, pode ser evidenciado em pelo menos três passagens acima, sendo nas comemorações do Dia das Crianças, no Dia do Professor e no Dia do Médico. Ao longo dos programas, vimos que as propostas são repetidas e estrategicamente apresentadas por narradores e apresentadores à procura do convencimento.

Neste mesmo sentido, Dilma também aposta na experiência para conquistar a reeleição, conforme argumento abaixo:

(...) Não estamos partindo do zero, nem de uma teoria qualquer, mas de uma experiência, já testada e aprovada. O mesmo vale para as propostas que temos para melhorar a qualidade da educação, da saúde e do transporte urbano. Essa é a grande diferença entre falar e fazer, entre o que é promessa e o que é realização. É por esse caminho concreto e real que vamos continuar o que está bom e corrigir o que é necessário. (ROUSSEFF, HGPE, 18/10/2014 - Noite).

Nota-se que, implicitamente a candidata elabora ao longo dos programas formas de sentido para reelaborar um tipo de resposta para um quadro de desenvolvimento social, que precisa de algumas readequações que devem estar adequadas à contingência e ao momento. Porém, a candidata fortalece a ideia de alguns enunciados, para os objetivos políticos da campanha para um novo governo, em defesa do trabalhador do projeto social. O discurso da candidata não se rende às dificuldades e às especulações de campanha, que aos poucos se revelam sobre seu governo. Estrategicamente, a candidata profere a seguinte fala:

Todas as nossas políticas têm o objetivo de gerar mais empregos, reduzir a desigualdade social e criar mais oportunidades para que as pessoas cresçam na vida. Vou dar um exemplo concreto. Hoje, os bancos públicos subsidiam várias ações e programas sociais como o Minha Casa Minha Vida, o Financiamento Educacional (FIES), o transporte público, entre outros. Sem esse apoio, tudo ficaria muito mais caro para a população. Vejam o exemplo do Minha Casa Minha Vida, hoje uma família com até R\$ 1.600 reais por mês, paga uma prestação o equivalente a 5% dessa renda, ou seja, apenas R\$ 80,00. E isso só é possível, por que o governo federal, por meio da Caixa subsidia o custo das moradias. pelas regras de mercado a prestação da casa desta família, não seria de R\$ 80,00, mas sim, vejam bem R\$ 940,00. Portanto, é muito difícil, não se indignar quando o meu adversário fala em medidas impopulares. Ora, se são impopulares, são contra o povo e eu tenho um lado muito claro, o lado do povo. O Brasil, não pode voltar aquele passado, que era governado por uma elite e para uma elite, pois é contra esse retrocesso que vou lutar com todas as minhas forças. (ROUSSEFF, HGPE, 20/10/2014).

Desta maneira a candidata firma-se em seu discurso e constrói a própria trajetória política, ao tempo que desconstrói o seu opositor ao enunciar sentidos aparentes sobre o outro programa de governo. A significação discursiva não se limita às propostas, mas destaca a estratégia retórica, sentidos opostos o que

fortalece o antagonismo constituído também pela polarização PT *versus* PSDB.

Realizados os recortes dos discursos da candidata durante o HGPE, representamos graficamente a articulação discursiva da campanha de Dilma Rousseff (PT), a partir do ponto nodal “mudar a vida dos brasileiros”.

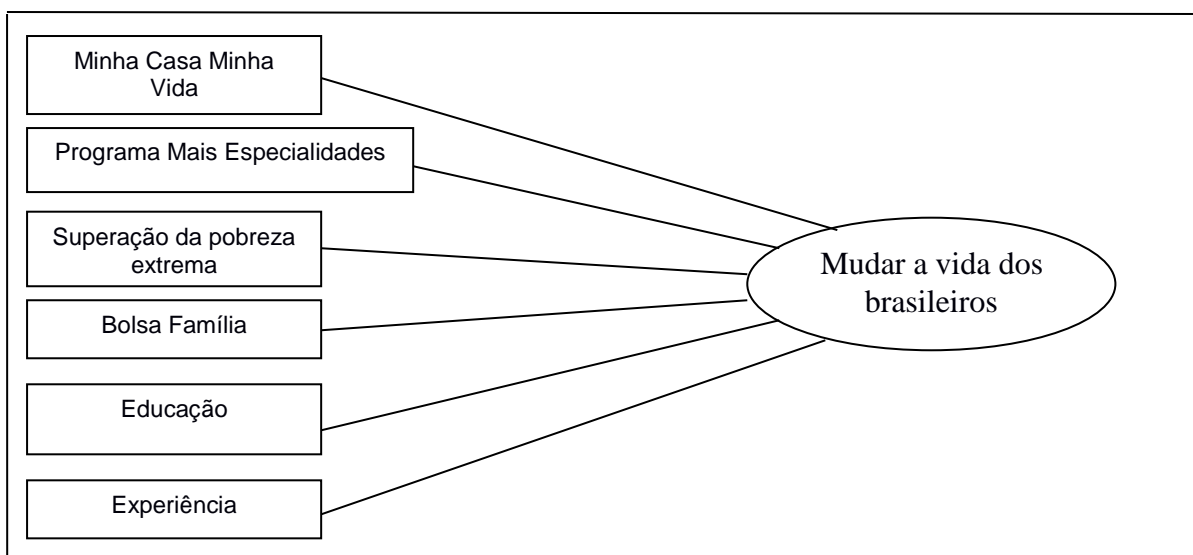


Figura 07 – Campo discursivo em torno do desenvolvimento social no discurso da candidata Dilma Rousseff (PT).

Fonte: Elaborado pela autora desta Dissertação de Mestrado.

À medida que a candidata articulou o seu discurso no que se refere às questões inerentes ao desenvolvimento social, percebemos a constituição do ponto nodal “mudar a vida dos brasileiros”. Logo, é a partir deste ponto, que se constituiu a cadeia de equivalências em que ocorreu a construção retórica durante a campanha e assim, uma produção articulada de ações que, segundo a própria candidata, foram ou, estão sendo cumpridas e que a experiência permitirá avançar ainda mais com as propostas.

Apresentadas as práticas retóricas da candidata Dilma Rousseff (PT), durante o HGPE, pelas quais foram articulados os sentidos que significaram o discurso de campanha, no que se refere o desenvolvimento social, comprovamos a emergência de analisar o discurso do candidato oponente, bem como a construção retórica discursiva utilizada enquanto candidato opositor em que também significa o discurso político durante o segundo turno do HGPE.

5.3 A construção retórica discursiva do candidato Aécio Neves (PSDB) sobre o desenvolvimento social.

Conforme análise da seção anterior, observamos como a candidata da situação construiu seu discurso durante o HGPE, a partir do ponto nodal e de relações equivalências. Nesta seção, faremos o mesmo trabalho de análise e recorte de alguns trechos dos discursos de Aécio Neves (PSDB) sob o mesmo tema, desenvolvimento social. Por meio da prática retórica e a partir da lógica da equivalência, cujo ponto nodal se constituiu no sentido de “melhorar a vida dos brasileiros”, vamos analisar o desenvolvimento social e as metas mais expressivas mediante a contingência.

Aécio Neves (PSDB) partiu para uma construção retórica com metas de campanha em defesa e melhoria da vida dos brasileiros, mas, a partir de uma articulação que coloca em evidência os feitos dos governos tucanos que são parte da história política brasileira, do desenvolvimento social e paralelamente aos avanços econômicos sentidos pelos cidadãos há décadas.

Logo no primeiro programa do HGPE, o candidato procura construir um auto fortalecimento, a partir da conquista do capital político que o levou ao segundo turno, como também induz a desconstrução da candidata petista, pelo viés da mudança. Esta articulação percebemos no primeiro discurso do candidato, no segundo turno:

(...) Eu, vou continuar apresentando a você propostas para melhorar a sua vida. (...) Meu amigo, minha amiga, eu comecei essa campanha convidando todos a serem bem-vindos a um novo jeito de governar, agora eu refaço esse convite: sejam bem-vindos os que querem a mudança, sejam bem-vindos os que querem um Brasil melhor, sejam bem-vindos os que querem decência e querem respeito. Sejam bem-vindos todos aqueles que como eu, acreditam que nós temos um grande futuro pela frente. Dizem que basta dar um passo para você não estar mais no mesmo lugar. No domingo, milhões de brasileiros deram o primeiro passo para mudar de verdade o país e, quando milhões de pessoas sonham o mesmo sonho é porque esse sonho tem tudo para se transformar em realidade. Vamos juntos porque a mudança já começou. (NEVES, HGPE, 09/10/2014 – Noite).

A partir dessa prática retórica, o candidato trouxe para a condição de momentos, particularidades que transitam enquanto elementos que se somam a ideia de mudança mas, transitam sob as metas equivalências que passam a ser exploradas. No discurso que segue, explica-se essa lógica equivalencial articulada pelo candidato:

Na verdade nós só vamos voltar a crescer no momento em que o Brasil for respeitado, no momento em que nós resgatarmos a credibilidade nas regras que aqui são praticadas. Essa é outra herança macabra, perversa, do atual governo a desconfiança generalizada em relação ao Brasil. Nós não podemos compreender a pobreza apenas na vertente da privação da renda. Além disso, a privatização de serviços, saneamento básico, saúde adequada e a privação de oportunidades caracterizam a pobreza. E a nossa proposta “Família Brasileira”, busca classificar as pessoas que recebem, as famílias que recebem o Bolsa Família em cinco níveis de carência das maiores até as menores e nenhuma família ficará mais de um ano em uma mesma faixa, portanto, o Estado atuará e atuará de forma integrada para que a sua vida melhore.

[na tela] “O Brasil quer Justiça Social”.

Em relação ao Bolsa Família, não só vou mantê-lo como vou aprimorá-lo porque para o PT interessa administrar a pobreza, eu quero a superação da pobreza. (NEVES, HGPE, 10/10/2014 – Noite).

O trecho acima, recortado do debate dos candidatos da Rede Record de Televisão realizado em 28 de setembro de 2014, e veiculado durante o HGPE, denota questões pertinentes à política e às interfaces do poder. O discurso com marcas de antagonismo, articulado entre uma meta e outra no que se refere ao desenvolvimento social, instaura naquela contingência uma disputa de forças, dados os efeitos preliminares e expressivos que envolvem o Bolsa Família. Em situação de equivalência os programas passam a significar para além do sentido original, uma construção retórica que elabora um patamar ainda maior de satisfação social.

Assim, metas como aprimorar os bons programas e de justiça social, a partir da fala do candidato, podem ser amplamente alcançadas a partir do planejamento que o Brasil precisa neste momento de incertezas, dados o contexto de dúvida sobre a gestão do governo e a estagnação do crescimento do país. O programa de Aécio apresenta de modo expressivo as propostas do candidato para os próximos quatro anos sobre aspectos sociais que ganham significação discursiva através de programas como: Fica Vivo; Família Brasileira e Poupança Jovem.

A ampliação de significado se constrói em alguns trechos do HGPE, quando Aécio faz um bate-papo, que ele chama de “papo-reto”, com algumas lideranças sindicais. Nessa oportunidade, há um diálogo entre uma sindicalista e o candidato Aécio, com a seguinte contextualização:

[(Eunice Cabral – Pres. do Sindicato das costureiras de São Paulo e Osasco) - Presidente Aécio, o governo atual prometeu criar milhares de creches e não cumpriu]. Nós mulheres que temos que trabalhar e não temos onde colocar os nossos filhos, no seu governo, qual será a sua posição nessa questão?

[Aécio] – Esse é um tema muito, mas muito importante. Mais de 40% dos

lares brasileiros são chefiados por mulheres. Se não tem creche, como é que a mão vai trabalhar? Como é que a mãe vai estudar? A atual presidente da República prometeu construir seis mil creches, e não construiu. Eu, além de construir essas seis mil creches em todas as regiões do Brasil, vou aumentar a idade de permanência da criança nas creches. (HGPE, 11/10/2014 - Noite).

O candidato, ainda que, de maneira muito ampla procura estabelecer um diálogo para tratar sobre as questões sociais que interessam de verdade a vida dos trabalhadores brasileiros no sentido de ampliar o significado atribuído à prática retórica do candidato, tratando sob outro viés de sentido equivalencial articulado, constituindo uma forma de construção hegemônica.

Neste jogo político discursivo, sendo um dos protagonistas desta relação antagonica, Aécio se constrói retoricamente em outro momento de articulação. Significando mais uma vez o sentido da justiça social e de melhoria nas condições de vida dos brasileiros, vimos na sua ida ao estado de Pernambuco a seguinte fala:

(...) Hoje, eu fiz questão que a minha filha, Gabriela, viesse comigo e disse a ela no avião: Venha conhecer Gabriela a boa política que ainda se pratica no Brasil. Homens e mulheres de bem que somam as suas forças com determinação e porque não hoje com tamanho desprendimento para que o Brasil possa caminhar na direção de integração e da justiça social. Serei e tentarei ser como foi Juscelino há 60 anos, outro mineiro que assumiu a Presidência da República, o presidente da integração, da diminuição das diferenças. Portanto, minhas amigas e meus amigos, os olhos do Brasil inteiro nesse instante estão colocados aqui sobre o internacional nesta reunião. (...) (NEVES, HGPE, 12/10/2014- Noite).

No jogo discursivo, em que se destacam as diferenças, Aécio constrói o discurso do antagonismo constitutivo que significa, ao outro lado, um sentido desajustado quando se percebe a necessidade de mais diálogo com a sociedade e sensibilidade para as relações com as pessoas, a fim de sentir a verdadeira realidade brasileira. A lógica da equivalência interfere sob a ótica do não entendimento sobre o que é justiça social e conseqüentemente sobre as deficiências para o desenvolvimento, ainda que a retórica do candidato acabe faltando com certa clareza.

Notavelmente o viés discursivo do candidato se articula preferencialmente a partir do desenvolvimento social. Os tucanos entendem que esta possibilidade só se torna real e crescente se houver desenvolvimento econômico. A articulação durante a campanha demonstra certa fragilidade retórica pela construção de determinadas significações sobre a oponente para construir o seu discurso. O trecho a seguir

também é construído com o mesmo sentido e significação:

Campanha de Dilma falta com a verdade quando diz que o governo de Minas não paga o piso aos professores. Mas, o advogado-geral da União, conclui que o salário pago está em consonância com a Lei Federal. O PT adora apostar na confusão (...) os professores da Bahia e Rio Grande do Sul não recebem o piso, e são governados por governos do PT. Contra a mentira o melhor remédio é a mudança, a mudança é Aécio!"(APRESENTADORA, HGPE, 14/10/2014 - Noite).

O jogo discursivo entre os candidatos torna-se uma constante desconstrução entre os diferentes. Aécio ao tempo que se defende sobre supostas mentiras, também desconstrói a política petista que sempre afirma priorizar os trabalhadores e, neste caso os professores. A constituição do discurso antagônico, bem como a articulação retórica em torno do desenvolvimento social, eles constituem um sentido representativo à medida que, o candidato tucano associa o crescimento econômico aos avanços sociais. Em trecho do debate dos candidatos à Presidência da República, realizado pela Rede Bandeirante de Televisão, em 14 de outubro, evidenciamos a retórica do candidato no sentido representativo no que se refere à preocupação tucana sobre o desenvolvimento:

[Na tela]: Continuar e melhorar os programas sociais. Vamos fazer crescimento garantido sim e avanço das políticas sociais. Eu não sei por que lhe incomodou tanto eu dizer aqui que no DNA do Bolsa Família, está sim no PSDB. A história não se muda candidata. Está aqui a Lei que criou o Bolsa Família, a Lei 10.836 (imagem da Lei) diz simplesmente o seguinte: o Bolsa Família será criado a partir da unificação do Bolsa Escola, do Vale gás, do Bolsa-alimentação e do Cadastro Único. (NEVES, HGPE, 15/10/2014 – Noite).

Conforme o candidato tucano documenta, quem está desconstruindo os fatos da história é a candidata Dilma. A imagem que complementa o discurso de Aécio, sintetiza que na origem do programa Bolsa Família tem trabalho dos tucanos, por meio da articulação política que promoveu crescimento para famílias em situação de extrema vulnerabilidade social. Abaixo recortamos a imagem do documento, Lei 10.836 de nove de janeiro de 2004, que regulamenta e cria o Programa Bolsa Família e dá outras providências.

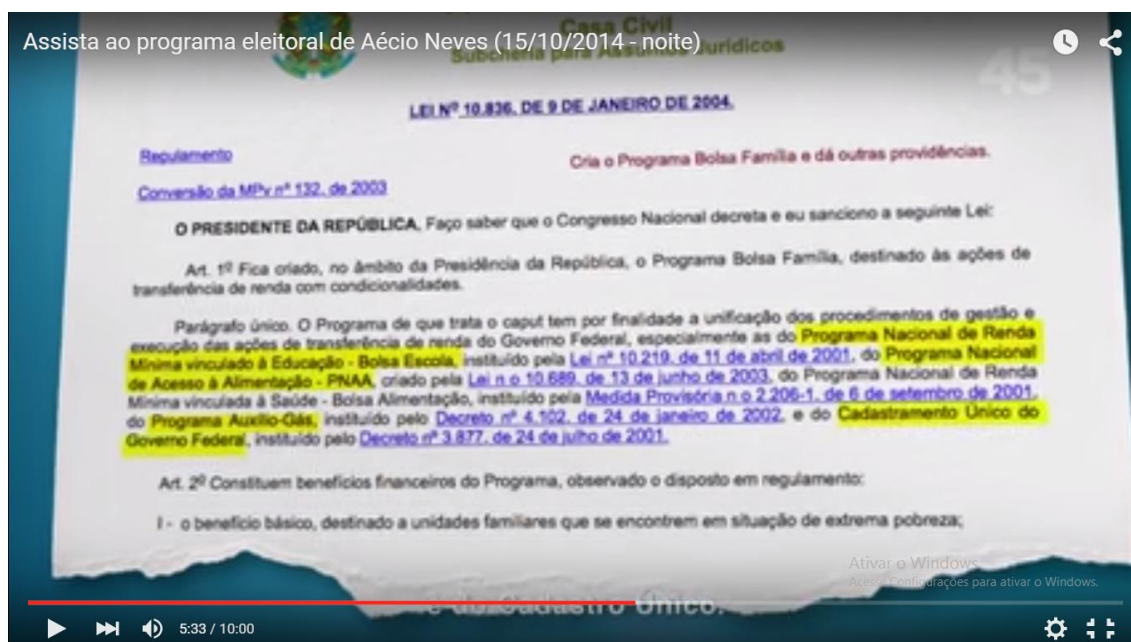


Imagem 06. Propaganda eleitoral de Aécio Neves – 15/10/2014 (Noite).

Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=zG5Rdc-hixQ>

Visto que o discurso de Aécio Neves (PSDB) constitui uma retórica discursiva articulada pelo antagônico neste processo em que significa o desenvolvimento econômico, o candidato amplia o campo de equivalência que remete ao compromisso e metas para a mudança de governo. Para análise recordamos como o candidato se constrói retoricamente:

Lançamento da Carta de Pernambuco:

Vamos ampliar e aprimorar as políticas existentes, inclusive, transformando o Bolsa Família em política de Estado e não mais de governo, justamente para que não sofra descontinuidade e interrupção. Vamos convocar a sociedade brasileira a debater e encontrar soluções generosas para nossa juventude para lhe dar horizontes que afastem da violência e outros descaminhos. Quero que meu governo seja aquele no qual os brasileiros vão recuperar a confiança na política como caminho para o exercício pleno de sua cidadania. Peço a todos aqueles que amam o Brasil juntem-se a nós! Só na união, no consenso os brasileiros e as brasileiras poderão construir aquilo que mais queremos: uma sociedade mais justa, democrática, decente e sustentável. Esse é o meu compromisso. (NEVES, HGPE, 16/10/2014 - Tarde).

O candidato, durante evento em Recife (PE), firma uma significação retórica, em que constrói um sentido identitário com aquela população do nordeste. A Carta de Pernambuco gira em torno da estabilidade e desenvolvimento social, mas também cria naquela oportunidade em elo entre o candidato tucano e a população do nordeste, que mais depende dos programas sociais e das articulações em torno destes.



Imagem 07. Programa Eleitoral – Aécio Neves – 16/10/2014 (Tarde).

Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=umXE51Vpc7g>.

À medida que a campanha eleitoral se encaminhava para o seu período final, mais os candidatos articulavam uma construção retórica em que se construíam à medida que significavam os seus discursos e desconstruíam o seu opositor. Os cenários em que os discursos se constituíam e se significavam, marcavam uma disputa turbulenta e que denegria a imagem de ambos à custa de supostas mentiras. Uma das situações pode ser exemplificada durante o debate dos candidatos à Presidência da República, veiculado pela emissora de televisão SBT e promovido pelo UOL/SBT/Jovem Pan, em 16 de outubro. O candidato tucano rebateu a candidata naquela ocasião, conforme vimos no seguinte trecho:

(...) A Senhora no seu Twitter, candidata, disse que Minas Gerais teve a menor redução da taxa de mortalidade infantil do Brasil. Mentiu candidata. Minas Gerais no meu tempo de governo, foi o estado que mais reduziu a mortalidade entre todos os estados do Sudeste, do Sul e do Centro-oeste, candidata. A Senhora chegou ao cúmulo de mandar a sua equipe de filmagem filmar uma escola, a Escola Barão de Macaúbas em Belo Horizonte num domingo, no dia 12 de outubro, quando ninguém estava lá, para mostrar que a obra estava parada e que a escola não funcionava. (NEVES, HGPE, 17/10/2014 – Noite).



Imagem 08. Programa Eleitoral de Aécio Neves – 17/10/2014 (Noite).
 Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=rnUdFaRhWHc>.

Devido a constatações como esta os apresentadores do programa de Aécio Neves (PSDB) afirmam que a candidata Dilma Rousseff (PT) falta com a verdade. Sobre o caso da Escola Estadual Barão de Macaúbas de Belo Horizonte, a equipe do candidato tucano colheu o depoimento do mestre de obras Carlos Humberto, constatando que as obras naquela instituição de ensino, estão em andamento de segunda a sábado das 7 horas da manhã às 18 horas. Já o vigilante, Ertton Carlos (que aparece na imagem acima) confirmou que no dia 12 de outubro, domingo, estava de plantão quando por volta das 3h30 da tarde, dois cidadãos bateram no portão perguntando se poderiam tirar algumas fotos, justificando que se tratava de um trabalho artístico. O vigilante complementa: “Andaram dizendo por aí que a escola está parada, que estava abandonada, o que é uma mentira”.

Com base nesse recorte, que envolve uma das grandes metas para os projetos e governos em torno da educação podemos afirmar que, a significação retoricamente construída no programa visa desqualificar a candidata petista, desconstruindo sua imagem e colocando em dúvida o seu discurso. Na manifestação abaixo, o candidato Aécio demarca o jogo político ao articular:

Vamos falar aqui para o telespectador, para a telespectadora. As boas coisas têm que continuar. O que nós precisamos é qualificar a gestão pública, colocar gente séria, gente honrada, para que os resultados atinjam as pessoas, eu quero sim fazer a nova escola brasileira. A senhora fala em

flexibilizar o currículo do Ensino médio. Depois de 12 anos de governo? Porque não fez isso antes? (NEVES, HGPE, 17/10/2014 - Noite).

O trecho acima, ainda extraído do programa do debate dos candidatos veiculado pelo SBT em 16 de outubro, reproduz a articulação no cenário de disputa em que o discurso é constituído, pelo candidato, retoricamente e explora uma suposta ineficiência do grupo no poder, significando a ineficácia do projeto petista no que se refere à educação e por consequência para o desenvolvimento social. A desconstrução da imagem da candidata petista parte da dúvida sobre a postura governamental, forma um discurso contra o poder institucionalizado que cada vez mais parecia estar envolvido nos escândalos de corrupção. No recorte abaixo, notamos como o programa articula algumas questões e constrói significados:

(...) Dilma concluiu apenas 12% das obras prometidas no PAC, um programa que era para acelerar o crescimento (...) Dilma transformou a Petrobras na mais indiciada do mundo, Dilma fez o Brasil perder 13 mil leitos no SUS desde 2010; Dilma fez o Brasil registrar 181 apagões desde 2011; Dilma quebrou etanol, levando mais de 70 usinas a fechar as portas; Dilma não cumpriu a meta de inflação – nenhuma vez... Dilma promoveu a Copa do Mundo mais cara da história. Você quer mais quatro anos disso? A mudança é Aécio! (Narrador, HGPE, 18/10/2014 - Noite).

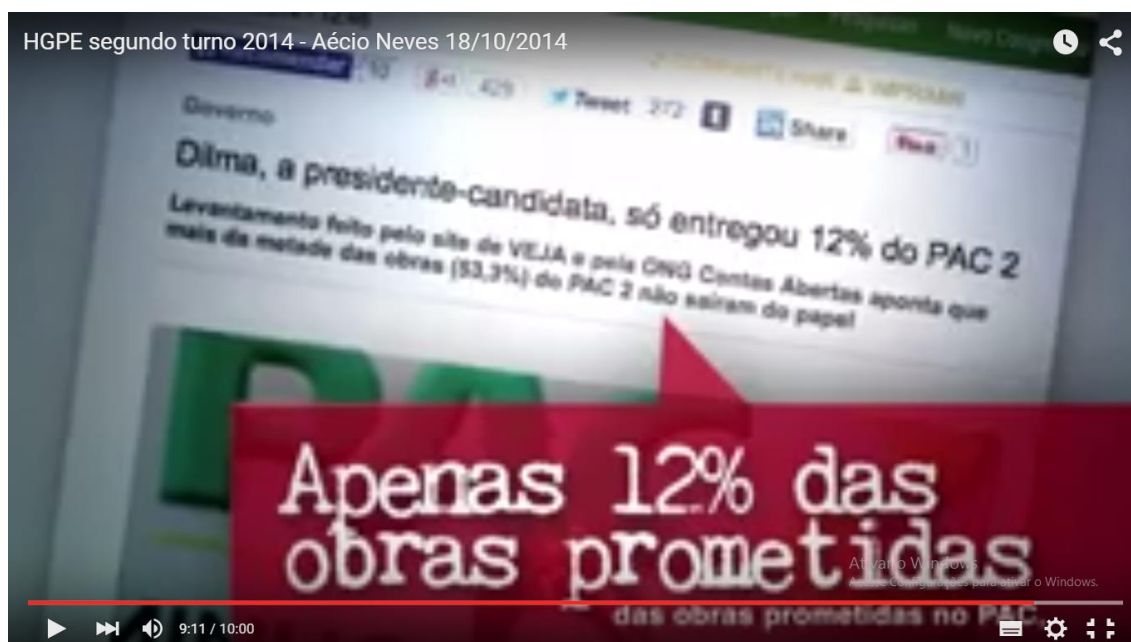


Imagem 09. HGPE segundo turno de 2014 – Aécio Neves – 18/10/2014 (Noite).
Fonte: https://www.youtube.com/watch?v=7Uy_qQHgvOY

Nessa construção retórica, para além do discurso do candidato Aécio, o programa explora recursos com áudio e imagens, sob forte dicção de um narrador,

posicionando contrário aos resultados da candidata situacionista, criticando em fim os resultados. Neste contexto, a construção retórica discursiva significa um governo incapaz e que manipula as informações sobre o real desenvolvimento social no país.

Aécio Neves significa ao longo dos programas que é preciso planejamento e defende um projeto que partiu das experiências do seu governo em Minas Gerais. Segundo o candidato, para governar não pode haver improvisos, nem falar do passado, mas mudar e olhar para o futuro. Para tanto, seu programa propõe:

(...) [Na tela: SOCIAL]

Aécio vai levar a experiência do Programa Fica Vivo para todas as regiões do Brasil, afastando milhares de crianças e jovens que vivem em situação de risco social por perigo das drogas e do crime. [Na tela: JOVENS LONGE DAS DROGAS E DO CRIME].

Implantar o [Na tela] Programa Família Brasileira como estratégia do combate à pobreza de forma sustentável. (NARRADORES, HGPE, 19/10/2014 - Noite).



Imagem 10. HGPE segundo turno – Aécio Neves 19/10/2014 (Noite).

Fonte: https://www.youtube.com/watch?v=RM_VSIGSzts

[Na tela] SAÚDE:

Na saúde Aécio vai organizar e fazer funcionar melhor o que já existe. Vai criar os consultórios populares de saúde, para acabar de vez com a demora das consultas com especialistas. Aécio também vai fazer 500 centros saúde de uma vez, com consultas, exames e remédios juntos, num único lugar com hora marcada e transporte exclusivo, simplificando e tornando mais eficiente o atendimento na saúde.

[Na tela] EDUCAÇÃO:

Aécio vai levar para todo o país o programa Poupança Jovem, estimulando os alunos a concluírem o Ensino Médio. A cada ano o governo deposita um valor

que o aluno poderá sacar no final do curso para iniciar uma nova etapa em sua vida. E com o mutirão de oportunidades, Aécio vai trazer de volta à escola cerca de 20 milhões de pessoas que abandonaram os estudos, dando a elas um salário mínimo por mês para que voltem a estudar. (NARRADORES, HGPE, 19/10/2014 - Noite).



Imagem 11. HGPE Segundo turno – Aécio Neves 19/10/2014 (Noite).

Fonte: https://www.youtube.com/watch?v=RM_VSIGSzts.

Ademais, o programa de Aécio Neves no HGPE, é pautado por uma série de propostas para solucionar e atender as emergências em torno do desenvolvimento social. Com efeito, são propostas que dependem de investimento e, recursos do Estado que poderá encontrar problemas para agir de forma eficaz e permitir que estas significações discursivas não fiquem atreladas ao papel, elevando as críticas ao governo e a política brasileira, que está cada vez mais desacreditada e vulnerável às cobranças.

O programa de Aécio ainda faz um resgate do final do primeiro turno da campanha. Trata-se de um recorte do debate dos candidatos exibido pela Rede Globo de Televisão, em 03 de outubro, quando o candidato diz o seguinte:

(...) Que os bons programas do governo do PT, a partir de 1º de janeiro estarei anunciando que eles vão continuar, mas vão ser aprimorados. O Minha Casa Minha Vida, por exemplo, no meu governo, vai ter um foco muito maior na faixa que vocês não conseguiram enfrentar adequadamente, a faixa de até três salários-mínimos. Um déficit de quatro milhões e 100 mil moradias hoje está em torno de três milhões e 900 mil moradias. E outros projetos. (NEVES, HGPE, 20/10/2014 - Noite).

Com efeito, o candidato revela certa preocupação com a construção hegemônica condicionada nos governos petistas, pela facilidade do crédito amplo, barato e com o consumo elevado. Aécio implicitamente sabe da aceitação do povo à política dos últimos anos com emprego em alta, Bolsa Família, salário mínimo aumentado, graças ao consentimento da camada econômica dominante que, favoreceu bolsas e permitiu apoio financeiro a quem precisasse. Por tantas razões, a construção retórica discursiva do candidato não poderia deixar de fora aquilo que, para o senso comum significa um discurso favorável ao desenvolvimento econômico e em consequência, medidas “benéficas” aos cidadãos, o que também explica a insistência pela repetição das propostas de Aécio no que gira em torno da saúde, educação e cidadania.

Também, ao passo que a opositora age e passa a denegrir e obscurecer a sua imagem, Aécio Neves parte à defesa, conforme vimos no trecho abaixo:

Minha amiga, meu amigo. eu vou interromper nesse momento a nossa campanha eleitoral para me dirigir com o coração aberto a cada brasileiro, a cada brasileira de todo o país. Um momento de uma eleição é um momento extremamente importante na vida de qualquer nação. é momento de debates, é momento de confirmação de valores, de fortalecimento da democracia. Mas infelizmente não é isso que está acontecendo no Brasil. Essa eleição vai ficar marcada pela mentira, pela calúnia dos meus adversários, pela covardia. segundo levantamento de um importante jornal nacional, nesse segundo turno, de 22 peças publicitárias produzidas pela campanha da minha adversária, 19 foram para me atacar. e apenas três para falar de propostas. Onde eu vou sou procurado, por pessoas assustadas. Beneficiários do Bolsa Família estão sendo aterrorizados com a mentira de que eu iria acabar com o programa. Não vou, vou manter o Bolsa Família. Famílias que estão inscritas no Minha Casa Minha Vida estão recebendo ligações dizendo que eu iria cancelar o Programa. Não vou, vou mantê-lo, vou aprimorá-lo. Jornais anônimos são espalhados por todo o país com mentiras e falsas acusações. funcionários de bancos e empresas públicas como o Banco do Brasil, a Caixa Econômica Federal, os Correios, A Petrobras, entre outras, estão assustados com os avisos de que eu iria privatizar essas instituições. É mentira! Vou fortalecê-las, vou valorizar os funcionários de carreira. em uma covarde onde de falsidade e de calúnias, tentam jogar na lama o nome honrado da minha família. (...) (NEVES, HGPE, 22/10/2014 - Noite).

O que o trecho acima demonstra é uma construção retórica discursiva utilizada pelo candidato para significar a sua campanha, mais uma vez colocando em xeque o caráter da candidata Dilma e, estrategicamente construindo uma retórica que produza sentido, visto o final da campanha eleitoral e a forma permanente em que os candidatos preocupam-se em como construir a sua imagem e desconstruir o seu opositor.

Finalizando a campanha o candidato procura contextualizar retoricamente o processo da campanha eleitoral, de onde extraímos alguns trechos:

Minha amiga, meu amigo. Hoje se encerra a propaganda eleitoral e eu quero agradecer e agradecer muito a sua companhia e de toda a sua família, até aqui. Eu iniciei esta campanha dizendo: são todos bem-vindos. Bem-vindos a um novo jeito de governar, bem-vindos a um tempo de maus união, de mais decência, eficiência e verdade. Bem-vindos porque é assim que nós somos acolhedores, solidários, generosos. Isso é o que nós, brasileiros, temos de melhor, de mais profundo, o nosso caráter. Algo que não se pode abandonar nunca, nem mesmo em uma disputa eleitoral. Viajando de norte a sul desse maravilhoso Brasil, eu pude sentir o afeto, o carinho e o apoio dos brasileiros de todas as regiões. Eu senti na pele o entusiasmo das pessoas e muito mais do que isso. Um desejo mesmo de libertação dos brasileiros. (...) Recuperar esses valores tão fundamentais também é parte da mudança que nós queremos fazer. A mudança que vai trazer de volta ao Brasil o bom governo. Um governo que funcione e que faça o Brasil funcionar. Um governo, que melhore de fato a sua vida e que nos faça voltar a crescer, que compartilhe os resultados da prosperidade com todos os brasileiros e brasileiras. Educação de qualidade, saúde e segurança de verdade para as nossas famílias, melhores empregos com melhores salários. Essa, minha amiga, meu amigo, é a mudança que eu quero fazer, para juntos realizarmos o melhor governo da nossa história. Há 30 anos, eu me lembro de muito bem disso, os brasileiros se uniram em torno do meu avô, o presidente Tancredo Neves, para vencer a ditadura e gritaram por todo o país: Muda, Brasil! Hoje, eu repito a mesma frase: Muda, Brasil! A história você sabe, é feita de pessoas, é feita por todos nós. (...) Eu estou pronto. Pronto para construir com você um novo futuro a partir de agora. E cabe a você decidir. Eu tenho absoluta convicção de que o país que você quer, é o mesmo país que eu quero. Por isso, vamos juntos! Me ajude com o seu voto a mudar de verdade o Brasil. E que Deus nos ilumine. Muito obrigado! (NEVES, HGPE, 24/10/2014 – Tarde).

Apesar dos numerosos temas que poderiam ser tratados ao longo dos programas, no HGPE, muito do que se assistiu foram reprises como no caso do desenvolvimento social. A construção retórica discursiva do candidato Aécio Neves, durante o segundo turno da campanha no HGPE, espaço em que foram articuladas as práticas retóricas mais recorrentes sobre desenvolvimento social, demonstra ocorrências a fim de significar os discursos com a noção do ponto discursivo “melhorar a vida dos brasileiros”, chamado de ponto nodal.

Neste cenário em que se configura o discurso e, este enquanto categoria de imprescindível observação pela articulação entre elementos distinguidos a partir da lógica da equivalência nos referimos à definição das metas de campanha, o que leva em conta a contingência e a emergência do momento. Assim, se constitui o campo discursivo que representamos na figura abaixo:

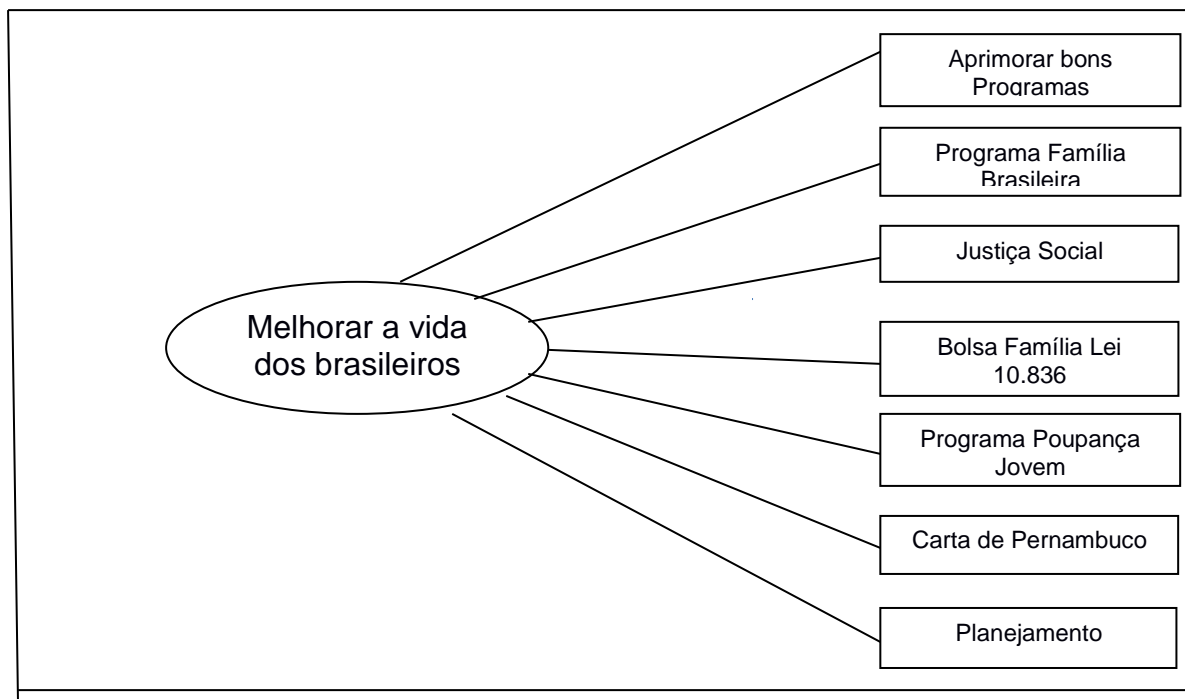


Figura 08 – Campo discursivo em torno do desenvolvimento social no discurso do candidato Aécio Neves (PSDB).

Fonte: Elaborado pela autora desta Dissertação de Mestrado.

Na representação gráfica acima temos o esquema do campo discursivo de ação do candidato Aécio Neves a partir do ponto nodal “melhorar a vida das pessoas”. A formação discursiva do candidato deteve-se a uma série de metas, para elevar a crítica de modo positivo, a fim de constituir uma formação hegemônica determinante para a disputa eleitoral e perante o jogo política discursivo.

Os elementos apresentados nas seções anteriores e após demonstrar através de alguns recortes, os argumentos utilizados e que significam o tema desenvolvimento social, do qual partimos para a proposta de análise das construções discursivas, evidenciam como se apresentam e se articulam os sentidos gerados pelos candidatos do PT e PSDB, a fim de demarcar o seu corte antagônico.

5.4 A formação do discurso político em torno do desenvolvimento social por Dilma Rousseff (PT) e Aécio Neves (PSDB) marcados pelo corte antagônico

De acordo com a proposta deste trabalho, esta seção será feita a partir da comparação dos discursos dos candidatos à Presidência da República, candidata a reeleição Dilma Rousseff (PT) e o candidato de oposição Aécio Neves (PSDB), para

caracterizar o desenvolvimento social e demonstrar como os candidatos significam este significante. Assim, analisaremos quais são os sentidos gerados pelos candidatos ao tempo que constroem os seus discursos e quando desconstróem o discurso de seu opositor. A teoria do discurso de Ernesto Laclau e Chantal Mouffe colabora no sentido de apresentar categorias de análise sobre a construção discursiva da situação e da oposição, em torno da articulação do discurso político e da construção hegemônica, marcada pelo seu corte antagônico.

Consideramos para esta análise, pelo menos dois aspectos: a questão da hegemonia e os significantes flutuantes. As propostas exploradas, pelo PT e pela candidata que buscava a reeleição, buscam sentidos e representação ao significar o discurso ideológico. O fortalecimento da retórica discursiva por meio da experiência acumulada, que a construção de sentidos permite, destacava a estratégia de Dilma Rousseff, em torno do desenvolvimento social para construir-se retoricamente ao passo que desconstruía o seu opositor.

A constituição e prática retórica do candidato Aécio Neves (PSDB) estabelecem uma relação de equivalência, que podem ser articuladas a partir do discurso do candidato ao estabelecer sentido oposto. Como demonstramos nas seções anteriores, as retóricas constituem um espaço de representação das metas em campanha eleitoral, estabelecendo e constituindo uma heterogeneidade social, por meio do desenvolvimento social.

As metas, retoricamente isoladas pelos candidatos, permitem a articulação de significados diversos, ainda que em uma mesma contingência. Logo, a fronteira antagônica que se constitui, permite um deslocamento e também a possibilidade de ressignificações. Neste contexto, buscamos compreender como foram construídos os discursos entre situação e oposição que permitiu a composição de um jogo discursivo e de luta política, que configurou o antagonismo.

A polarização PT/PSDB se constrói com ideários antagônicos, apesar de ambos os partidos nascerem no final do regime militar. O PT se coloca como mais de esquerda e o PSDB de direita com tendência mais liberal. Mas, esta categorização se ampara no que podemos chamar de simples construção retórica em que eles mesmos, atribuem sentidos diferentes e assumem um grau de intensidade definido pela articulação do discurso político.

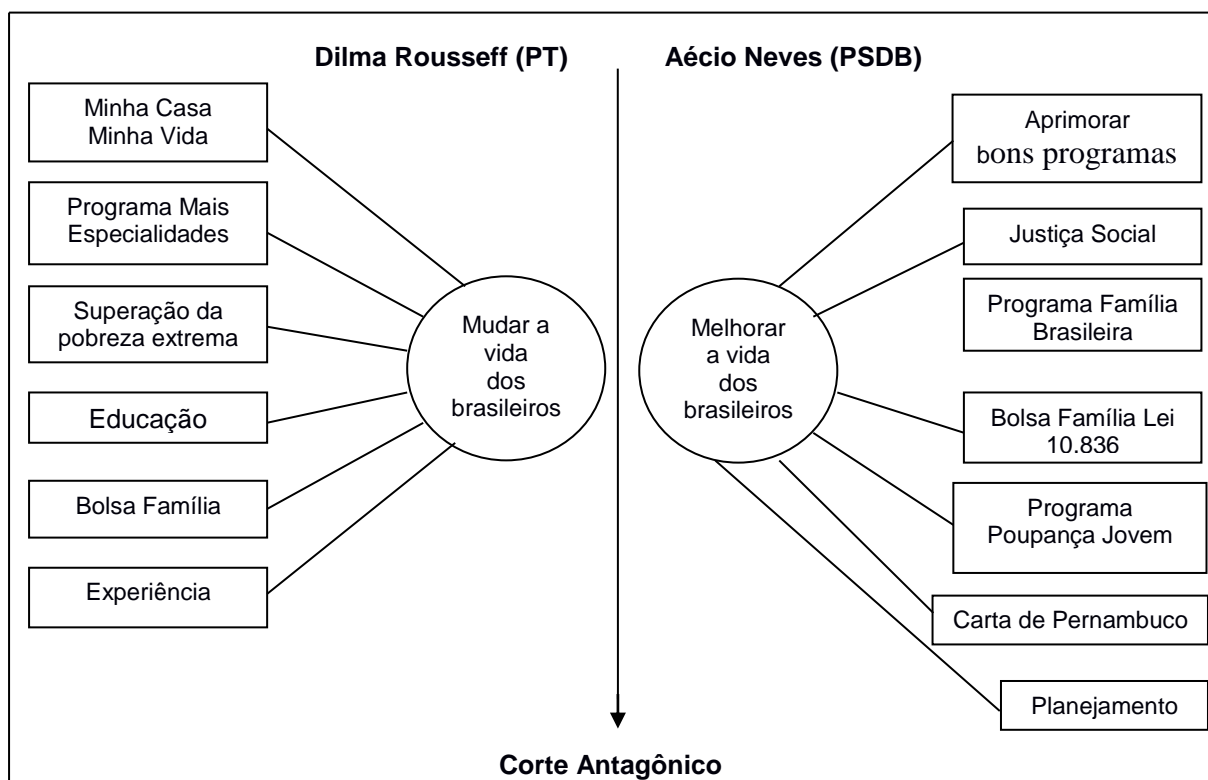
Dilma Rousseff (PT) e Aécio Neves (PSDB) incorporam uma guerra de posições políticas que os colocam e configuram um antagonismo constitutivo. Do enquadramento discursivo dos candidatos sobre o desenvolvimento social estabeleceram-se os pontos nodais que nortearam suas metas, a partir de práticas retóricas em que Dilma constituiu o ponto nodal “mudar a vida dos brasileiros” e, Aécio Neves constitui discursivamente o ponto nodal “melhorar a vida dos brasileiros”.

Em ambos os casos o desenvolvimento social foi significado e ressignificado, para e em benefício dos cidadãos, que configurou um campo retórico discursivo que representou um compromisso democrático, mas que compromete o sentido original. Neste jogo de disputa política e, na complexidade das causas e interesses envolvidos, verificamos uma condição discursiva que coloca o desenvolvimento social em uma condição antagônica pré-existente, visível na composição das metas. Desta forma, a retórica e a articulação dos candidatos constituem pontos nodais distintos de sentido, o que se torna possível devido à condição de significar os discursos anteriormente.

É por esta busca de sentidos, em cenário de disputa entre os discursos de Dilma Rousseff e Aécio Neves, temos uma forma identitária que pressiona as estruturas da campanha numa tendência antagônica provocada pela polarização, mais uma vez constituída nessas eleições. Para significar os discursos, ampliam-se as construções discursivas de ambos os candidatos, a partir de lógicas de equivalência, diferentes, sem que deixem de ser contrários ao antagonismo, conforme demonstrado sobre o desenvolvimento social.

Desta maneira e a partir da construção retórica discursiva, sobre o desenvolvimento econômico, é possível formar e perceber de modo sintetizado, na figura abaixo (Fig. 01) como se articulou o discurso político em torno desta construção hegemônica, compondo um campo discursivo em disputa e, marcado pelo seu corte antagônico.

Figura 09 - Articulação do discurso político e formação dos campos discursivos, em torno do desenvolvimento social, marcados pelo corte antagônico.



Fonte: Elaborado pela autora desta Dissertação de Mestrado.

Então, Aécio Neves constrói a retórica oposicionista com base na contingência dos fatos e atribui sentido pelo ponto nodal “melhorar a vida dos brasileiros”, que defende os programas sociais, por ocasião da sensação dos cidadãos em possuir poder de compra, o que na realidade apenas mantém os pobres, na condição de pobreza. O discurso do candidato cumpre seu papel de oposição, reforça os sentidos em disputa política, uma vez que, ao significar o Bolsa Família de origem tucana desqualifica o governo petista, como aquele único que pensa na vida dos trabalhadores, à medida que o programa de Aécio desconstrói a imagem sombria e amedrontada plantada pelos petistas.

O desenvolvimento social, como sentido em disputa, no momento da campanha política eleitoral, articula a forma como os diferentes, Dilma e Aécio significam os discursos entre os polos antagônicos. Neste sentido evidenciamos que a vida dos brasileiros, representado pelo tema “Desenvolvimento social” tornou um

objeto de manobra, que caracteriza um significante flutuante, conforme Laclau definiria. Logo, o significado está em disputa por ambas às cadeias discursivas e antagônicas.

Mais uma vez, o que temos constituído é o que Laclau chama de ponto nodal, uma identidade hegemonizada, que representada na figura anterior, está delimitada pelo corte antagônico, no contexto da disputa discursiva em questão, em que a particularidade universalizada se constitui pela hegemonia. Portanto, à medida que a identidade se hegemoniza, esvaziando sua particularidade inicial, se torna, necessariamente, um amplo significante vazio.

5.5 Considerações

Independente de posições políticas o que importa à democracia é o bom andamento da economia e de todas as articulações inerentes a este processo, como o desenvolvimento social. A candidata Dilma Rousseff (PT) vem de uma articulação político ideológica orquestrada pelo ex-presidente Lula. A candidata, que já era membro do governo Lula, também construiu com os pares petistas muitos dos programas sociais vigentes e, no caso do Bolsa Família mantido por seu governo, pode-se afirmar que a matriz é velha e de conhecimento da candidata, conforme Lei nº 10.836 que trata da união de diversos programas sociais do governo FHC para formar o Bolsa Família.

A retórica ganhou significativa força, com os resultados e a mudança na vida das pessoas, conforme articula o governo petista. As limitações, com a crise de 2008, que fragilizaram a economia brasileira, não foram suficientes para despertar mais ações do governo e mais diálogo para o tratamento dos primeiros obstáculos.

O milagre do crescimento haveria de ter um fundo, afinal o Estado de transformou em um gigante artificial com: crescimento contraído, inflação no teto (estimado) e baixa nos investimentos que despencam juntos com o governo e os empresários. O HGPE se exauriu em meio às propagandas e às propostas dos candidatos, o que reforçou a condição de representação, tanto sobre o desenvolvimento social como pelos desafios em articular cada vez mais as metas eleitoreiras.

Perante tal contextualização, é evidente a emergência para uma hegemonia

pelo discurso político. A construção retórica discursiva dos candidatos a partir do crescimento e manutenção dos programas sociais supririam deficiências históricas, mas comprometeria a economia, já que a contrapartida é frágil e insuficiente. O que se aponta é um Estado incapaz de controlar a inflação, que faz da propaganda a alma do negócio, mas, com deficiências no serviço público no que confere basicamente em saúde, educação e transporte.

O significado discursivo que se criou em torno dos programas sociais tem, sem dúvida, um significado real, porém, é preciso passos sólidos, não baseados em mentiras. A estratégia retórica não pode desconsiderar conquistas importantes para o país, nem desconstruir a si mesma. O sentido construído em torno do desenvolvimento econômico constituiu um apelo político eleitoral.

Ao certo, os candidatos apuraram por meio de algumas categorias sentidos para a ampliação dos próprios discursos, a partir de equivalências diferentes, marcadas pelo antagonismo. O discurso de Aécio Neves (PSDB) somente seria possível pela forma da contrariedade, senão não haveria disputa de posições, nem ressignificações em torno de um mesmo tema.

CONSIDERAÇÕES

Conforme análise desenvolvida no decorrer desta dissertação, apresentamos as condições a fim de pautar nosso objetivo central que foi o de demonstrar as construções retóricas discursivas utilizadas pelos candidatos, Dilma Rousseff (PT) e Aécio Neves (PSDB), no segundo turno da campanha eleitoral de 2014 com o fito de significar seus discursos, em especial no que se referem aos temas: corrupção, economia e desenvolvimento social. Nesta perspectiva de análise, a partir da teoria do discurso, apresentamos alguns recortes das falas dos candidatos durante o HGPE, momento que foram articuladas as propostas e as construções retóricas defendidas por ambas as coligações.

Com efeito, abordamos os discursos dos candidatos a partir da teoria do discurso de Ernesto Laclau e Chantal Mouffe, segundo processo de significação e disputa em torno de alguns temas – corrupção, economia e desenvolvimento social – que se transformaram em instrumentos para a compreensão dos sentidos e das significações atribuídas pelos candidatos durante a campanha eleitoral.

Desta forma, a teoria do discurso laclauniana nos permite explicar a separação antagônica existente neste contexto de polarização – PT versus PSDB – dando sentido às posições ocupadas pelos candidatos no processo político eleitoral. A articulação das significações atribuídas pelos candidatos e os sentidos gerados pelos mesmos consistiu na forma de se autoconstruir retoricamente, ao tempo que desconstruía o seu opositor.

A variação discursiva e a flutuação de sentidos construídos por Dilma e Aécio em relação aos temas elencados permitiram destacar a formação de campos discursivos, bem como algumas significações. Passamos a constituir o caminho dissertativo a partir de alguns passos que se tornaram determinantes para compreender o resultado e a contingência do processo em campanha eleitoral.

No primeiro capítulo, contextualizamos sobre a matriz teórica, enunciamos algumas categorias e conceitos da teoria do discurso enquanto ferramentas para as

análises sobre as produções discursivas dos candidatos, bem como um breve contexto histórico sobre o surgimento da teoria do discurso de Ernesto Laclau e Chantal Mouffe. As próprias referências de Laclau e Mouffe, bem como os trabalhos de pesquisadores brasileiros demonstraram a pertinência que os conceitos assumem e o papel fundamental da teoria, dos trabalhos em análise do discurso para a compreensão do contexto social e da sociedade política contemporânea.

Este capítulo é um enunciado da teoria para a compreensão dos sentidos gerados através das falas dos candidatos ao tratarem das propostas para os seus futuros governos. A noção dos conceitos torna-se fundamental para a proposta de pesquisa qualitativa, a partir da operacionalização e para a análise.

Considerando que toda a disputa discursiva busca o seu sentido hegemônico, ou a noção e caráter de totalidade, a teoria esclarece sobre a forma que os candidatos constroem uma retórica para abarcar sentidos articulados por aquela contingência, como também formam significações conforme o momento e particularidade. Outro conceito em destaque é o antagonismo, que abarca teoricamente sobre a possibilidade de explicar a separação, a polarização e o sentido de disputa política entre os candidatos dos partidos opostos, PT e PSDB.

No segundo capítulo, recorreremos a algumas obras jornalísticas, reportagens de jornais e revistas que colaboraram no sentido de recapitular os principais acontecimentos, com recortes históricos, sob efeito da campanha à Presidência da República em 2014. A contextualização dos fatos permitiu notar que nem tudo é tão (im)provável assim, à medida da impossibilidade de sua constituição plena, lembrando Mendonça (2014).

A contextualização procurou tratar dos caminhos tortos do discurso da obviedade nas eleições em início de campanha, devido o favoritismo dos dois principais partidos, PT e PSDB passando à expressão e sentimento da tragédia com a morte do candidato Eduardo Campos (PSB). O diferente, ao contrário do que indicava ser, não se limitou à explosão do fenômeno Marina Silva, mas a capacidade da construção retórica discursiva dos candidatos Dilma e Aécio, confirmados para o segundo turno, configurada mais uma vez a polarização entre PT e PSDB, como ocorre desde 1994. Uma formação dominada pelos mesmos partidos, líderes dos últimos pleitos, representados por candidatos experientes e estrutura discursiva que

se sustenta no embate ideológico, ainda que, diferentes no jogo retórico e nas estratégias discursivas, articulando-se em torno de temas de fundo estritamente econômico e sob a ótica da corrupção. Adentrando especificamente sobre os temas propostos e considerando o antagonismo existente na articulação discursiva dos candidatos Dilma Rousseff (PT) e Aécio Neves (PSDB), confirmadas no HGPE, analisamos as construções retóricas e os elementos constituintes no interior de seus próprios limites.

No terceiro capítulo, foram destacados os principais pontos sobre a corrupção, segundo a proposta e as metas que sustentaram as falas dos candidatos para tratar e caracterizar sobre o assunto. Confirma-se a condição de um discurso preliminar sobre a corrupção e a busca de uma construção hegemônica, em discursos antagônicos e polarizados. Portanto, o que Ernesto Laclau chama de ponto nodal, uma identidade hegemonizada, é delimitada pelo seu corte antagônico, e neste caso de disputa discursiva um ponto nodal ou, de uma particularidade universalizada há a constituição de uma hegemonia. Neste sentido, o que temos é a significação em combater a corrupção, o que se tornou um significante flutuante nos discursos, de ambos os candidatos, mas com sentidos diferentes gerados, se confirmando o antagonismo.

A oposição representada pelo candidato tucano se constituiu como antagônica ao governo petista e, ao articular acusações envolvendo a candidata à reeleição com os escândalos de corrupção, gerou sentido crítico desestabilizando e desconstruindo-a. Por outro lado, a candidata petista diz-se combater a corrupção a todo custo, através da articulação de sentidos que construam um discurso hegemônico em defesa da mesma, ou, que articularam os sentidos que hegemonizaram um discurso favorável ao seu governo.

Logo, podemos demonstrar a construção retórica discursiva utilizada pelos candidatos, Dilma Rousseff e Aécio Neves, no segundo turno da campanha eleitoral de 2014 a fim de significar os discursos em especial sobre o tema corrupção. Conforme as significações e construção de sentidos a partir das falas dos candidatos do PT e PSDB, temos a constituição de discursos opostos, antagônicos, pois, constituíram a hegemonia pelo 'diferente', ainda que ambos combatessem a corrupção. Esta dupla impossibilidade que ocorre entre os diferentes, em

determinado sistema discursivo, dá-se tanto pela falta como pela abundância de sentidos.

No quarto capítulo, ocorre um trabalho semelhante de análise ao capítulo anterior ainda que, sob um tema mais complexo, visto a dimensão das tratativas que envolvem o tema economia. Nos discursos e construções retóricas dos candidatos do PT e PSDB, nota-se a inversão político discursiva entre os candidatos, já que o PSDB defende tecnicamente uma visão a favor do desenvolvimento econômico em benefício do desenvolvimento social. Neste cenário constituído, em que o PT é situação e o PSDB é oposição ocorrem construções retóricas em que cada composição política atribui maior valor de sentido ao que defende.

Assim, o PSDB tem um discurso preliminar em torno do sucesso do Plano Real e do feito, atribuído à FHC, no que consiste sobre o fim da hiperinflação nos anos de 1990. Os sentidos gerados pelo candidato tucano dão conta de uma mudança, que hoje também seria necessária, visto a volta da inflação e baixo crescimento econômico do país. A partir desta construção de sentidos o que se forma é um antagonismo, pois, o governo atual e que busca a reeleição afirma que a inflação está sob controle e que as mudanças ocorreram nos últimos anos, nos governos petistas, como nunca antes no Brasil.

Mais uma vez, o que se percebeu a partir dos recortes das falas dos candidatos foi à construção hegemônica discursiva, em sentidos contrários. Conforme os sentidos gerados pelos candidatos, destacando o PSDB no seu papel de oposição e o PT em momento de situação, a economia torna-se um instrumento de construção retórica determinante no cenário de disputa política eleitoral. Portanto, a significação dada à economia foi defendida por ambos os candidatos e, caracterizou-se em um significante flutuante, porque a significação era evidente nos dois discursos.

PT e PSDB constituíram o debate no HGPE referindo-se à economia pelo viés das políticas para o crescimento e fortalecimento do país tanto pela indústria e agricultura, como pelo comércio exterior e desenvolvimento regional. No contexto político o PT convicto em seu discurso enquanto situação e, o PSDB com a construção de sentido enquanto oposição. Logo, a disputa antagônica em torno da economia novamente produz discursos, entre 'diferentes' e, hegemônicos. Nota-se

que, ao tratar sobre da economia houve uma vontade anterior a esta formação discursiva, uma constituição de identidade e um processo constituído de momentos. Tratar da política é falar de algo que vai além de uma realidade, que se resume a demandas ilimitadas, pois sempre haverá uma falta em que as vontades tornam-se relações tensas, que geram uma incompletude, e por isso sempre ideias parciais.

Se, no passado, FHC gerou uma série de expectativas em torno do Plano Real, Lula também gerou um significado próspero pela ampliação das políticas que priorizaram o desenvolvimento social. O quarto capítulo tratou justamente deste tema, desenvolvimento social, demonstrando as propostas de ambos os candidatos e cada um construindo retoricamente suas significações discursivas. Afirmamos que conseguimos tratar dos objetivos desta pesquisa ao demonstrar, através dos recortes do HGPE, como Dilma e Aécio significaram os seus discursos e na comparação, evidenciar que entre os 'diferentes' ocorre uma coesão no tratamento dos temas, porém, resguardadas suas particularidades e concepções ideológicas.

O quarto capítulo demonstrou as significações e os sentidos gerados pelos candidatos oponentes e, reforçou a ideia de que o PT acredita no desenvolvimento dos programas sociais para ocorrer o desenvolvimento e crescimento econômico do país. O PSDB, no sentido oposto, constrói um discurso a favor dos programas sociais, mas entende ser necessário um planejamento mais complexo e técnico. Os candidatos do PT e PSDB construíram discursos antagônicos e permearam a variação de sentidos, em torno dos temas elencados, ao concentrar-se na construção retórica e nas significações discursivas, ao defender suas metas e propostas de governo.

Verificamos que, a construção retórica sobre os temas marcou, de forma clara, a separação antagônica no contexto de polarização e objetivou a construção hegemônica, em que dois lados, dois candidatos e dois discursos disputam o poder. Feita a análise, evidenciamos a confirmação da hipótese, já que, o pleito eleitoral em questão manteve a polarização PT e PSDB, portanto, com uma diferença ideológica particular, evidenciada nos dois projetos políticos distintos: o da candidata à reeleição, Dilma Rousseff (PT) e o do candidato de oposição, Aécio Neves (PSDB).

Neste sentido, o que o HGPE permite evidenciar são formações discursivas entre duas linhas de pensamento para um embate expressivo entre eles, com

propostas divergentes e em busca de diferenças antagônicas entre situação e oposição.

Portanto, temos com esta dissertação um estudo e um olhar sob a perspectiva de análise do discurso e demonstração das construções retóricas de dois candidatos, pertencentes a dois grandes partidos políticos, o que contribui para a Ciência Política e também a sociedade brasileira que buscam em bandeiras de luta política, possíveis respostas sobre a complexidade de sua própria existência.

Na política sempre haverá um inimigo constituído, uma relação de poder que não tem um lugar próprio, mas se constitui na produção hegemônica de um processo de representação em que os governados são presença através de seus representantes, o que nem sempre garante a sua vontade. Para Laclau, importa a democracia que promove a construção da vontade popular, logo, não importa o regime político perante um vazio em que tudo é contingente.

Em tempo, permitimos afirmar que, a contribuição teórica de Ernesto Laclau será sempre atual ao universo político e à discursividade. A teoria do discurso abrange conceitos que permitem refletir a política como de fato ela é, feita de momentos, da sensação de busca de um impossível, em meio à precariedade e contingência. É por isso que, avançar na análise sobre a representação, entendemos como fundamental, já que reflete a ideia de hegemonia e do vazio constitutivo em que se resume a democracia.

REFERÊNCIAS

- BURITY, Joanildo Albuquerque. Discurso, política e sujeito na teoria da hegemonia de Ernesto Laclau. In: MENDONÇA, Daniel de; RODRIGUES, Léo Peixoto (org.). **Pós-estruturalismo e teoria do discurso: em torno de Ernesto Laclau**. 2.ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2014. 212 p.
- CIRIBELLI, Marilda Corrêa. **O Projeto de Pesquisa: um instrumental da pesquisa científica**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2000.
- DERRIDA, Jacques. A estrutura, o signo e o jogo no discurso das ciências humanas. In: _____. **A escritura e a diferença**. 3ª Ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 2002, 2207-249 p.
- FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. 8ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014.
- _____. **A ordem do discurso**. 23.ed. São Paulo: Edições Loyola, 2013.
- GIORDANI, Rosselane. **Hegemonia e discurso: o sujeito que resiste**. Projeto Saber, Unioeste, Revista Travessias, v. 3, nº 3, 2009.
- GOIS, Chico de; IGLESIAS, Simone. **O lado b dos candidatos**. Rio de Janeiro: LeYa, 2014. 216 p.
- LACLAU, Ernesto; MOUFFE, Chantal. Beyond the positivity of the social: antagonisms and hemony. In: _____. **Hegemony and socialist strategy: towards a radical democratic politics**. London/New York: Verso, 1985. 93-148 p.
- _____. **Hegemonía y estrategia socialista: hacia una radicalización de la democracia**. Madrid: Siglo XXI de España Editores, 1987. Disponível em: http://www.perio.unlp.edu.ar/catedras/system/files/laclau_ernesto_-_hegemonia_y_estrategia_socialista_pdf.pdf.
- _____. **Hegemonia e Estratégia Socialista: por uma política democrática radical**. Tradução de Joanildo A. Burity, Josias de Paula Jr. e Aécio Amaral. São Paulo: Intermeios; Brasília: CNPq, 2015. (Coleção Contrassensos). 288 p.
- LACLAU, Ernesto. Tradução: MOURA, Carlos Eugênio Marcondes de. **A razão populista**. São Paulo: Três Estrelas, 2013.

- _____. **Emancipação e diferença**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2011. 222 p.
- _____. La imposibilidad de la sociedad. In: _____. **Nuevas reflexiones sobre la revolución de nuestro tiempo**. Buenos Aires: Nueva Visión, 1993. 103–106 p.
- LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 2ª ed. São Paulo: Atlas, 1990.
- LIMA, Maria Emília Amarante Torres. **Análise do discurso e/ou análise de conteúdo**. Psicologia em Revista, Belo Horizonte, v. 9, n. 13, p.76-88, jun. 2003.
- MAINGUENEAU, Dominique. **Novas tendências em análise do discurso**. Campinas, SP: Pontes, 1993.
- MENDONÇA, Daniel de. **A noção de antagonismo na ciência política contemporânea**: uma análise a partir da perspectiva da teoria do discurso. Rev. Sociologia Política, Curitiba, 20, p. 135-145, jun. 2003.
- _____. A impossibilidade da emancipação: notas a partir da teoria do discurso. In: MENDONÇA, Daniel de; RODRIGUES, Léo Peixoto (org.). **Pós-estruturalismo e teoria do discurso**: em torno de Ernesto Laclau. 2.ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2014. 212 p.
- _____; RODRIGUES, Léo Peixoto. Do estruturalismo ao pós-estruturalismo: entre fundamentar e desfundamentar. In: _____ (org.). **Pós-estruturalismo e teoria do discurso**: em torno de Ernesto Laclau. 2.ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2014. 212 p.
- _____. Em torno de Ernesto Laclau: pós-estruturalismo e teoria do discurso. In: _____ (org.). **Pós-estruturalismo e teoria do discurso**: em torno de Ernesto Laclau. 2.ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2014. 212 p.
- MIGUEL, Luis Felipe. **Democracia e representação**: territórios em disputa. 1.ed. São Paulo: Editora UNESP, 2014.
- MORITZ, Maria Lúcia R. de Freitas. **O político moralizado no discurso de Collor e Lula na campanha presidencial de 1989**. Cadernos de Ciência Política. Porto Alegre – RS, v. 2, p. 3-18, 1998.
- PINTO, Céli Regina Jardim. **Com a palavra o senhor presidente José Sarney**: o discurso do Plano Cruzado. São Paulo: Editora Hucitec, 1989.

_____. **Ciências Humanas: pesquisa e método.** Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2008.

SALES JR., Ronaldo. Laclau e Foucault: desconstrução e genealogia. In: MENDONÇA, Daniel de; RODRIGUES, Léo Peixoto (org.). **Pós-estruturalismo e teoria do discurso:** em torno de Ernesto Laclau. 2.ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2014. 212 p.

SOUZA, Fabiano Sena de. **Plano Real:** a construção de um sentido hegemônico. 000f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais. Universidade Federal de Pelotas, Pelotas. 2012.

STAVRAKAKIS, Yannis. El sujeto lacaniano: la imposibilidad de la identidad y la centralidade de la identificación. In: _____. **Lacan y lo político.** 1ª ed. Buenos Aires: Prometeo Libros, 2007.

VILLA, Marco Antônio. **Um país partido:** 2014 – a eleição mais suja da história. São Paulo: LeYa, 2014. 224 p.

www.pt.org.br

www.psdb.org.br

Revista Carta Capital. Ano XX, nº 794 de 09/04/2014, Reportagem de Capa.

Revista Veja. Editora Abril. Ed. 2387, ano 47, nº 34. 20 de agosto de 2014.

<http://www.youtube.com/watch?v=XqHe-VQ4F5o>. Acesso em Out 2014.

<http://g1.globo.com/sp/santos-regiao/noticia/2014/08/marina-silva-diz-que-sente-profunda-tristeza-com-morte-de-campos.html>. Acesso em Out 2014.

<http://globotv.globo.com/rede-globo/jornal-nacional/v/eduardo-campos-e-entrevistado-no-jornal-nacional/3559937>. Acesso em Out 2014.

<http://www.ihu.unisinos.br/noticias/514780-a-esquerda-derrotada>. Acesso em abril 2014.

<http://www.tre-sc.jus.br/site/resenha-eleitoral/edicoes-impressas/integra/arquivo/2012/junho/artigos/o-processo-eleitoral-como-instrumento-para-a-democracia/indexd90f.html?nocache=1&cHash=d05ce50591fc683eda915332d5a2aee5>. Acesso em Maio 2014.

<https://www.youtube.com/watch?v=Yw9SeukKIVQ>. Entrevista com Ernesto Laclau. Programa Opinião Pernambuco. 20/08/2013. Acesso Maio 2014.

<http://g1.globo.com/politica/eleicoes/2014/noticia/2014/05/executiva-do-pt-aprova-diretrizes-do-programa-de-governo-de-dilma.html>. Acesso em Jun 2014.

<http://www.pt.org.br/mulheres-debatem-programa-de-governo-em-plenaria-nacional>. Acesso em Jun 2014.

http://pt.wikipedia.org/wiki/Elei%C3%A7%C3%A3o_presidencial_no_Brasil_em_2014. Acesso em Jul 2014.

http://www.tse.jus.br/eleicoes/eleicoes-2014/calendario-eleitoral#5_7_2014. Acesso em Jul 2014.